

Ministro da Fazenda de Jânio é Homem de Palha da Panair

Texto na 2ª página do 2º caderno

NOVOS RUMOS

ANO I

Rio de Janeiro, semana de 10 a 16 de março de 1961

Nº 105

Diretor Executivo — Orlando Benfim Jr. | Diretor — Maria Velas | Redator-Chefe — Fragman Borges

Atrito Jânio-Berle: Povo Exige Medidas Concretas Contra Trustes

Vitoriosa a

primeira greve
na F.N.M.

Texto na 2ª página
do 1º caderno

Blas Roca:
a revolução
é invencível

EM ENTREVISTA ao nosso companheiro Almir Matos (foto), o 1º secretário do Partido Socialista Popular — o partido dos comunistas cubanos — esclarece importantes aspectos da revolução que libertou a pátria de Martí da dominação imperialista e abriu os caminhos da independência, do progresso e da liberdade. Blas Roca acentua o caráter profundamente popular da revolução e afirma que ela é invencível. Diz, entre outras coisas, o que o povo cubano espera do sr. Jânio Quadros (1ª pág. do 2º caderno).



O DESFECHO da entrevista Jânio-Berle faz aumentar o interesse do povo brasileiro acerca das medidas anunciadas pelo atual governo no terreno da política exterior. São medidas positivas, cuja concretização constitui uma necessidade inadiável. Mas, ao lado dessas providências, que não devem ser um simples biombo, o povo exige a aplicação de uma política patriótica, sobretudo no plano econômico-financeiro, em lugar das concessões aos trustes, que vêm sendo feitas pelo Ministério de Jânio. (3ª pág. do 1º caderno).

Camponeses mineiros
vão realizar
Congresso

Texto na 6ª página

Entreguistas
pedem a liquidação
da Petrobrás

Texto na 8ª página



Eleições no Chile: Comunistas Avançam Enquanto o Governo Perde Terreno

Texto na 7ª página

Oposição

ALMIR MATOS

O ANUNCIADO malágo da missão que trouxe ao nosso país o sr. Adolf Berle Junior, enviado especial do presidente Kennedy, serviu para mostrar ao nosso povo, com toda clareza, a que extremos chegam certos círculos políticos em sua submissão aos interesses dos grandes monopólios norte-americanos. Qual a proposta apresentada por Berle ao governo brasileiro? «O Globo», vangloriando-se de oferecer a «versão verdadeira» dos fatos ocorridos em Brasília — isto é, apresentando o ponto-de-vista oficial da embaixada norte-americana — esclarece em que consistia o recado transmitido por Berle: o governo dos Estados Unidos está disposto a conceder ao Brasil um crédito de 100 milhões de dólares, enquanto o Brasil se obriga a apoiar oficialmente uma «ação conjunta» para esmagar pelas armas a revolução cubana. Trata-se, como se vê, de um exemplo típico da diplomacia de «gangsters», que tem no sr. Adolf Berle, como em geral nos figurões do Departamento de Estado, um especialista de longa e provada carreira.

REPELIR uma barganha tão afrontosa e repugnante constitui, porém, para «O Estado de São Paulo» e o «Jornal do Brasil», um gesto treslucado, de consequências fatais para o nosso país e para a chamada «unidade continental». O jornal dos grandes banqueiros paulistas chega mesmo a fazer graves advertências ao sr. Jânio Quadros, repelindo os mais surrados chavões do anticomunismo. Não importa o entusiasmo com que apoiaram a candidatura do atual presidente da República, nem valem os louvores com que se referiam à sua sagacidade política. Para a «grande imprensa» tão sagrados e intocáveis são os interesses do imperialismo norte-americano que a única atitude admissível diante deles é a obediência cega, total e indiscutível. A «habilidade» é aceita e recomendável em todos os terrenos, menos naquele que se converteu em artigo de fé: a submissão aos interesses e às ordens de multi-milionários estrangeiros, que constroem o império do dólar exatamente à custa da pilhagem de países como o Brasil.

REFERIMOS-NOS, até aqui, a jornais que apoiaram a candidatura do sr. Jânio Quadros. Mas, essa mesma atitude, de completa abdicção dos sentimentos nacionais, se revela em círculos que participaram no governo do sr. Juscelino Kubitschek e que, em nome da oposição ao atual governo, agitem desde agora a extravagante bandeira JK 1965. Se, por exemplo, o deputado Abelardo Jurema toma posição contra o reatamento de relações com os países socialistas, o «Diário Carioca» tem a audácia de defender o embaixador Berle Jr. e exaltar as suas arraigadas convicções democráticas. Juntam-se, pelo visto, orientados pelo mesmo estímulo: o temor a tudo o que, mesmo de leve, possa parecer uma restrição patriótica às conveniências do imperialismo norte-americano.

O POVO brasileiro tem motivos muito sérios para fazer oposição ao governo do sr. Jânio Quadros. Mas, está suficientemente esclarecido para não confundir essa oposição com a defesa de interesses contrários aos do Brasil. O povo se opõe, antes de tudo, à própria essência do governo que aí está, cuja orientação entreguista e reacionária se reflete na composição de um ministério em que ressaltam nomes como o sr. Clemente Mariani, discípulo confessado de Eugênio Gudin, e o sr. Afonso Arinos, tão pressuroso em pedir desculpas a Berle. Os patriotas se opõem à política econômico-financeira que, seguindo a risca os figurões do FMI, mantém a portaria 113 e, com a esperada reforma cambial, abre ainda mais as portas do país à penetração do capital americano, ao mesmo tempo em que limita as possibilidades de desenvolvimento da indústria nacional. Os trabalhadores se opõem à política reacionária de «operar o cinto», de desemprego e carestia, enquanto crescem os lucros dos monopólios estrangeiros e de uma minoria de privilegiados. Opõem-se, enfim, ao atual governo, todos os que desejam que o Brasil se liberte da dependência ao imperialismo e ao latifúndio, causas de nosso atraso e da miséria de nosso povo.

ESSA é a oposição do povo. E o povo sabrá fazer com energia e firmeza.

Vitoriosa a Primeira Greve na Fábrica Nacional de Motores

A nota mais sensacional do movimento operário da última semana foi dada pelos 4.500 trabalhadores da Fábrica Nacional de Motores, que paralisaram completamente as suas atividades no manhã do dia 3 do corrente, numa vigorosa manifestação de protesto contra a falta de não haverem recebido o aumento salarial que esperavam.

Surpresa

O movimento paralisista, a primeira realizada na FNM, desde a sua fundação, eclodiu exatamente às 9 horas da manhã, quando teve início o pagamento dos salários referentes ao mês de janeiro, que os operários esperavam receber com o reajustamento que lhes fora prometido desde novembro último. A paralisação do trabalho, que se iniciou espontaneamente na primeira seção onde fora efetuado o pagamento, estendeu-se como um rastilho de pólvora a todas as demais, atingindo a totalidade dos trabalhadores, que surpreenderam os seus próprios dirigentes oficiais e a administração da empresa. E aqui nos referimos aos dirigentes oficiais, porque os autênticos líderes da classe estavam presentes na ação de protesto pela melhoria salarial, que promoveu a imediata mobilização dos 4.500 operários.

Razões da greve

Desde outubro do ano passado, quando foram decretados os novos níveis de salário mínimo, que os operários da Fábrica Nacional de Motores vêm fazendo sentir à administração da empresa a necessidade de proceder a um reajustamento salarial. O engenheiro Túlio de Alencar Araripe, que exerce a carga de diretor comercial da FNM, depois de várias promessas não cumpridas, acabou assegurando aos trabalhadores que o reajustamento pleiteado seria pago a partir do dia 1 de janeiro do corrente. Confiantes na nova promessa, os operários ficaram aguardando a melhoria salarial que deviam receber no dia 3 de março. Como isso não ocorreu, o primeiro grupo que constatou a falta negou-se a voltar ao trabalho. A notícia correu pelas demais dependências da fábrica, e pouco depois a paralisação generalizava-se, atingindo a todos os setores de trabalho.

Os operários da FNM já se encontram em estado de revolta, não apenas porque as promessas de reajustamento salarial se repetem sem nenhum resultado prático, mas porque a administração da empresa havia aplicado em outras finalidades os 18% dos lucros que, segundo os Estatutos da FNM, são destinados à distribuição entre os seus empregados. Esses dois fatos, mais a insuportável elevação do custo de vida, levaram os trabalhadores ao movimento grevista.

Entendimentos

Efetivada a paralisação do trabalho, uma comissão de operários dirigiu-se à administração da empresa, solicitando explicações sobre o não cumprimento da promessa relativa ao reajustamento salarial. Foi quando o engenheiro Túlio de Alencar, demonstrando seu evidente descaio pelas reivindicações dos trabalhadores, declarou que lhe faltou tempo para providenciar as medidas ne-

cessárias ao reajustamento salarial prometido, porque estivera doente, e que, no momento, nada mais poderia fazer, porque estava demissionário. O referido engenheiro, depois de salientar que o problema deveria ser resolvido pelos futuros diretores, fez um apelo aos operários para que retornassem às suas atividades. O engenheiro Túlio foi o primeiro a receber as manifestações de desgosto da imensa massa de trabalhadores, que valava tantos quantos lhes pediam a cessação da greve.

Concentração no sindicato

Constatada a impossibilidade de solucionar o problema naquela oportunidade, a administração da empresa, que já se mostrava muito preocupada com o grande número de trabalhadores que se concentrava em frente aos seus escritórios, acabou, ela mesma providenciando os meios de transportes necessários a que os trabalhadores se dirigissem à sede do seu Sindicato, o Palácio da Metalúrgica, a fim de aguardarem a solução que já estava sendo negociada.

Assembléia da vitória

Às 16 horas, sob a direção dos líderes Benedito Cerqueira e José Leis, respectivamente presidente e secretário do Sindicato dos Metalúrgicos, tinha início a maior assembléia até hoje realizada pelos trabalhadores da Fábrica Nacional de Motores, que fica situada no município fluminense de Duque de Caxias.

Mais de três mil trabalhadores da FNM concentraram-se no Palácio da Metalúrgica, conduzidos que foram pelos ônibus da própria empresa. Enquanto isso, uma comissão de seus representantes continuava em entendimentos com os antigos e novos administradores da fábrica, discutindo os meios de solucionar o problema. Ao cair da noite, os operários decidiram regressar ao trabalho, na segunda-feira seguinte, na base de um acordo que estabeleceu: 1) solução, dentro de 15 dias, para o reajustamento salarial pleiteado; 2) pagamento do dia de greve e do repouso semanal remunerado; 3) nenhuma punição para os grevistas.

Nova campanha

Estabelecido este acordo, os trabalhadores decidiram convocar uma nova assembléia geral, para o próximo dia 18, às 14 horas, quando deverão examinar as bases do reajustamento efetuado, e dar início a uma nova campanha, visando ao estabelecimento de um contrato coletivo de trabalho que lhes assegure um salário profissional equiparado ao dos seus companheiros da indústria automobilística de São Paulo. Além da equiparação salarial os operários da FNM deliberaram lutar para que o contrato coletivo estabeleça normas para a solução de inúmeras reivindicações, entre as quais se situam: doação, concessão ou aluguel de uma área de terra da FNM para construção da sede da Delegacia Sindical; melhoria do sistema de transporte; reajustamento do salário-família; rigorosa distribuição dos lucros aos empregados, conforme os Estatutos da empresa; e melhoria do sistema alimentar e residencial.

Primeira greve

Embora fundada em 1946, e estando os seus empregados gozando do di-

reito de sindicalização há cerca de 10 anos, foi esta a primeira vez que a Fábrica Nacional de Motores teve a sua atividade paralisada, como decorrência de um movimento grevista.

Isolados numa área distante da zona industrial da Guanabara, e do próprio centro do município de Duque de Caxias, os operários da FNM viveram sempre sob pressão de elementos reacionários, que procuravam dificultar por todos os meios, a sua organização sindical. Embora durante o ano de 1953 experimentassem algum progresso na luta pela liberdade de organização sindical, foram obrigados a recuar durante os anos de 1954 e 1955, em virtude do clima de perseguições instaurado pela administração da empresa.

Nas greves gerais dos metalúrgicos realizadas em 1955 e 1957, comandadas pelo seu Sindicato, os operários da FNM não puderam participar. Foram os únicos a ficar de fora. Por tudo isso foi grande a surpresa, tanto para a administração da fábrica, como para antigos líderes sindicais, a eclosão do movimento do último dia 3, que marcou a realização da primeira greve na Fábrica Nacional de Motores. Greve total, que revelou a existência de novos líderes, e constituiu um importante fator para o desenvolvimento da consciência de classe daqueles operários, muitos deles oriundos da lavoura, e para a elevação do seu nível de organização. Aliás, segundo declarações do líder Benedito Cerqueira, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, mais de 100 operários da FNM assinaram, por iniciativa própria, sua proposta de sócio do Sindicato na assembléia do último dia 3. O Sindicato, por outro lado, espera recrutar mais 500 novos sócios, até o mês de junho próximo, num trabalho que visa a reforçar a organização dos operários da FNM, e possibilitar-lhes a conquista mais rápida das suas reivindicações.

UMA VITÓRIA DOS TRABALHADORES

Açúcar: Aumento de Salários Sem Elevação Dos Preços

Cerca de 30 mil trabalhadores da indústria do açúcar dos Estados de São Paulo, Guanabara e Rio de Janeiro conseguiram conquistar um reajustamento salarial e evitar, ao mesmo tempo, a elevação do preço do produto, que vinha sendo imposta pelos empregadores como condição para o aumento salarial.

O aumento, 37% para os trabalhadores paulistas e 35% para os cariocas e fluminenses, foi resultado de uma longa campanha que culminou com a greve de cerca de mil operários das refinarias Magalhães, Piedade e Ramiro, situadas no Estado da Guanabara, cujos proprietários, acostumados a ficar com a parte do leão nas campanhas salariais, negaram-se a firmar o acordo assinado pelos representantes das demais refinarias, sob a alegação de que necessitavam de permissão para reajustar o preço do produto.

O acordo firmado

Durante vários dias os comercian-

tes e as populações paulista, carioca e fluminense permaneceram na expectativa, aguardando a eclosão do movimento grevista e o consequente colapso no abastecimento do açúcar, em virtude da intransigência patronal, que ameaçava levar os trabalhadores à greve geral, reivindicando melhores salários.

Os trabalhadores, atendendo à solicitação do ministro do Trabalho e do diretor do Departamento Nacional do Trabalho, adiaram várias vezes a eclosão do movimento grevista, desde que as solicitações eram formuladas mediante argumentação de que as autoridades ministeriais careciam de tempo para estudar uma fórmula que permitisse a elevação dos salários sem a concessão do aumento do preço do produto, até então imposto pelos empregadores.

Mostrando sua decisão de contribuir para a luta pela contenção do custo de vida, os trabalhadores deram os prazos que lhes foram pedidos, ao mesmo tempo que se prepararam para a paralisação do trabalho.

Finalmente, foi firmado o acordo na Guanabara, estabelecendo um aumento salarial de 35% para os cariocas e fluminenses, sendo que 20% serão pagos a partir do dia 2 do corrente, e os restantes 15% a partir do dia 2 de maio próximo. O acordo estabeleceu ainda o salário mínimo profissional de Cr\$ 12.150,00. Em São Paulo, foi homologada, no TRT, a convenção coletiva de trabalho, pela qual os operários na indústria do açúcar passaram a receber um aumento de 37%. Por outro lado, tendo em vista a relutância de algumas empresas, em não

firmar o acordo sem o reajustamento no preço do produto, as autoridades do Ministério do Trabalho resolveram solicitar à Procuradoria Geral da Justiça do Trabalho a instauração ex-offício do dissídio coletivo, e pleitear a concessão do aumento por extensão.

Reafirmação de um líder

A propósito da vitória conquistada pelos trabalhadores na indústria do açúcar, conseguindo que a maioria das empresas firmasse um acordo salarial sem subordiná-lo à elevação do preço do produto, o ministro do Trabalho,

sr. Castro Neves, afirmou, numa reunião com líderes sindicais paulistas: «É a primeira vez que os trabalhadores conquistam benefício dessa natureza, sem implicar no aumento dos preços dos gêneros.» Logo depois o ministro Castro Neves conclamou a classe operária a seguir o exemplo dos comandados do dirigente sindical Luis Tenório de Lima. Luis Tenório de Lima é um antigo e respeitado líder dos trabalhadores na indústria de alimentação, e sua atividade é caracterizada pelo mais devoto zelo aos interesses das massas trabalhadoras do Estado de São Paulo.

Defende Teu Direito

A.J.S. (Campos — Est. Rio de Janeiro).

Alega o consulente que trabalha tanto quanto um seu colega com a mesma produtividade e a mesma perfeição técnica, sendo idênticas as funções desempenhadas. Vence, entretanto, o salário menor, o que reputa injusto.

Resposta: A Constituição Federal, no seu art. 157, II, proíbe a "diferença de salário para um mesmo trabalho, por motivo de idade, sexo, nacionalidade ou estado civil".

A Consolidação das Leis do Trabalho, nos arts. 5.º e 461, consagra a mesma tese, regulamentando-a. Em tese, portanto, se o consulente faz o mesmo trabalho, com a mesma produtividade e a mesma perfeição, deve perceber o mesmo salário. A consulta, todavia, é vaga, o que nos impede de opinar mais seguramente sobre o assunto.

Se na empresa houver pessoal organizado em quadro de carreira, as promoções, e em consequência, os aumentos salariais "deverão obedecer aos critérios de antiguidade e merecimento", tais como consignados no quadro referido. (Consolidação, art. 461, § 2.º).

De outro lado, não basta que o trabalho realizado tenha o mesmo valor, feito com a mesma produtividade e a mesma perfeição técnica. A equiparação salarial só é possível "entre pessoas cuja diferença de tempo de serviço não for superior a dois anos". (Consolidação, art. 461, § 1.º).

Se todas as condições estabelecidas pela lei forem satisfeitas, acreditamos que o consulente tenha êxito na sua reclamação.

J.N.M. (Vitória — Est. Espírito Santo).

O consulente, com 9 anos e 7 meses de casa foi despedido, prontificando-se o empregador a pagar-lhe as reparações na seguinte proporção: 10 períodos de indenização e 1 mês de Aviso Prévio. Está correto?

Resposta: Não está. Apesar de não ser estável, o empregado está às vésperas da estabilidade. O empregador pode despedir o empregado em qualquer momento, desde que a indenização seja superior a dois anos. Mas a indenização há de ser dobrada, porque o que se evitou foi a aquisição da estabilidade. Dispõe o § 3.º do art. 489 da Consolidação das Leis do Trabalho que: "A despedida que se verificar com o fim de obter ao empregado a aquisição da estabilidade, sujeitará o empregador a pagamento em dobro da indenização prescrita nos arts. 477 e 478".

Os Tribunais Trabalhistas têm entendido, em pronunciamentos constantes, que despedido o empregado, depois de 9 anos e 6 meses de vigência do contrato de trabalho, a indenização em dobro será sempre devida, isto quando o empregado não concorrer com nenhuma causa para a rescisão contratual.

No caso, admitindo a inexistência de justa causa, foram oferecidas ao empregado as indenizações e o Aviso Prévio.

O consulente tem, pois, direito, a receber o correspondente a 20 meses de indenização e a um mês de Aviso Prévio.

G.C. (Estado da Guanabara).

Como já se frizou, na resposta à primeira consulta, o mesmo trabalho deve merecer, sempre, a mesma remuneração. A lei não permite que se pague metade do salário a menor, pelo simples fato de ser ele menor. Permite que se pague a metade do salário a menores aprendizes, submetidos a aprendizado metódico, devidamente programado, fiscalizado e autorizado pelo S.E.N.A.I. e pelo S.E.N.A.C., como estipulado no art. 80 da Consolidação das Leis do Trabalho e regulamentado no Decreto n.º 30.342, de 24.12.1951.

Se o consulente, não é aprendiz, deve recorrer à Justiça do Trabalho, reclamando diferenças salariais, não perdendo de vista que, apesar do disposto no art. 11 da Consolidação "... prescreve em dois anos o direito de pleitear a reparação de qualquer ato... contra os menores de 18 anos não corre nenhuma prescrição", de acordo com o art. 410 da mesma Consolidação.



Deocleciano (CNTI) Intimidado a Dar Conta de 8 Milhões

A comissão de inquérito instituída para averiguar as irregularidades cometidas no Fundo Social Intimou o sr. Deocleciano de Hollanda Cavalcanti a prestar contas da verba de 8 milhões de cruzeiros, que recebeu em

1951, para aplicar em construções imobiliárias destinadas aos trabalhadores. A referida prestação de contas terá de ser feita até o próximo dia 10, quando, pelo menos, uma parte da história há de ser contada pelo sr. Deocleciano de Hollanda Cavalcanti, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria, e conhecido e intransigente defensor do sindicalismo «livre».

A outra parte, se é que a comissão de inquérito está realmente interessada em conhecer, deverá ser contada pelos líderes sindicais reconhecidamente honestos da Guanabara, que

conhecem muito bem os detalhes de escândalo dos 8 milhões de cruzeiros, e de outros semelhantes.

O sr. Arnaldo Sussekind, que preside a citada comissão de inquérito, desempenhou, por muito tempo, a função de assessor da CNTI. Esse fato, por certo, não o deixará constrangido, e nem o impedirá de levar até o fim a missão que lhe foi designada pelo presidente da República, a não ser que haja outras razões para isso. Contudo, os trabalhadores esperam que o inquérito seja para valer, e que os seus autênticos líderes sejam chamados a depor.

Aeroviários elegeram sua nova diretoria

A chapa encabeçada pelos dirigentes sindicais Othon Canedo Lopes, Moacir de Sá Palmeira e João da Silva Matos saiu vencedora do pleito que se realizou entre os dias 27 de fevereiro e 3 de março corrente, para a escolha da nova Diretoria do Sindicato Nacional dos Aeroviários. A chapa vencedora recebeu 2.030 votos, enquanto que a encabeçada pelos líderes sindicais Juracy Costa, Altair Hespanha e Zambira Joaquim dos Santos obteve 1.734 votos. A posse da nova Diretoria deverá ser efetuada ainda neste mês e, ao que tudo indica, se caracterizará como um ato de congraçamento de toda a combativa categoria profissional de aeroviários, uma vez que os componentes de ambas as chapas que concorreram ao pleito eleitoral demonstraram a sua decisão de continuar trabalhando pela unidade da corporação e pela conquista das suas reivindicações.

Solidariedade a Revolução Cubana

Ribeirão Preto, fevereiro (Do Correspondente) — Estudantes, trabalhadores e grupos nacionalistas desta cidade iniciaram uma vasta campanha de solidariedade à Revolução Cubana, da qual participam também numerosas personalidades da vida política e social ribeirão-pretana.

Uma «Quinzena de solidariedade a Cuba» foi preparada, figurando entre as manifestações programadas, a realização de palestras que foram pronunciadas, nos dias 10, 13, 15, 16 e 17, por intelectuais e universitários. As palestras foram transmitidas pela «Rádio Cultura de Ribeirão Preto» e tiveram grande audiência. Os conferencistas abordaram em suas palestras os diversos aspectos da Revolução Cubana,

na, as grandes reformas realizadas na ilha pelo governo revolucionário. Telegramas e abaixo-assinados foram enviados ao presidente da República e aos deputados nacionalistas na Câmara Federal, todos de protesto contra as ameaças norte-americanas de intervenção em Cuba e de solidariedade à luta do povo cubano.

Os conferencistas

As palestras programadas foram pronunciadas pelo sr. Newton Mendes Garcia, presidente do Centro Nacionalista «Olyvo Bilal» pelo sr. Milton Viana, universitário; pela sra. Maria Apurizada Baerger, pelo médico Cláudio de Souza Filho e pelo sr. Antônio José Moreira.

Fed. dos Professores está com Lumumba e com Álvaro

A Federação Interstadual dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino enviou ao presidente da República telegrama em que se solidariza com o «justo e decidido protesto do governo brasileiro contra o assassinio de Patrice Lumumba, herói e mártir da causa da independência de sua pátria e demais nações da África libertada.» O telegrama reitera a confiança da entidade em que o sr. presidente cuidará do fiel cumprimento de sua determinação à delegação brasileira à ONU, com referência ao caso de Lumumba.

A FITEE enviou também ao escritor Álvaro Moreira telegrama em que protesta veementemente contra «odioso processo em que se pretende envolver ilustre escritor patricio e demais mestres da ex-Universidade do Povo, procedimento inquisitorial esse que afronta o regime democrático vigente no país e só constitui motivo de dor para seus autores... A Federação expressa sua inflexível solidariedade ao escritor.

DESACORDO NA ENTREVISTA JÂNIO-BERLE

PATRIOTAS EXIGEM MEDIDAS CONTRA OS TRUSTES IANQUES

As circunstâncias que envolveram o encontro, em Brasília, entre o sr. Jânio Quadros e o embaixador Adolf Berle Jr., acentuaram o interesse com que vêm sendo acompanhadas pela opinião pública as declarações e certas medidas adotadas pelo atual governo no âmbito da política externa. O encontro entre Jânio e Berle terminou em desacordo: o oferecimento de um humilhante emprés-

tim de 100 milhões de dólares não foi aceito, assim como foi repeli-

da a idéia de vir o Brasil a apoiar uma "ação coletiva" dos países americanos contra o Governo Revolucionário de Cuba. A insistên-

cia do representante de Kennedy em defender suas exigências teria sido tão grande que a entrevista se encerrou em termos ásperos. Berle regressou aos Estados Unidos antes do prazo previsto, ocorrendo ainda o detalhe de não haver comparecido ao seu embarque nenhum representante do governo brasileiro.

Esse fato serviu para que vários dos jornais mais ligados aos interesses imperialistas recrudescessem o seu desabrido ataque ao que consideram uma "reviravolta na política exterior". O "O Estado de São Paulo" e o "Jornal do Brasil", sobretudo, desfecharam uma violenta ofensiva, insistindo nas teses colonialistas de que o nosso país está fatalmente condenado a condição de quintal dos Estados Unidos.

Essa atitude, aliás, é encontrada também em círculos do próprio governo. Veja-se, por exemplo, a pressão com que o ministro Afonso Arinos saiu a pedir desculpas a Berle pela ausência de representantes oficiais ao seu embarque, dando lugar a que o próprio Berle respondesse que fora dele a iniciativa — ou a falta de respeito pelas autoridades brasileiras — de voltar antecipadamente aos EUA sem disso dar nenhuma satisfação ao Hamarati.

Enquanto esses grupos investem de modo raivoso contra a mais leve alteração da política de obediência cega às ordens dos trustes e do Departamento de Estado ianques, os patriotas brasileiros exigem do sr. Jânio Quadros que medidas como o reatamento de relações com os países socialistas, a recusa a qualquer tipo de intervenção estrangeira em Cuba e um amplo entendimento com os países afro-asiáticos que se libertaram da dominação colonial, sejam efetivadas ao menor prazo, sem nenhuma vacilação. Tais medidas, juntamente com a atuação independente de nossos delegados na ONU, vêm sendo reclamadas há muitos anos pelos nacionalistas e democratas, e com elas se comprometeu o sr. Jânio Quadros em sua campanha eleitoral. A sua adoção será uma vitória do povo brasileiro e do movimento nacionalista. A essas forças patrióticas cabe agora a tarefa de, através de todo tipo de manifestações de massas, derrotar as manobras dos mais raivosos entreguistas, levando o governo a transformar em atos concretos as suas declarações.

Palmital, fevereiro (do Correspondente) — Aplaudindo a decisão da Comissão de Justiça da Câmara Federal, que aprovou o projeto do deputado Campos Vergal dispondo sobre a revogação do art. 58 da Lei Eleitoral, personalidades desta cidade, o presidente e vice-presidente da Câmara de Vereadores, dirigentes sindicais e estudantes enviaram telegrama ao presidente da Câmara Federal redigido nos seguintes termos:

Os abaixo assinados, brasileiros, residentes na cidade de Palmital, Estado de São Paulo, tomando conhecimento de que a douta Comissão de Justiça dessa Egrégia Câmara, aprovou o Projeto de Lei de autoria do Deputado Campos Vergal, que propõe a eliminação do artigo 58 da Lei n.º 2.550, que trouxe modificações na Lei Eleitoral vigente, artigo esse que veda, contrariando dispositivos constitucionais, a inscrição de candidatos a cargos eletivos, que tenham pertencido a partidos políticos que ti-

veram seu registro eleitoral cassado, num período, eventual, de ascenso reacionário, vêm, respeitosamente, solicitar dessa digna Presidência as medidas necessárias à mais breve inserção do projeto citado, na Ordem-dia dos trabalhos dessa Casa. Outrossim, manifestam os signatários a sua confiança no espírito democrático da maioria dos componentes dessa Câmara, no sentido da aprovação de projeto tão importante para a vida política de nossa Pátria, agora, mais que antes, numa acentuada marcha para a sua completa democratização.

A primeira assinatura do documento é a do doutor Feres Camarham Tanus, Presidente da Câmara, seguida da assinatura do professor Arnaldo Valente, vice-Presidente do Legislativo local. Também, contendo 35 assinaturas, foi enviado ao presidente do Senado Federal, abaixo-assinado em favor da escola pública, contra o Projeto de Dinheiro e Bases

ro — sintomaticamente reproduzido na última terça-feira pelo "O Globo" — que não havia motivos para inquietação em face das atitudes do sr. Jânio Quadros em relação à política exterior. Esclarecia o "N. Y. Times": "Os norte-americanos fariam bem em ser pacientes. O presidente Quadros está completamente comprometido com o Ocidente democrático. Sua nação é tradicionalmente amiga dos Estados Unidos. Temos todas as razões para confiar nele e deixá-lo resolver seus próprios problemas, a sua maneira".

Missão dos nacionalistas
As forças nacionalistas e o povo brasileiro e que não podem, de nenhuma maneira, conformar-se com manobras desse tipo. As justas e necessárias medidas anunciadas na esfera da política exterior só podem dar os resultados favoráveis que elas comportam no caso de serem acompanhadas de medidas internas, sobretudo no terreno econômico-financeiro, de caráter nacionalista e democrático, orientadas no sentido do desenvolvimento econômico independente do país. Esta deve ser, naturalmente, a atitude das forças nacionalistas: pressionando no sentido de medidas justas em matéria de política externa, denunciando vigorosamente a orientação entreguista e reacionária do governo imprimida a política econômico-financeira e exigir uma orientação que reflita as exigências das forças patrióticas e corresponda aos interesses do povo.

Prestes falará
sobre o significado
da Reunião de Moscou

No próximo dia 21, à noite, o camarada Luiz Carlos Prestes pronunciará em Niterói uma conferência pública sobre a importância e o significado da Reunião de Moscou na qual participaram representantes de 81 partidos comunistas e operários de todo o mundo.

Palmital: Manifestação Pela Revogação do Art. 58 da Lei Eleitoral

Palmital, fevereiro (do Correspondente) — Aplaudindo a decisão da Comissão de Justiça da Câmara Federal, que aprovou o projeto do deputado Campos Vergal dispondo sobre a revogação do art. 58 da Lei Eleitoral, personalidades desta cidade, o presidente e vice-presidente da Câmara de Vereadores, dirigentes sindicais e estudantes enviaram telegrama ao presidente da Câmara Federal redigido nos seguintes termos:

Os abaixo assinados, brasileiros, residentes na cidade de Palmital, Estado de São Paulo, tomando conhecimento de que a douta Comissão de Justiça dessa Egrégia Câmara, aprovou o Projeto de Lei de autoria do Deputado Campos Vergal, que propõe a eliminação do artigo 58 da Lei n.º 2.550, que trouxe modificações na Lei Eleitoral vigente, artigo esse que veda, contrariando dispositivos constitucionais, a inscrição de candidatos a cargos eletivos, que tenham pertencido a partidos políticos que ti-

SAO PAULO

Comunistas da Capital Com Cantídio e Rio Branco Paranhos

Partindo da necessidade da união das forças que, em São Paulo se opõem a política reacionária e entreguista tanto do governo federal quanto do estadual, os comunistas resolveram apoiar as candidaturas dos senhores Cantídio Sampaio e Rio Branco Paranhos respectivamente à prefeitura e vice-prefeitura da Capital. A verdade é que em torno do candidato a prefeito indicado pelo PSP e do candidato independente a vice-prefeitura Rio Branco Paranhos reunem-se não apenas os elementos mais esclarecidos do proletariado, dos estudantes e da intelectualidade, mas também setores importantes das camadas médias, de industriais e comerciantes. Esclarecendo sua atitude, os comunistas lançaram um manifesto assinado por Moacir Longo, Antônio Chamorro e Joaquim Câmara Ferreira, cujo texto reproduzimos abaixo.

A escolha do prefeito e do vice-prefeito da Capital, no próximo dia 26 de março, reveste-se de grande importância para o eleitorado, que, através da arma democrática do voto, poderá alcançar soluções para os mais angustiantes problemas da cidade.

Realizando uma política baseada nos interesses da classe operária e das grandes massas populares, os comunistas não podem deixar de participar de um pleito que põe em jogo os destinos da capital de São Paulo, com repercussões de alcance estadual e nacional.

Ao intervir no processo sucessório, os comunistas, como expressiva corrente política, entraram em entendimentos com todos os partidos e personalidades políticas, candidatos e possíveis candidatos, propondo-lhes o estabelecimento da unidade em torno de um programa, visando à solução de alguns dos mais importantes problemas da capital, como: telefones, gás, calçamento, enchentes, transportes, iluminação, abastecimento, educação, higiene e outros, sempre em obediência aos princípios de uma política popular, democrática e nacionalista.

Ao concluírem esses entendimentos, os comunistas decidiram

apoiar a candidatura do sr. Cantídio Sampaio, por considerá-lo, dentre os candidatos apresentados, aquele que tem condições de realizar uma administração voltada para os interesses da população. Apoiamos o sr. Cantídio Sampaio independentemente do partido do candidato e de qualquer partido eleitoral, por ser esta a campanha, lançada pelo P. S. P. e apoiada pelo P. S. D., aquela que pode objetivamente unir as forças nacionalistas e democráticas, que, na esfera estadual e federal, combatem as forças reacionárias e entreguistas. Estas forças são representadas pelos srs. Carvalho Pinto e Jânio Quadros, que alcançaram o poder nas últimas eleições, e agora tentam a conquista da prefeitura do município de São Paulo.

Apesar das promessas eleitorais que fizeram, os srs. Carvalho Pinto e Jânio Quadros não tomaram nenhuma medida contra a carestia de vida, a remessa de lucros das empresas estrangeiras, o monopólio da terra, mas, ao contrário, ameaçam liquidar as liberdades democráticas, obrigar o povo a "apertar o cinto" para enfrentar as dificuldades econômicas do país, perseguem o funcionalismo e nada fazem contra os tubarões e especuladores. Ao participarem da campanha eleitoral, os comunistas chamam todos os patriotas e democratas a unirem-se contra essa política desastrosa para os interesses nacionais e populares e que não solucionarão os problemas do povo brasileiro.

As candidaturas dos srs. Emilio Carlos, Prestes Maia e Farabullini Júnior estão vinculadas e comprometidas com as forças reacionárias e entreguistas da política estadual e nacional. Portanto, pertencem a um só agrupamento político — embora momentaneamente divididas em facções —, representam os inimigos principais do povo brasileiro: os latifundiários, a burocracia paulista e os agentes de imperialismo norte-americano. Para combater e derrotar essas candidaturas é necessário, portanto, a mais ampla unidade das forças populares e nacionalistas. Essas

candidaturas conseguiram atrair algumas forças nacionalistas e populares, como o P. T. B. e outros grupos; esperamos que essas forças abandonem tais candidatos e venham engrossar as fileiras dos que lutam pela eleição de Cantídio Sampaio.

Os comunistas apoiam a candidatura do sr. Rio Branco Paranhos para vice-prefeito, que deve merecer o apoio dos mais extensos setores da população, pelos grandes serviços por ele prestados há mais de 20 anos nos trabalhadores e à coletividade paulistana. Conclamamos todos a trabalhar com o maior entusiasmo e decisão pela vitória de Rio Branco Paranhos.

A petição enviada ao T. R. T. pela direção do Partido Social Progressista revela surpreendente incompreensão da realidade social e política do Brasil e do mundo, ao pretender cassar o direito constitucional de voto aos comunistas, quando deveria — isto sim — apoiar a revogação do art. 58 da Lei Eleitoral, instrumento de discriminação ideológica, e pugnar ao lado de outras correntes pela legalidade do partido político da classe operária: o Partido Comunista do Brasil. Ademais, a matéria que tanto preocupou o delegado do P. S. P. já foi objeto de julgamento e jurisprudência no Tribunal Superior Eleitoral, assegurando aos comunistas, à luz da Constituição Federal, o direito de voto e, não apenas isso!, também o dever cívico de, como eleitores, comparecerem às urnas.

No legítimo exercício desse direito, sem levar em consideração tais incompreensões — que poderão comprometer a vitória do candidato porque se chocam frontalmente com os sentimentos democráticos do povo brasileiro — os comunistas votarão e conclamam o povo a votar no sr. Cantídio Sampaio e no sr. Rio Branco Paranhos, a 26 de março. São Paulo, março de 1961

Moacir Longo
Antônio Chamorro
Joaquim Câmara Ferreira



UFE: Estudantes Aplaudem o Capitão Galvão

A sede da União Nacional dos Estudantes esteve repleta de jovens, sábado, dia 1, que ali foram assistir colorosamente o herói da luta anticolonialista, capitão Henrique Galvão. Vários oradores

mostraram a ressonância que teve em todo o mundo a façanha realizada pelos portugueses assaltando e libertando o vapor «Santa Maria», fato que elevou a luta antifascista na Península Ibérica a um nível mais alto. O capitão Galvão

agradeceu emocionado a manifestação, aproveitando a oportunidade para declarar que eles e seus companheiros de luta não desmentarão enquanto não for derrubada a dinastia de Salazar.

Fora de Rumo

Raulo Motta Lima

Um cronista já disse que "O Globo" era o catedrático da reação. Esse título, embora bastante disputado, parece que cabe mesmo ao vespertino dos irmãos Marinho. Tem no entanto o jornal outras qualidades. É, sem dúvida, noticioso, mas é também muitíssimo gozado. Pegamos ao acaso um de seus exemplares e logo ficamos sabendo que a prática do contrabando no País já vinha sendo suspeitada desde junho. Desde junho, sim senhores!

"O Globo", que evita, tuques de portugueses, preferindo tratá-los como lusos, divulga que devido as suas "admiráveis qualidades de inteligência" o comendador Alves Sarda foi condecorado com a Ordem do Cruzeiro do Sul. Então, e admirável a inteligência num abastado comendador? Ora, essa!

Também ficamos com as admiráveis qualidades "O Globo", que alguns brasileiros acabam de inventar complicados aparelhos que se destinam a tornar a vida mais simples. Entre esses

engenhos figura um dispositivo para estacionar sem manobra um rabo-de-peixe em vagas onde mal pode acomodar-se um "Volkswagen"; um aparelho para cura pelo sono mais eficiente que os artigos do embaixador João Neves, uma espingarda que funciona com pilha elétrica e um mareador de doses de uísque, destinados às pessoas que não dormem nem mesmo com a literatura daquele ilustrado diplomata da Esso ou a tiros de espingarda elétrica.

Nada houve mesmo exemplar do jornal suplanta a nota que nos revela a verdade, toda a verdade e nada além da verdade, sobre o encontro, quase histórico, do sr. Jânio Quadros com o sr. Adolf Berle. Citou-se, segundo "O Globo", a falsa ideia de que o encontro "resultou em atrito". O jornal prova que não. Vejamos como

traz as intenções de seu país" de ajudar o nosso, com um empréstimo de cem milhões de dólares. O Sr. Jânio Quadros "mostrou-se relutante em aceitar o empréstimo". Berle falou sobre dificuldades dos americanos no Caribe e pediu ajuda brasileira na OEA (já depois da diplomática oferta de dinheiro). Jânio "manteve-se no seu ponto-de-vista". Não houve no encontro "troca de palavras ácidas". O que, em química, quer dizer palavras capazes de libertar íons, quando em solução forte ou, traduzindo mais claramente o eufemismo: não houve troca de singulares, através de fórmulas ebulas, ou mesmo clássicas. Contudo, admite o jornal que Berle deixou o Alvorada "decepcionado, triste, mas de forma alguma irritado". Além do que, ao seu embarque de regresso a Washington, não compareceu nenhuma autoridade da Presidência da República ou do Hamarati. Fora isso, tudo vai bem, nada tendo havido que "resultasse em atrito", com palavreado de porta de tendinha.

Estados Unidos da América?

A Embaixada Americana tem distribuído a larga, gratuitamente, nas escolas públicas do Brasil, de preferência nas frequentadas por crianças de espírito em formação, um livro muito vistoso, cheio de figuras, mapas, estatísticas, etc., dizendo que o inventor do avião não foi o brasileiro Santos Dumont, mas os irmãos Wright, americanos; e que o inventor da máquina de escrever não foi um padre brasileiro, mas um americano qualquer.

seguidas com a cumplicidade de governos títeres. Entre pessoas já amadurecidas, tal propaganda, só pode ser contraproducente. Da uma clara demonstração de que a América do Norte é um país que, além de querer roubar a glória de descobrimentos e invenções de outros povos, ainda se apropria, pela suborno ou pela violência, dos territórios vizinhos, despojando os países mais ricos de suas terras e suas riquezas. Não é por acaso que o país que devia chamar-se EE.UU. da América do Norte, o que definiria o seu real situação, chama-se, como a indicar os seus intuídos de pilhagem e dominação, EE. UU. da América. Essa denominação representa a ideia criminosa dos «gangsters» americanos, se opõem, pelos costumeiros processos indignos, de todas as terras das Américas, incorporando-as ao seu país. Essa é a pretensão de um país que se julga dono do mundo livre: sentença armada da «civilização ocidental e cristã» e gendarme do imperialismo.

NR na Bahia

Trabalhadores da Suerdieck Fabrica 3 e Ganha Por 1

SALVADOR (Do Correspondente) — Instituído o que os trabalhadores chamaram o regime de produção «2 por 1», a fábrica de Charutos Suerdieck aplica, na prática, um aumento da jornada de trabalho com a consequente desvalorização do salário. O processo, correndo uma série de manobras no sentido de evitar o pagamento do salário mínimo, consiste em fazer o trabalhador preparar um charuto de 23 cms. e com dois bicos, para depois cortá-lo ao meio e obter assim dois ao invés de um. Antes, o trabalhador fazia um de 10 cms. e com um bico. A norma adotada não passa de exploração descarada, desde que o operário ganha por unidade e a fabricação dos novos modelos leva o tempo que se gastava anteriormente para a confecção de 3 charutos de 10 cms. Essa situação provocou revolta entre os trabalhadores, tendo-se, muitos deles, recusado a trabalhar sob o novo processo sem receber o aumento salarial correspondente. Em virtude disso, 3 operários que gozavam de estabilidade foram demitidos e vivem hoje nas piores condições, à espera que a Justiça do Trabalho resolva os seus casos.

os trabalhadores, que vão inclusive ao não pagamento das férias já vencidas, o que e o caso de todos, são promovidas, segundo informaram alguns operários da indústria, pelo gerente da empresa, sr. Valdo Herondino. Todo operário que insiste em receber as férias que lhe são devidas, está inclusive ameaçado de ser demitido. Foi o que ocorreu com o operário Francisco Gonçalves, que teve de desistir de recorrer à Justiça do Trabalho para não perder o emprego. Dura realidade. A indústria, para justificar a exploração e o não pagamento dos salários reais e das férias, alega uma situação difícil e ameaça de falência. A realidade, entretanto, é outra. A Cia. vem aumentando cada vez mais o seu patrimônio e intensifica a plantação de fumo em terras de sua propriedade, tais como a fazenda em Cruz das Almas. O Sindicato dos Trabalhadores do Fumo em São Felix e Cachoeira, entretanto, está tomando todas as medidas no sentido de garantir os direitos dos trabalhadores e impedir que a fábrica continue a sistema de exploração desumano a que vem submetendo seus operários.

Férias atrasadas

NR no Espírito Santo

GRILHEIROS EM ESTRÊLA DO NORTE REVIVEM CANGACEIRISMO

Vitória (Do correspondente) — Informações chegadas da região de Estrêla do Norte dão conta de uma série de violências praticadas contra humildes lavradores locais por parte de grileiros acobertados pela conveniência policial e a ajuda pessoal de um brigadeiro reformado. Segundo depoimento do sr. José A. das Virgens, secretário-geral da Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Estado do Espírito Santo, que visitou aqueles lavradores, as violências foram o recurso de que lançaram mão os senhores José e Manoel Resende, a fim de expulsar da propriedade do sr. Antônio Resende, seu irmão, atualmente sofrendo das faculdades mentais, os lavradores que este ali havia recebido, sem maiores oposições. Anteriormente, havia os referidos grileiros tentado obter da esposa do senhor Antônio Resende procuração para retirar os lavradores no que não foram satisfeitos. Lançaram mão, então, do seu plano de depreciação e violência. Após terem assaltado a fazenda do proprietário, venderam o gado e dali carregaram inúmeros objetos. Com a colaboração do brigadeiro reformado Annes conseguiram ludibriar as altas autoridades do Estado, dizendo terem sido os lavradores vizinhos os autores do roubo, conseguindo, por este meio, os recursos para praticarem o ato de violência contra os posseiros. Utilizando-se de uma data marcada para uma reunião com os posseiros, cerca de trinta homens investiram sobre as casas dos mesmos. O bando, composto, em sua maioria, por soldados, e alguns civis, era comandado pelo tenente Euclides, o brigadeiro e os irmãos Resende. Os seus componentes invadiram as casas, disparando as armas e pondo em pânico mulheres e crianças, aproveitando-se ainda da circunstância de os homens se encontrarem afastados em sua labuta diária. Saquearam, quebraram o que puderam e atearam fogo às casas, enquanto à força das armas delinham os que procuravam salvar alguma coisa. Das mulheres e crianças, que não abandonavam logo o local, tiravam violentamente os roupas, deixando-as nuas, expostas à chuva que caía tor-

rencialmente. Inclusive uma mulher, que dera à luz há apenas dois dias, foi arrancada das tábuas onde repousava e lançada à chuva, junto com a criança. Esta morreu dois dias depois. A mulher enlouqueceu, vindo a morrer mais tarde. O seu marido desapareceu. Um lavrador foi obrigado a cortar os estios da própria casa que ruíu. Um casal de velhos de cem anos foi pôsto à chuva. Soldados vigiavam os caminhos para que os lavradores não voltassem e colhessem em suas plantações. Ocupando os caminhos, obrigavam os fugitivos a tomar a mata emaranhada de cipó e espinhos, em sua maioria aos trapos. Hoje, as roças estão destruídas pelo gado, os casos incendiários. Os lavradores, dispersos pelas redondezas, exibem o triste espetáculo do miséria e da desgraça trazida pelas mãos dos grileiros Resende, de Estrêla do Norte. As características das investidas bandidas que massacraram os pobres camponeses chegam às raízes do mais hediondo cangaceirismo, enquanto que as autoridades estaduais não tomam qualquer medida punitiva ou mesmo de auxílio às vítimas dessa ignomínia.

NR no R. G. do Sul

Pôrto Alegre: Estudantes Repudiam Visita de Ministros de Stroessner

Quando da visita de diversos ministros do governo paraguaio ao Estado, manifestações de desgosto se fizeram sentir. A Federação dos Estudantes da Universidade do Rio Grande do Sul lançou o seguinte manifesto: «A FEURGS, considerando: 1) A tradição democrática do povo brasileiro, agora confirmada pelo seu novo governo, no repúdio às ditaduras que o oprimem vários povos irmãos; 2) A natureza totalitária do atual governo paraguaio que cobre de opróbrio e miséria o valente povo guaraní, que com justiça e bravura levanta-se contra os mercenários de Stroessner; 3) O revoltante assassinato de diversos patriotas que, diante da super-

NR no Amazonas

VEREADORES, ADVOGADOS, UNIVERSITARIOS E LIDERES SINDICAIS DIRIGEM-SE A FIDEL CASTRO

Povo de Manaus ao Lado de Cuba

Manaus — fevereiro (Do correspondente) — Assinado por centenas de vereadores, advogados, escritores, universitários, funcionários públicos, comerciais, dirigentes e líderes sindicais residentes nesta capital, acaba de ser enviado ao primeiro-ministro Fidel Castro um documento no qual os signatários testemunham o seu apoio à luta heroica do povo cubano que, com dignidade e firmeza, se libertou do jugo de seus inimigos, expulsando-os do seu território, entregando as riquezas aos próprios criadores. A seguir damos o documento na íntegra com as assinaturas. Exmo. Nrr. Fidel Castro M. D. Primeiro-Ministro da República Cubana HAVANA — Cuba

Encarnação do Nascimento, César da Silva Tavares, Manuel Roque Carneiro, Raimundo Evangelista de Oliveira, João D. da Silva, José Américo Pinheiro, Otávio Oliveira, Getúlio Amazonas Cavalcante, Antônio Simões, Manoel Raimundo Cumape, Abel dos Santos Cordeiro, Demóstenes da Silva Menonça, Guilherme Bastos, J. V. Rodrigues Alves, Ruy Lins, Vasco Tabosa Braga, — Portuários; Mário Jorge do Amaral, — estivador; Belramino Alves Marreiro, — barbeiro; Emanuel Lopes, Ernesto Otton — fotógrafo; Oscar Ramos — jornalista; Etelvina Mesquita — parreira; João Leal, Mário Fernandes, Ricardo Mendes Medeiros, Maria Aurea Mendes Medeiros, José Adalberto dos Santos, Sebastiana Menezes Fragata, Maria Helena Mendes de Medeiros, Francisca da Silva Melo, José Reinaldo de Lima, Vanildo da Silva, Luiz Carlos P. Pucc, Alcindo Augusto Leda, Walter Batista Vieira, Sérgio Cardoso Sacramento Luiz Abensour Ferreira, Ely Monte Conrado, Francisco de Assis da Silva, José Mendes, Alda Pêres da Costa, Alvaro Gala Nina, Agenor Gala Nina, Ambrosio Gala Nina, Otávio Biquiera de Farias, Helianes Marques Perreira, Luterly Machado, Judith Rodrigues Pucc, Alberto Rodrigues Pucc, Jorge de Souza Azevedo, Raimundo Nonato F. Vieira, Sebastião Vieira, — estudantes; Nair Santana da Silva, Domingas Meireles Pucc, Domitila de Melo Dantas, Maria Carneiro Leal da Silva, Margarida Carneiro Leal da Silva, Aurea Mendes de Medeiros, Maria Raimunda de Oliveira, Neome Rodrigues Marques, Francisca Marques Freire, Expedita Lopes Teixeira, Cecília Lopes, Odete Lopes, Geraldina Ribeiro, Leonor Coelho, Lindemir da Silva Oliveira, Francisca da Silva Oliveira, Ester Cardoso, Aldira Santos, Maria Rogéria de Brito, Domingas Vieira França, Alcina Chaves da Silva, — donas de casa; Horácio Nunes dos Santos — alfaiate; Edgar José Correa — carregador; Edson Xavier Nogueira, Guilherme Leal da Silva, Pedro Soares, Mario Soares Pereira, Francisco Pedro de Oliveira Pessoa, João Messias de Oliveira, Osmir de Albuquerque, José Porfírio Alves, Antônio Pereira da Silva, Domingos Araújo, Manuel Lôbo de Carvalho, Fernando Lima da Silva, Augusto Marinho, Demétrio Sismundo de Lima, André M. da Costa, Edmundo Pinto, Oscar da Silva Leite, Eufrazio Pereira da Costa, Herton Veiga Monteiro, Sérgio da Silva, Antônio Moacir Pinho, Manuel Teodoro da Silva, Máximo Pinheiro dos Santos, Raimundo Dias de Sena, Eurico de Castro, Otacilio Lauro da Silva, Oriol Dias de Sena, Francisco Nascimento dos Santos, José Lemos Marinho, Odemar Matos Almeida e Silva, Manoel Gomes de Oliveira, Marcellino Emílio dos Santos, Alci Corintianos, Jaime Pereira da Silva, Miguel Jacob de Afaide, Francisco Barroso Lima, Rogildo Beroaldo dos Santos, Afonso Pereira da Silva, Pedro Soares da Silva, Aldemir Mendonça, Manuel Pinheiro, Carlos Ferreira Lima, Adamor Mendonça, Francisco Ferreira Teles, José Régio Sales, Manuel Félix de Oliveira, Manuel Vicente Pinto, Anízia de Gies, Adonias Nogueira Freitas, João Gomes, Francisco R. Silva, Camilo Duque Pinto, Nabor Guedes Gomes, Raimundo do Carmo Figueira, Ary Ribeiro Nogueira, José Cláudio da Silva, Francisco A. Mota, José Geraldo de Lemos, Pedro Gabriel Santana, João Mendes de Souza Raimundo Gomes, Sampaio da Silva, Pedro A. de Andrade, Amaro Soares Cavalcante, Francisco Rodrigues Fontenelle, Walter Souza Lima, Americo Cavalcante de Araújo, Renato C. A. Cabral, Hallanes Marques Pereira, Raul Moura Lima, Antônio Altino da Silva, Esmeralda da Silva Guimarães, Mário Alves, Manuel Henrique Filho, Verocelides França, Antenor de Souza Caldas, Francisco Gesta Pinheiro, Francisco Pascoal da Silva, Francisco Moreira Mendes, Francisco de Paula Barbosa de Melo, Olav Pereira Victor, Raimundo Pereira da Silva, Luiz Pereira da Silva, Mariano Vilal, Tancredo Soares da Costa, Raimundo Paiva Gomes, Bertoldo Alves da Silva, Miguel Aranzio Barbosa, Antônio Santos Guimarães, Francisco Marques de Oliveira, Moacyr de Souza Caldas, Anastácio Assunção, Alexandre Assunção Meira, Joventino Assunção, Edson Briglia, Antônio Marques de Oliveira, Raimundo de Souza Moraes, João Teixeira de Souza, Sérgio Marques de Oliveira, — operários; Genézio da Silva Coelho, Raimundo Pinheiro da Silva, Vicente de Paula Rodrigues, Otília Moura Farias, Irineu Werneck, — agricultores; Pedro Sena Pereira, Omar Figueiredo Marques — tipógrafo; Pedro Rodrigues Freire — marítimo.

Coluna do Lector

De Uruguiana também defendem escola pública

O professor Aquino Sanhudo, o vereador Roberto Ferreira e o advogado Ramô Gonçalves enviaram ao diretor de NOVOS RUMOS telegrama em que sugerem que este jornal realize campanha de caráter nacional no sentido de que sejam modificados os textos do projeto de lei sobre as diretrizes de base da educação nacional, que se encontra atualmente no Senado. Os remetentes do telegrama assumem essa posição na certeza de que o mesmo é que preservará o dinheiro público de ser desviado em benefício dos monopólios particulares do ensino. Comunicamos aos leitores que nos escreveram que este jornal continuará postando em sua linha de defesa da escola pública, o qual procuraremos dar sempre a maior e merecida amplitude.

IAPETC não ligc a beneficiário

Do leitor Oscar de Albuquerque, de Curitiba (GB), recebemos carta em que é denunciada e péssima qualidade do atendimento que o IAPETC dispensa aos seus beneficiários e ao público em geral. Desde as 8 horas da manhã até as 3 da tarde, o leitor esperou, em um dia normal de expediente, que fosse atendido em um dos gichês do Instituto. Ao cabo de tanto esperar, disse-lhe que voltasse na próxima semana.

Em Monte Carmelo recenseadores não recebem

Os agentes recenseadores da cidade de Monte Carmelo (MG) enviaram telegrama ao presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística reclamando contra a falta de pagamento de seus vencimentos, o que lhes tem acarretado sérios transtornos. E o seguinte o teor do telegrama: «Exm. sr. Rafael Xavier, DD. Presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Av. Franklin Roosevelt, 166 - Rio de Janeiro, GB. Os abaixo assinados, agentes recenseadores, solicitamos vossos bons ofícios junto Serviço Nacional de Recenseamento no sentido de ser pago o que lhes é devido, motivo maior se serem chefes de família em afiliva situação financeira. Sabedores de vossa magnífica atuação Censo de 1950, contamos com o vosso elevado patriotismo na melhor solução deste problema. Desejando feliz gestão frente destinos Estatística Brasileira, subscrevem atenciosamente. Joaquim Bonifácio da Silva, Severo Pereira Côrtes, Tóssio Kaminisse, Ademar Cândido do Nascimento, Jair Rosa de Oliveira, Hermentina Rosa de Oliveira, João Custódio Alves, Nilson Alves Pontes, Edsel de Oliveira, José Gonitijo Rodrigues e Erasmo Leles Rocha.»

Trabalhadores pleiteiam melhorias e direitos

Nilópolis, RJ (Do correspondente) — Realizou-se no dia 22 de fevereiro último assembleia do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Carnes e Derivados de Nova Iguaçu, Nilópolis, S. João de Meriti e Caxias. A ordem-do-dia da assembleia era tratar da tomada de posição frente às reivindicações da classe, que se encontram na Justiça, e que são as seguintes: pagamento de taxa de insalubridade, regularização do horário de trabalho, pagamento de adicional noturno. Incluía-se também a recomposição da Diretoria do Sindicato. As reivindicações acima são pleiteadas junto à direção do Matadouro Frigorífico de Nilópolis, que vem manobrando no sentido de sujeitar os operários a propostas humilhantes ou ainda ameaçando-os de demissão.

Em Lucas a luz não dá

Cem moradores do subúrbio de Lucas entregaram requerimento ao diretor do Departamento Nacional de Iluminação e Gás, solicitando a instalação de um transformador de voltagem naquele local. A reclamação prende-se ao fato de que a energia elétrica ali distribuída é extremamente deficiente, e que, não só pelo desconforto que acarreta como pelos prejuízos causados aos aparelhos eletrodomésticos, constitui-se em motivo de insatisfação e constantes queixas.

Trabalhadores de Dracena já têm um órgão de classe

Dracena — São Paulo (Do Correspondente) — A Associação Profissional dos Trabalhadores na Indústria da Construção Civil e da Mobiliário deste município pretendo elevar serviços aos trabalhadores locais, e conta com a adesão de mais de 300 lavradores, que procuram fazer da Associação um instrumento para a defesa dos seus direitos. O decreto do salário mínimo e a própria legislação trabalhista, que de um modo geral não eram respeitados pelos empregadores, estão agora sendo postos em execução, graças à atividade da Associação Profissional que, liderada pelo operário Henrique Motta, transformou-se num verdadeiro órgão de defesa dos interesses dos trabalhadores.

«O que vi em Cuba»

Dia 14, terça-feira, às 20,30 horas, no auditório do Ministério de Educação e Cultura, conferência de economia Demer Campos, professor de ISEB, promovida pela Associação dos Diplomados do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ADISEB).

Falecimentos

Belo Horizonte, MG (Do correspondente) — No dia 10 de fevereiro p. p. faleceu, vítima de uma trombose ocorrida há um ano atrás, o sr. Orono Dumont, com 69 anos de idade, grande parte dos quais dedicada a uma atuação vibrante nos flâneres comunistas. Em Corinto, onde morava, desempenhou incessante atividade política. Outra dolorosa ocorrência foi o do falecimento do sr. Eugênio Guadagnin, no dia 16 de fevereiro. Em Belo Horizonte desempenhara intensa atividade social, política e administrativa, tendo sido um dos fundadores da Sociedade de Geografia e Estatística, presidente da Sociedade Italiana, e funcionário da Secretaria de Agricultura e depois da Secretaria de Interior onde era diretor do departamento de justiça. Deixa nove filhas e viúva e sra. Rosalina Almeida Guadagnin.

Morreu velho comunista

No dia 8 do corrente, faleceu em Vila Maria, São Paulo, o sr. Albano Nascimento Pires, militante comunista desde 1937.

Câmara de Salvador protesta contra morte de Lumumba

SALVADOR (Do Correspondente) — Em reunião da Assembleia Legislativa de 21-2-61, o deputado Raimundo Reis, vice-líder do PSD, pronunciou um veemente discurso de protesto contra o assassinato de Patrice Lumumba. Concluiu o orador apelando para que o governo do sr. Jânio Quadros dê reconhecimento como governo oficial do Congo ao de Antoine Gizenga. Na mesma tarde, estudantes, em um carro com alto-falantes, realizaram comícios volantes, na Praça da Sé e na Praça Municipal, protestando também contra o assassinio do líder congolês. O discurso do deputado Raimundo Reis contou com um aparte de apoio do deputado Gasão Pedreira, do PR.

NOVOS RUMOS
Diretor: Mário Alves
Diretor Executivo: Orlando Bomfim Júnior
Redator Chefe: Fragman Borges
Secretário: Luiz Fernando Cardoso
Gerente: Guttemberg Cavalcanti
Redatores: Renato Arena, Paulo Motta Lima, Nilson Azevedo, Fausto Cupertino, Rui Facó, Solon Pereira Neto
Redação: Av. Rio Branco 257, 1º andar, S/1112 - Tel.: 42-7314
Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9º andar S/905
SUCURSAL DE S. PAULO: Rua 15 de Novembro, 228 8º andar - s/827 Tel.: 37-52 64
Endereço telegráfico: "NOVOS RUMOS" ASSINATURAS
Anual Cr\$ 500,00
Semestral " 250,00
Trimestral " 130,00
Acreta anual, mais 200,00
Acreta semestral, mais 100,00
Acreta trimestral, mais 50,00
Número atrasado 10,00
Número atrasado 10,00

Notas Sobre Livros

Em três capítulos sucessivos do seu livro *Nova China, Domingos Vellasco* expõe o que viu, o que indagou e o que pôde concluir relativamente aos problemas das liberdades democráticas na China Popular.

O que lhe interessava verificar era a prática, o exercício efetivo, por parte do povo, das liberdades essenciais à vida do homem em sociedade. Nada de especulações mais ou menos metafísicas ou de conjecturas mais ou menos abstratas acerca de uma liberdade absoluta, conceito vazio de substância, que não corresponde a nenhuma realidade em parte alguma do mundo. O que em verdade interessa é tirar a limpo se as massas populares são beneficiadas, em sua atividade prática, em sua vida pública e particular, por aquelas liberdades essenciais inscritas nos textos da Constituição. Ora, essas liberdades, possíveis e necessárias nas condições históricas do país, são lá exercidas, em toda a sua plenitude. A sua prática é mesmo uma exigência da vida, e sem ela não teria existido o tremendo esforço construtivo da Nova China, que o povo realiza com energia e amor, sob a autorizada direção do Partido Comunista. Nem é difícil compreender que só um povo livre, consciente de si mesmo, poderia levar a efeito, em tão poucos anos, tão extraordinário avanço na reorganização econômica, política e cultural da Nação inteira. Não se trata de nenhum «mitagem», como gostam de dizer certos observadores superficiais e descrentes da capacidade criadora das massas. O que há de fato é orientação acertada, vontade esclarecida, ânimo firme, trabalho duro e tenaz, por parte do governo e do povo, plenamente identificados nos mesmos propósitos de construção da China Socialista.

Sobre o problema das liberdades democráticas — inclusive a liberdade religiosa — o livro de Domingos Vellasco oferece-nos um testemunho honrado e convincente, coisa da mais alta importância, pois neste ponto, previamente, é que as mentiras e calúnias da reação mais se ressentiam contra a República Popular Chinesa.

Nuns dos mais sugestivos capítulos do livro, o autor nos fala, com ênfase, de certos aspectos humanos das realizações revolucionárias em marcha na Nova China. Citemos alguns exemplos.

A «criança», o tradicional veículo de duas rodas puxado por um homem para transportar outro homem — situação sobretudo humilhante para ambos — foi totalmente abolida e substituída por triciclos, por enquanto pedaledos, mas já se cogitando da fabricação em massa de triciclos motorizados. Na estação ferroviária de Pequim, imensa e aparelhada com tudo o que se possa desejar de comodidades em benefício dos passageiros, que por ela transitam diariamente em número de 200.000, há duas salas chamadas «das mães e das crianças». Eis como as descreve Domingos Vellasco: «Cada (sala) é dividida em dois amplos compartimentos: um, com toda a sorte de brinquedos para que os meninos se distraiam, vigiados pelas mães e pelas nurses que ali trabalham; e outro, com iluminação apropriada, que serve de dormitório, para as crianças e de repouso, para as mães e as gestantes.

A libertação da mulher — eis um dos pontos altos da revolução chinesa. Antes da revolução a mulher chinesa era uma escrava, uma coisa, um animal de carga ou de prazer. E hoje? Ouçamos o mesmo autor: «Acabando com a bigamia e o concubinato, e dando direitos à mulher na gestão dos seus negócios, a lei revolucionária sucediu à estrutura feudal da China e, com o nível moral da família chinesa. — Dando, por outro lado, acesso à cultura e ao trabalho, em todas as atividades políticas e econômicas, a lei possibilitou o desaparecimento da prostituição.

Em todas as comunas populares que visitou, Domingos Vellasco pediu para ver as casas dos velhos, os abrigos da velhice. Uma delas, com 85 pessoas abrigadas em dois pavilhões, um para as mulheres, outro para os homens. «Um modesto, mas limpo. O doutor, que dirige o posto médico, explicou-me que a casa dos velhos fica sempre junto ao posto, porque eles estão, a toda hora, precisando de assistência.» Casas de velhos, como essa, há por toda a parte, abundantemente.

Em sua primeira viagem à China, em 1956, o autor deste livro foi a Wuhan para ver a ponte que se construiu sobre o rio Yangtze. Mostraram-lhe a maquete e as plantas da obra — 1.690 metros de extensão, altura de 80 metros com duas pilhas em dois andares. Sua construção havia começado em setembro de 1955 e devia terminar em setembro de 1958. Em dezembro de 1956, o engenheiro-chefe disse ao visitante brasileiro que os 63 engenheiros, e 3.800 operários tinham decidido fazer um presente à Nova China: construir a ponte em dois anos, um ano a menos. Domingos Vellasco confessa, simplesmente: «Divulhei isso. Qualquer outro divulgaria também.

Mas o fato é que a grande ponte ficou concluída em agosto de 1957, com um ano e onze meses de trabalho, portanto com treze meses antes do prazo primitivo. Escreve então o mesmo Domingos Vellasco: «Em outubro de 1959, voltei a Wuhan. Atravessei o Yangtze pela ponte, em dez minutos. Então acreditei mais em muitas coisas difíceis de se acreditar.»

E acrescenta que as coisas que viu e examinou na China Popular lhe fizeram acreditar mais no espírito de fraternidade, na bondade humana, na caridade popular, no entusiasmo coletivo. São ainda palavras suas: «Concretizei a acreditar na seriedade da Nova China, quando, não só na estação de Pequim, mas em toda a parte, observei o carinho com que são tratados as crianças, as mães e as gestantes e como se dignificou a mulher, na sociedade.» Alguns dos fatos que viu podem ser vistos, isoladamente, em qualquer parte do mundo; mas há, na China, milhar em reconstrução, eles — servem como índices de uma nova mentalidade que orienta a atividade de todos. Nova mentalidade, dizemos nós, que tem sua mais alta expressão no Partido Comunista Chinês.

Astrolindo Pereira

MISTURADA

Comecemos saudando os escritores paulistas que acabam de lançar um manifesto colocando-se valentemente ao lado de Cuba e do governo de Fidel Castro que "neste momento travam um combate sem tréguas e sem paralelo na história contemporânea visando a conservar, para ampliar, os benefícios advindos de uma revolução de raízes profundamente democráticas e populares". Esse manifesto, publicado na íntegra pelo "Diário de Notícias", vem demonstrar que os escritores brasileiros estão já conscientes de seu papel no lado dos povos nas suas lutas pelas suas reivindicações mais profundas e mais humanas. Bravos pois aos paulistas!

Estamos há oito dias sem ir a esta famosa metrópole. Numa seca inacreditável, jamais vista por mim, aqui nordestino há trinta anos. Gritamos igual mais nossa voz não tem ressonância. Pedimos, clamamos, imploramos água, mas tudo em vão. Nunca, jamais tem tempo algum sufocamos tanto. Fernando Sabino, grande cronista e também governista, veio dizer em crônica pelo "Jornal do Brasil" que sem tomar banho, ninguém pode ser bom. De acordo. Sem banho, inclusive se se pode ser da oposição.

Ora vejamos só. Flexa Ribeiro proibiu, a bem da moral — creio — que as normalistas usassem sandálias, decotes ousados, vestidos curtos, saias justas e blusas ídem. É inacreditável que um homem inteligente, culto, viado como Flexa Ribeiro tenha "bolado" proibições tão mesquinhas. Afinal isso é ou não uma democracia? Desde quando temos modelos governamentais obrigados para as roupas femininas? Isso levou nossa querida Adélia Fari a chamar Flexa Ribeiro de Flexa-Diô. Pegue a moda e vocês verão quantos figurinistas governamentais aparecerão por aí.

Estão novamente cheios os jornais com notícias do SAM. Um deputado foi às várias dependências do SAM e encontrou tudo como já está há muito tempo. Será que alguma coisa mudou e mesmo neste país, alguém que de manhã o SAM, alguém que depois que ali é uma peça do canal. Que há muitas carceres, que menores são prostituídos, que todos os dias vêm para cá, que importa a fome e a miséria, os maus tratos e a falta de higiene e saneamento? Quem desconhece no Brasil o que é o SAM? Ah, logo que eu souba não vou pedir nenhum bilheteiro sobre ele. Nunca vi quem sabe do problema do melhor abandonado no Brasil. Não vou mais tentar escrever um livro sobre SAM, não vou mais continuar pagando sua conta. As reportagens sobre o SAM, os protestos das Câmeras e de jornalistas, repetem-se sem que medidas sejam tomadas.

Agua! Proibições! SAM! Enquanto isso não param os recém-nascidos do SAM!

Enéida

Tópicos Tópicos

Você sabia que o governo da Grândola, além de meu contista e Xacupim, é péssimo poeta. Pois tem um poema que termina assim: «...o enjoo de cada um nos dá hoje? Ah! Imunidade!» Não é uma graça? Quem quiser, pode verificá-lo no livro, de Osório Botelho, "ARÉDIA LITERÁRIA", página 139.

Fazer de um personagem de M. Tapes Ribeiro no O FRAPICHEIRO, p. 239: «...um patete pôde ter e ratar.»

Quem vive a realidade de um escritor perguntando ao pai o que era o surrealismo, o pai responde: «...»

Uma vez a realidade de um escritor perguntando ao pai o que era o surrealismo, o pai responde: «...»

Lição antiga de ser meditação do poeta para Saadi, que viveu no século XIII da nossa era: «Ter piedade das pauperas é ser injusto com as velhas.»

O livro *Novos Rumos*, de IGACIA SILVA, publicado no periódico L'EXPRESS em fevereiro de 1960, sob o pseudônimo de Balbino, já foi uma fina inteligência, na época em que era comum ler e escrever em português.

Pedro Severino

DUBLAGEM: ARMA DO IMPERIALISMO

M. SILVEIRA DE FARIAS

No momento em que a opinião cinematográfica nacional unanimemente se levantara contra o esquisito projeto de obrigatoriedade para a dublagem dos filmes estrangeiros, aparece em NOVOS RUMOS um surpreendente artigo favorável àquela medida.

Por que a opinião cinematográfica nacional — produtores, cineastas, críticos, cineclubistas, atores, intelectuais, etc. — manifestou-se com tão veemente unanimidade contra o tal projeto? As razões, entre outras, podem ser encontradas nas seguintes observações:

1. Mais de 50% da população brasileira é constituída de analfabetos e portanto só podem ver e compreender filmes falados em português, ou seja nacionais; além disso, boa parcela dos alfabetizados le mal e não consegue acompanhar as legendas dos filmes estrangeiros, e pois constitui também clientela quase exclusiva de filmes nacionais.

2. Os resultados de bilheteria refletem essa situação: a renda média do filme brasileiro, no país é três vezes maior que a renda média do filme estrangeiro, isto é, o número de espectadores de fitas brasileiras é três vezes maior que o de fitas estrangeiras; em 1950 a renda média do filme nacional era de aproximadamente dois milhões de cruzeiros (bruto) e a do estrangeiro pouco mais de seiscentos mil cruzeiros (bruto); hoje, quando a renda média bruta do filme nacional atinge cerca de vinte milhões de cruzeiros a do estrangeiro não passa de sete milhões.

3. É óbvio que o filme estrangeiro falado em português (dublado) ganharia esse público até hoje exclusivo do cinema nativo. E poderia inclusive roubar quase toda a clientela da fita nacional, senão pela conhecida superioridade técnica e artística, pela força de sua máquina publicitária, como porque passaria a contar com o único elemento de vantagem que o nosso cinema dispõe — a língua.

4. Imaginar que o filme estrangeiro falado em português, com a voz de nossos atores, tornaria-se ridículo e portanto seria recusado pelo público, além de ingênuo é um argumento que deprecia os nossos artistas, e não se afina com a realidade, porque se sabe que nos países europeus onde se adotou a dublagem, a popularidade dos filmes estrangeiros aumentou extraordinariamente.

5. A taxação do filme estrangeiro mediante a dublagem, como se argumentou que aconteceria, é uma ponderação precipitada e superficial. A fita importada realmente seria gravada, mas note-se: seria uma taxação indireta revertendo em benefício dos laboratórios que explorassem a dublagem. E observe-se que os grupos interessados na dublagem são estrangeiros: laboratórios italianos e grupos ligados à televisão norte-americana; portanto mais uma iniciativa imperialista. A ideia de que grupos nacionais poderiam explorar a atividade é inocente; as empresas distribuidoras estrangeiras instala-

riam imediatamente seus próprios laboratórios (ver caso das legendas e dos filmes para televisão); a «taxação» sobre os filmes importados, iria, portanto, para os próprios bolsos alienígenas.

6. Uma verdadeira taxação sobre o filme importado, o que realmente é necessário, seria a que visasse modificar o sistema de importação das películas impressas que entram no país quase de graça. Em vez de proibir uma pretensa taxação pela dublagem, por que não se ataca o problema de frente, taxando mesmo a fita estrangeira, de acordo com recomendações de produtores brasileiros e do próprio Grupo de Estudos da Indústria Cinematográfica?

7. A dublagem poderia limitar o número de filmes importados, mas seria apenas temporária, no primeiro ou segundo ano, e além do mais incidiria precipitadamente sobre os filmes de baixo-custo de produção, justamente os de melhor qualidade artística (os filmes de produtores independentes). A limitação seria temporária porque logo que os efeitos da dublagem se fizessem sentir sobre o mercado interno: aumento do público e portanto das rendas de bilheteria — a situação recompor-se-ia compensadoramente para as grandes produções estrangeiras. Ademais o preço dos ingressos seria muito provavelmente elevado a pretexto de cobrir as despesas com a dublagem — o que aliás já é sugerido no projeto do Senador Lindgren.

8. O reduzido mercado de trabalho que a dublagem traria, especialmente a atores, músicos e alguns técnicos, não compensaria as perdas que adviriam com a derrocada, ou pelo menos o retrocesso da indústria cinematográfica nacional, que já sustentando violenta e desleal concorrência estrangeira não resistiria ao impacto trazido pela dublagem. Os dubladores, além de se anularem artisticamente, estariam concorrendo com eles próprios, na medida em que os filmes dublados substituíam as fitas nacionais. O mercado de trabalho seria aberto para apenas um pequeno número de especialistas, mesmo porque a técnica da dublagem exige certa continuidade na interpretação das vozes dos diferentes atores estrangeiros, haja vista que um mesmo dublador poderá dublar inúmeros intérpretes estrangeiros. Teríamos então uma meia dúzia de rádioatores dublando uma infinidade de atores de outros países.

9. A dublagem reforçaria a penetração ideológica efetivada pelo cinema estrangeiro entre o público nacional; a fita estrangeira falada em português anularia a reação do espectador que receberia o pensamento de cada filme como uma coisa nossa, e se acentuaria o processo de assimilação de hábitos e costumes cosmopolitas. Ademais atingiria um público muito maior, formado inclusive pelo contingente de analfabetos e semi-alfabetizados.

10. A dublagem também contribuiria fortemente para a detur-



Penetração maior dos EUA

pação da língua nacional; ao contrário do que se propala não beneficiaria a unidade linguística do país. A substituição da fala estrangeira pela fala brasileira, teria que ser feita obedecendo aos movimentos labiais dos intérpretes do filme, os quais são determinados pela prosódia no idioma original, o que forçaria a uma estrúxula adaptação da língua portuguesa. Ora, essa exigência da boa técnica da dublagem, levaria não só a graves desvios gramaticais mas a uma deformação do próprio espírito da língua portuguesa.

11. Artisticamente nem vale a pena repetir o prejuízo que acarreta para a integridade da obra. Importa apenas estranhar o menosprezo com que os responsáveis pelo projeto consideram a qualidade e o caráter artístico do cinema. No entanto, é importantíssimo impedir a mutilação de uma obra de arte, especialmente se essa arte é o cinema — a mais popular, legítima e autêntica manifestação artística do nosso tempo. Esse menosprezo não é simples desrespeito, é ignorância e incompreensão do valor cultural, social e humano da arte.

12. Nos países europeus onde se adotou a dublagem, hoje já se levantam fortes correntes em luta pela revogação da medida. E note-se que a dublagem foi adotada nesses países (Itália, França, Espanha, e outros) não por reivindicação dos produtores locais, mas como uma concessão dos governantes daqueles países aos interesses da produção norte-americana, em busca de fortalecimento nos mercados consumidores europeus. Observe-se, por outro lado, que ampla legislação industrial protegia o cinema daqueles países, contrabalançando os efeitos negativos da dublagem.

13. Nos países socialistas a situação é completamente diversa e é possível compreender a medida. A produção, importação, distribuição e exibição de filmes são adequadamente controladas pelo governo. O cinema é utilizado não só como expressão artística, mas também e principalmente como veículo de comunicação e um instrumento de educação do povo. A importa-

O nível artístico, já pouco, desta dupla levatória, sem dúvida, se os ouvíssemos, falando português. E, o que é pior, muito mais gente seria contaminada pelos filmes de má qualidade.

ção de filmes estrangeiros é rigorosamente selecionada e só é permitida a entrada no país de fitas consideradas de interesse artístico, cultural e educativo. Ademais as importações também são coordenadas tendo em vista o volume da produção interna, de resto planejada com bases nos recursos, possibilidades e necessidades da nação.

14. E finalmente, mas não por ser menos importante, por que tratar de dublagem agora? Em que se baseia essa prioridade? O cinema brasileiro ainda não dispõe de uma legislação industrial que lhe assegure o florescimento; inúmeros projetos de caráter protecionista dormem nas salas do Congresso, e por que em vez de aprová-los vamos perder tempo com dublagem? Há oito anos o projeto que cria o Instituto Nacional de Cinema aguarda aprovação do Congresso Nacional. A indústria de filme virgem ainda não foi criada. Não há taxação direta sobre a entrada de filmes estrangeiros no país. Não há limite de importação. O financiamento à produção ainda não se efetivou. Não há nada. Falta tudo ao cinema brasileiro. E perde-se tempo com dublagem... e que razões teriam levado um suplente de senador (sr. Lindgren), figura desconhecida no cenário nacional, em rápida passagem pelo Senado Federal, a apresentar tão estrúxulo projeto?

Teatro Beatriz BANDEIRA

UM PROGRAMA E UM MOVIMENTO

Começando pelo movimento registremos com satisfação o que está acontecendo em São Paulo: mais de uma centena de artistas e técnicos de teatro iniciando a "ofensiva invasiva", invadiram o S. N. T. para se acharem de fechamento, passando a ocupar a sala até a solução da crise. Reunidos em assembleia decidiram comparecer às portas dos principais cinemas da cidade, realizando rápidos comícios, solicitando o apoio do público. Na quinta-feira, dia 2, foi realizada uma passeata, encabeçada pela atriz Cacilda Becker, terminando no Palácio dos Campos Elísios onde, recebida pelo governador, uma comissão de artistas de teatro fez a leitura e entrega de um documento no qual se pede ao governo a concessão de trinta milhões de cruzeiros para solucionar a crise do S. N. T. e do teatro paulista em geral. Já de outra feita, quando a atriz Nôbia Lúcia esteve ameaçada de perder o Teatro Bela Vista, a classe unida em um belo movimento de solidariedade a colega, saiu pelas ruas em passeata de protesto. Esperamos que o belo exemplo da gente de teatro de São Paulo frutifique, fazendo que seus colegas da Guanabara e de outros Estados compreendam que é mais do que tempo de se unirem e lutarem por suas reivindicações, seus direitos e seus interesses, os quais, em última análise, são os da sobrevivência e democratização do teatro no Brasil. O pedido de auxílio oficial é muito justo. Imprescindível é, porém, uma comissão ou conselho de gente capacitada a julgar da melhor maneira de ser distribuída tal verba.

O programa

Quando surgir esta comissão o S. N. T. já deverá ter em plena função seu novo diretor, dr. Clóvis Garcia. Todos os que se interessam pelos problemas de nosso teatro — e são muitos, os problemas — devem ter gostado das declarações do novo diretor, feitas à imprensa paulista. Retendo-as, para comentá-las, pareceram-me tão importantes que passo a transcrever os trechos mais interessantes. «Sabe-se que o objetivo superior da arte cênica e de caráter cultural, mas as necessidades de subsistência das companhias ligadas às empresas comerciais, dissociando-se, assim, os altos propósitos do teatro e a sua realidade imediata. A única forma de assegurar o elevado padrão cultural do teatro, sem condenar os conjuntos à falência é a de suprir o governo, com uma sábia política de subvenções, com uma bilheteria não pode render. Porém, se o público não estiver preparado culturalmente, não poderá compreender e aproveitar o teatro como meio de expressão. E' preciso, assim, tratar da educação do novo para o teatro. Um caminho para realizar o aprimoramento do povo, por intermédio do próprio teatro, se prende à possibilidade de uma consonância do autor (teatro) com a consciência popular (não o gosto popular que ainda é falho). Essa consonância se obtém melhor com o texto brasileiro e daí meu propósito de ampliar ao máximo nosso autor" (os grifos são nossos)



Cinema bilíngue

Os filmes musicais seriam maravilhosos. Durante a execução dos números de canto o linguajar dos atores seria mantido no idioma de origem, enquanto o português seria adotado apenas para os diálogos. É uma parcela maior do público brasileiro poderia comparecer para assistir aos inúmeros abacaxis (poucas exceções) com música feita que os EUA nos mandam.

NR no Espírito Santo

Centenas de Famílias da Ilha de Santa Maria à Beira do Despejo

VITÓRIA (Da correspondente) — A ilha de Santa Maria, na capital espiro-santense, foi, de algum tempo para cá, arripada por centenas de famílias de trabalhadores que ali ergueram suas humildes habitações, para isso aproveitaram os terrenos baldios e os mangues da ilha, à margem da Avenida Vitória.

Latifundiário em Montes Claros provoca desordens

MONTES CLAROS, fevereiro (da Correspondente) — Arbitrariamente, violando todas as normas de respeito à Justiça, o latifundiário Osmani Barbosa investiu contra os direitos do cidadão Alcides Rocha Almeida, impedindo que operários por este contratados demolissem um prédio de sua propriedade, já condenado pela saúde pública, e situado na rua do Rosário, 63, nesta cidade.

O fato, que provocou viva revolta entre os moradores de Montes Claros, assume maior gravidade, já que o sr. Alcides Rocha Almeida está com sua vida ameaçada e não tem condições de segurança para mandar proceder a demolição do prédio.

Aprenda taquigrafia de graça

Acham-se abertas as matrículas para os cursos de taquigrafia por correspondência do Instituto Brasileiro de Taquigrafia, órgão fundado em 1944 e reconhecido de utilidade pública.

O curso compõe-se de apenas 12 lições, após o que serão conferidos diplomas aos alunos aprovados em exame final, também por correspondência.

Os interessados deverão escrever, dando nome e endereço, para a Caixa Postal n.º 8.934, São Paulo (Capital).

LIBERDADE PARA OS TRABALHADORES DA VENEZUELA

Os portuários do Estado de Pernambuco, através do seu Sindicato, enviaram telegrama ao embaixador da Venezuela no Brasil, solicitando a liberdade para numerosos trabalhadores prisionados por ordem do presidente Bettanourt.

A mensagem assinala que os referidos trabalhadores se encontram encarcerados desde novembro do ano passado, o que constitui uma violação dos direitos humanos, já que foram presos quando participavam de reuniões sindicais onde tratavam apenas de assuntos relacionados com as reivindicações dos trabalhadores venezuelanos.

Morre antigo militante

Faleceu no dia 11 de fevereiro próximo passado, em Belo Horizonte, o cel. Oscar Dumont, velho militante das lutas democráticas e pela libertação política e econômica do nosso povo.

A vida do companheiro falecido foi pontilhada de exemplos de luta e dedicação. Em 1938, esteve preso, no Rio de Janeiro. Quando da legalidade do Partido Comunista, foi seu secretário político no comitê municipal de Corinto, tendo sido candidato ainda a deputado estadual.

Figura estimada e conhecida, principalmente em Corinto, onde sempre viveu, embora tivesse nascido em Rio Vermelho, no dia 2 de setembro de 1891.

Deixa viúva, filha e netos.

JÁ ESTÁ NAS LIVRARIAS

HISTÓRIA DA ANTIGUIDADE

A. V. MICHULIN

Em 2ª edição, 1º volume da Coleção de História Universal, de autores soviéticos, adotada nas escolas secundárias da URSS. Preço Cr\$ 230,00.

Já editados:

2º volume — História da Idade Média de E. A. Kosminsky — Cr\$ 230,00
3º volume — História Moderna de N. Efimov — Cr\$ 230,00.

Lançamentos da Editorial Vitória Ltda.

Pedidos pelo Reembolso para Caixa Postal n.º 165/Rio de Janeiro/GB

Em Vitória, como em outras partes do país, a carência de casas de aluguel acessível fazem surgir as pequenas colônias de apinhados, comumente nos locais mais insalubres e onde ainda não chegou a especulação imobiliária. Mas, depois de tudo aterrado, com o esforço dos próprios moradores, de ser instalada luz e água, por eles também, como na ilha de Santa Maria, surgem os donos dos terrenos para reclamarem a sua posse, lançando ao despejo centenas de moradores que não possuem condições de morar em outros lugares.

Quem despeja em Santa Maria

O despejo que recaiu sobre os moradores da ilha de Santa Maria é decorrente de mandado judicial impetrado pelo sr. Nuno Santos Neves, em nome da Delegacia do Serviço do Patrimônio da União, contra as famílias de trabalhadores ali residentes.

Os moradores foram pagados de surpresa pela ordem judicial que, se consumada, obrigará a que se refugiem nos lagradouros públicos, sob marquises ou nos portais dos edifícios de Vitória.

Sofrem os moradores

A notícia do despejo significa um sério golpe nos vidas dos moradores da ilha, que perdem, assim, a fruto de seu trabalho e de suas economias, amealhadas à custa de sacrifícios. A extensão do choque, que tal medida causou, pode ser avaliada pelo fato de que uma das moradoras da ilha, d. Conceição Maria Rocio, esposa do sargento da Polícia Militar Orestes Rocio, ao tomar conhecimento da ordem de despejo, na ausência do marido, entrou em grave crise emocional que a levou a abortir uma criança.

Outro exemplo da situação dos moradores é dado por d. Cecília Kerbel, que declarou ao correspondente:

— Nós não temos para onde ir com nossos cinco filhos. Vendemos um terreno e compramos este local de um antigo morador, que aqui reside. Não podem lançar-nos à rua. Espero que o governo compreenda a nossa situação.

O trabalhador Jair Silva Brandão, pai de três filhos, um dos quais um menor inválido, aterrou o local com dificuldade e ali construiu seu barraco.

A ameaça de despejo, confessam não ter ainda morar senão ali.

O ferroviário Valeriano Francisco Pereira, pai de dois filhos, pagou trezentos cruzeiros por cada cominhão de terreno, tendo gasto assim todos os seus economios.

Um dos casos mais dolorosos é o de d. Madalena Rocha Dias, mãe de dez filhas menores, sendo a mais velha uma menina de 14 anos. Convalescente ainda de parte recente, enfrenta-se apreensiva quanto ao futuro. Seu marido ganha o salário mínimo, insuficiente até para a alimentação da família. Se sair de seu barraco, irá viver ao léu.

Como esse existem inúmeras outras casas.

Mas lutam também

Os moradores têm procurado encontrar uma solução para o problema

Trabalhadores Agrícolas de Minas Chamam Para Convenção

BELO HORIZONTE (Da correspondente) — A Associação dos Trabalhadores Agrícolas de Minas Gerais convocou para os dias 29 e 30 de setembro da corrente ano a II Convenção Estadual dos Trabalhadores Agrícolas e deu seu apoio ao Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil, a ser realizado em Belo Horizonte, de 1º a 3 de outubro deste ano.

A Diretoria da TAMG declara em seu manifesto de convocação:

«Nesta importante Convenção e no Congresso Nacional, os trabalhadores agrícolas de Minas e de todo o país irão discutir e fixar seus pontos-de-vista quanto aos problemas rurais do Estado e do Brasil, abrangendo, entre outros, a reforma agrária, a assistência ao trabalhador rural, o direito de associação e de sindicalização, etc.

E geral, hoje, o sentimento favorável à solução da grave problema agrário brasileiro. As altas autoridades civis, militares e eclesiásticas, os parlamentares — de modo geral — a imprensa, os representantes da indústria, do comércio e muitos fazendeiros têm-se manifestado sobre a necessidade de realizar-se a reforma agrária no país, a fim de promover-se, ao mesmo tempo, o aumento da produção e do consumo,

através da melhoria efetiva das condições atuais de milhões de pessoas que trabalham na agricultura e constituem a imensa maioria da população do Brasil. Estes trabalhadores, na realidade, não vivem, não comem, não se vestem e não moram — como dizem, há pouco, os eminentes bispos e arcebispos de São Paulo, em patriótico e humano pronunciamento, que teve a mais profunda repercussão no país.

É necessário que os trabalhadores do campo, que também vêm contando com a solidariedade e a ajuda inestimável dos trabalhadores da cidade, dos estudantes, escritores e intelectuais, se organizem e se reúnam para resolver seus problemas, que não são apenas seus, mas de toda a Nação.

É com esse elevado e patriótico propósito que se convoca a II Convenção Estadual e o Congresso Nacional de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil... Conclamamos a todos os companheiros que se reúnam em assembleias, nos seus municípios e distritos e elejam os seus delegados à Convenção, colaborando para a II Convenção Estadual e o Congresso Nacional impulsionando o movimento pela melhoria das nossas condições de vida e pelo verdadeiro progresso da pátria.»

3) A Companhia compromete-se a colaborar com os órgãos do governo da União e do Estado para início imediato do conserto das casas de propriedade da empresa, destinadas a seus empregados; canalização de água, instalação de telefone público, e fornecimento de energia elétrica também durante o dia, devendo ainda pôr à disposição da Administração estadual câmoda própria à instalação de Posto Médico.

4) A Companhia, neste ato, compromete-se a facilitar o trânsito de sua estrada particular aos dirigentes do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Belo Horizonte, e ainda a colaborar com o governo do Estado na preparação de via de acesso mais rápida da população local a esta Capital.

NR em Minas Gerais

MARZAGANIA:

585 Grevistas 7 Meses de Greve 7 Itens de Vitória

Os trabalhadores da Companhia de Fiação e Tecidos Minas Gerais de Marzagania, depois de sete meses de greve, obtiveram retumbante vitória, com o atendimento de suas reivindicações.

O movimento contou para seu êxito com a firmeza dos tecelões, a solidariedade moral e material por parte dos sindicatos operários, principalmente têxteis, e a pressão que o movimento operário mineiro começou a fazer sobre o governador a fim de ser dada solução ao impasse criado entre empregados e empregadores.

Transcrevemos abaixo o acordo assinado entre empregados e empregadores da Companhia de Fiação e Tecidos Minas Gerais:

1) Os trabalhadores dos diferentes serviços da Companhia de Fiação e Tecidos Minas Gerais retornarão ao trabalho na manhã de 27 de fevereiro de 1961.

2) A Companhia compromete-se a efetuar o pagamento dos salários desde setembro de 1960 até 1.º de março de 1961 e a não promover perseguições, dispensas ou represálias aos seus operários, por motivo de paralisação. Quanto ao mês de agosto, o Sindicato promoverá poderes para levantar dinheiro depositado no Banco do Brasil por determinação do Juiz Presidente do Tribunal Regional do Trabalho.

3) A Companhia compromete-se a colaborar com os órgãos do governo da União e do Estado para início imediato do conserto das casas de propriedade da empresa, destinadas a seus empregados; canalização de água, instalação de telefone público, e fornecimento de energia elétrica também durante o dia, devendo ainda pôr à disposição da Administração estadual câmoda própria à instalação de Posto Médico.

4) A Companhia, neste ato, compromete-se a facilitar o trânsito de sua estrada particular aos dirigentes do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Belo Horizonte, e ainda a colaborar com o governo do Estado na preparação de via de acesso mais rápida da população local a esta Capital.

5) O Sindicato assume o compromisso de estimular os empregados a que empreguem todo o seu esforço pela superação e progresso da Companhia, aplicando a seu lema: «Produzir mais e cada vez melhor», visando ao bem-estar social.

6) O governo do Estado dará imediata cobertura financeira em empréstimo provisório, a fim de fazer face ao pagamento a que se refere a cláusula 2 e ao empenhar-se junto ao governo da União pela efetivação do empréstimo pleiteado junto ao Banco do Brasil, para solução definitiva do problema empresarial verificado em Marzagania.

7) Fica estabelecido o acordo amigável, nos termos dos itens anteriores, e, tanto operários, através do sindicato, como a Companhia, se dão por inteiramente satisfeitos, propagando, todos, pela harmonia e a paz social.

O documento é assinado pelo governador Magalhães Pinto, o secretário do Trabalho, Edgar GoGdoi da Mata Machado, o delegado do Trabalho, Onésimo Viana de Sousa, os representantes dos trabalhadores Sivaldo Banbirra, José Francisco Nero e Clodsmid Riani, e os representantes da Empresa, Manuel Tomás de Carvalho Brito, Michel Jacques Romeu e Cristiano Dardot.

Antes do acordo

Os 585 trabalhadores em greve chegaram a uma posição final através de assembleia geral dos tecelões, a qual compareceram 500 grevistas. Ali, foram formuladas ao governador do Estado as seguintes reivindicações, que seriam concretizadas nos termos do acordo: recebimento dos atrasados, instalação de posto médico e posto telefônico. O governador anunciou então estar sendo providenciadas as seguintes medidas: empréstimo à Companhia para quitação de fôlhas atrasadas, pelos bancos particulares, a liberação do empréstimo pleiteado pelo empregadora ao Banco do Brasil para instalação do posto de saúde pela respectiva secretaria; e entendimentos com a Telefônica para a instalação de um posto em Marzagania.

NR no Paraná

Os Ferroviários de Pôrto União da Vitória Venceram Uma Grande Batalha

Reportagem de HERMÓGENES LAZIER

Pôrto União da Vitória é um entroncamento ferroviário. É a sede do 3º Distrito da RVPSC. Mais de 500 ferroviários aqui labutam. Daqui partem trens para o Norte, para o Sul e para São Francisco. Não só Pôrto União e União da Vitória, duas cidades irmãs, mas, também, o sudoeste paranaense escoram grande parte de sua produção por via férrea. A RVPSC é a espinha dorsal da vida econômica de toda uma grande região.

A 1ª Assembléia

Dia 16 de janeiro os ferroviários reuniram-se em Assembléia, na Sociedade Operária, para debater o problema em pauta: o pagamento da Paridade e da Classificação. Resolveram ir à greve, acompanhando os demais ferroviários da RVPSC, caso as autoridades não atendessem suas reivindicações. Elegeram uma comissão para tratar do assunto, a qual, caso a greve fosse declarada se transformaria em COMANDO DA GREVE. Foi o que aconteceu.

Início da greve

A zero hora do dia 26 de janeiro tudo foi paralizado na RVPSC. A adesão à greve foi total. Não houve nenhum caso de fura-greve. Reinou o silêncio nas duas cidades irmãs. As máquinas ficaram mudas. A população sentiu que alguma coisa de grave estava acontecendo. Eram os ferroviários que estavam dando uma lição às autoridades. Quem com fôgo mexer, queima-se. O chefe do 3º Distrito, dr. Lubi, cumprindo ordens de seus superiores, tentou sustar o movimento. Nada conseguiu diante da unidade dos ferroviários.

Unidade, ordem e disciplina

Durante os nove dias que durou a greve nada de anormal ocorreu. Os ferroviários demonstraram sua capacidade de comandar, demonstraram serem ordeiros e disciplinados. O Comando da Greve funcionou na Estação da RVPSC. Foi colocado guardas em tô-

das as repartições da rede. Tudo funcionou como uma máquina bem engraxada e bem dirigida. O espírito de unidade e o entusiasmo reinou em toda a greve. Como houve solicitação para o descarregamento de um vagão de uva e de uma mudança, o Comando da Greve convocou uma assembleia, onde o assunto foi bastante debatido. Resolveram não ceder, pois seria um recuo perigoso.

Solidariedade aos grevistas

A greve repercutiu em toda a população. O movimento dos ferroviários ganhou a simpatia geral. Uma comissão de ferroviários participou de uma assembleia do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Madeira. A Associação Comercial e Industrial de Pôrto União da Vitória, dirigida por Domicio Scaramella, apoiou o movimento grevista, enviando telegramas as autoridades exigindo providências. As rádios locais deram completa cobertura do movimento grevista.

Assembléia da vitória

Na noite de 6 de fevereiro teve lugar a maior reunião já realizada pelos ferroviários em Pôrto União da Vitória. A maior reunião no número de presentes e no entusiasmo reinante.

Participaram da mesa dos trabalhos, entre outras, as seguintes pessoas: prefeito municipal de União da Vitória, sr. Farid Guérios, deputados estaduais Agostinho Magnani, de Santa Catarina, e Domicio Scaramella, do Paraná, Teodoro Kepen, jornalista Hermógenes Lazier, radialista Marcos Américo, dirigentes grevistas Dirceu Saldanha, Zenóbio Karpovitz, Antônio Bilek, Osvaldo Marcondes, Pedro Dondeu, Antônio Marcondes, e João Tipak, Jorge Dondeu.

Oradores

Usaram da palavra nesta importante reunião, todos muito aplaudidos, o deputado Agostinho Magnani, deputado Dirceu Saldanha, o sr. prefeito Farid Guérios, Teodoro Kepen, jornalista Her-

mógenes Lazier, radialista Marcos Américo, Dirceu Saldanha — o comando da greve, Pedro Gaspar Ribeiro, Pedro Dondeu. Foram muito aplaudidos pelos ferroviários, ao serem citados, pela atuação que tiveram: deputado estadual do Paraná Waldemar Daros, prefeito de Curitiba General Ibrice de Matos, além de outros.

O comandante

Durante os nove dias que durou a greve o comandante de todas as horas foi o sr. Dirceu Saldanha Muniz. Liderou com sabedoria e com coragem o movimento grevista. Junto com Dirceu Saldanha, no comando da greve, atuaram de forma decisiva, os seguintes ferroviários: Pedro Gaspar Ribeiro, Paulo Polak, Antônio Garbos, Zenóbio Karpovitz, Antônio Bilek, João Manfredini, Osvaldo Marcondes, Gentil Correia Vasconcelos, José Bonifácio Morais, Mário Branco Probst, João Passos, José de Sousa, Pedro Dondeu, Waldomiro Cavon, João Tipak, Jorge Dondeu.

ACABA DE CHEGAR O

MANUAL DE MARXISMO-LENINISMO

(em castelhano)

— peça-o hoje mesmo pelo reembolso postal, antes que se esgote. Redigido por um grupo de destacados publicistas soviéticos, sob a direção de Otto V. Kuusinen.

... conseguiram os seus autores, oferecer-nos uma pequena enciclopédia dos fundamentos do marxismo-leninismo, encontram-se aqui, claramente sintetizados, os aspectos básicos da doutrina marxista, em sua projeção atual...

A unidade harmônica dos problemas tratados na obra, a clareza e brilhantismo com que são expostos, conjugados com uma grande riqueza de argumentação e documentação, com uma seleção muito cuidadosa dos textos clássicos de Marx, Engels e Lênin, citados em suas páginas, fazem da mesma — um guia de estudo insubstituível para quantos queiram informar-se do que é uma teoria, em torno da qual gira hoje a marcha do mundo.

brochura: 960,00
encadernado 1.360,00

Faça o seu pedido pelo reembolso postal à

LIVRARIA DAS BANDEIRAS

Rua Riachuelo, 342 - loja 2 - fone: 36-4871 - São Paulo
ATENDEMOS PRONTAMENTE

ALESSANDRI E A "POLITICA DE AUSTERIDADE" DO FMI DERROTADOS

Voto Popular Abala o Governo: Comunistas Avançam no Chile

No dia 3 de novembro de 1960, dezenas de milhares de trabalhadores chilenos realizaram gigantesca manifestação nas ruas de Santiago do Chile e outras cidades. No dia 7, em consequência das violências praticadas contra os manifestantes, das quais resultou a morte de dois trabalhadores e ferimentos em dezenas de outros, foi decretada a greve geral que paralisou durante 24 horas a vida do país.

Quatro meses depois, no dia 5 de março de 1961, o povo foi chamado às urnas para eleger o novo Congresso do Chile. Apesar dos resultados ainda concederem maioria à coligação dos partidos governamentais, registrou-se um sensível avanço dos partidos da oposição, entre eles o Partido Comunista que, participando pela primeira vez de um pleito depois de longos anos de dura ilegalidade, recebeu uma votação estrondosa elegendo, segundo os primeiros resultados oficiais, 4 senadores, mais de 4 deputados e obtendo mais de 150 mil votos.

As ocorrências de novembro e os resultados da eleição estão intimamente ligados à política de esmorecimento e miséria para o povo posta em prática pelo presidente Alessandri, e à crise econômica, política e social que atravessa o Chile em virtude da orientação francamente antinacional imprimeada pelo governo aos negócios do Estado, orientação de sujeição às imposições do famigerado FMI e de sua "política de austeridade".

A política de Alessandri

Eleito por escassa margem de votos, o presidente José Alessandri se orientou no sentido da aplicação de uma política francamente entreguista, ao melhor estilo de Frondizi, procurando resolver a grave crise que atravessa o país de acordo com as determinações do Fundo Monetário Internacional. Concedendo todas as facilidades aos trustes estrangeiros que dominam as riquezas minerais e a economia do país, procura realizar uma política de cada vez maiores sacrifícios para o povo. Em novembro, ao mesmo tempo que o país tomava conhecimento do escandaloso Plano Codegua, que entregava definitivamente as reservas de cobre do país ao saque da "Branden Copper", o governo anunciava seu firme propósito de negar qualquer pedido de aumento de salários formulado pelos trabalhadores. Por outro lado, o ministro da Fazenda, apresentando ao Congresso a situação econômica e financeira do país, preconizava uma política fiscal tendente a majorar cada vez mais os impostos, principalmente o de vendas e consignações, ao mesmo tempo que mantinha os mesmos níveis para os cobrados à grande indústria (naturalmente, as empresas estrangeiras).

Para se aquilatar os verdadeiros objetivos da política econômica do governo Alessandri, dois fatos são significativos: a liquidação de empresas estatais e o plano de concessões às empresas imperialistas. No que se refere ao primeiro caso, o presidente Alessandri, logo depois de assumir o poder,

determinou a liquidação da FANAERO (Fábrica Nacional de Aeronaves), montada pelo governo anterior com os recursos obtidos da Lei do Cobre, e, logo depois, ordenou a liquidação da CORFIAT, indústria que fabricaria automóveis, tratores e caminhões e para a qual haviam já sido investidos mais de um bilhão, 270 milhões de pesos.

Ao mesmo tempo que tomava essas medidas, iniciava toda uma política no sentido de proteger e favorecer os investimentos estrangeiros no país, da qual a ação mais significativa constitui o Plano Codegua. Segundo esse plano, denunciado à Nação pelos dirigentes do Partido Comunista do Chile, o Estado se obriga a entregar concessões de terras cupriferas a Branden Copper, se compromete a con-

gelar os impostos cobrados à empresa imperialista, a libertar dos direitos e taxas aduaneiras todas as importações feitas pela firma e muitos outros lesivos aos interesses da Nação e do povo chileno.

Para aplicar essa política antinacional e de submissão aos interesses do imperialismo norte-americano, o governo enveredou pelo caminho da violência e da repressão. As manobras no sentido de tornar o Chile uma ditadura que servisse mais facilmente aos interesses do imperialismo, caíram por terra em virtude da ação decidida do movimento sindical, das correntes e partidos democráticos.

A importância das eleições

O avanço registrado pelos partidos da oposição nas eleições par-

lamentares de domingo último, (mais de 45% da votação), reflete o descontentamento popular pela "política de austeridade" posta em prática por Alessandri. A espetacular votação obtida pelo Partido Comunista revela a justeza da sua linha política, que conclama à frente única na luta contra o imperialismo e as forças internas que lhe são aliadas.

O exemplo do Chile, assim como as recentes eleições federais realizadas na Argentina (Frondizi foi derrotado esmagadoramente em Buenos Aires e Córdoba), revelam o caráter verdadeiramente reacionário e pró-imperialista do "plano de austeridade" preconizado pelo FMI, o repúdio dos povos aos governos que o adotam.



Vitória de uma política

Luis Corvalán, secretário-geral do Partido Comunista do Chile, apresentou, na reunião de dezembro do C.C. daquele Partido, as linhas-mestras da política que levou à grande vitória.

GPRA TOMA DECISÃO PARA IMPEDIR NOVA MANOBRA DIVERSIONISTA

De Gaulle só Tem um Caminho Para a Paz: Reconhecer a Independência da Argélia

«A guerra só terminará quando for concluído um acordo político oficial entre a França e o Governo Provisório argelino» — a resposta da FLN é definitiva e deixa bem claro que nenhuma solução intermediária poderá levar a paz ao território argelino, assim como limita o campo de manobras de De Gaulle, não dando oportunidade ao chefe de Estado francês de prosseguir na sua política vacilante e conciliatória, e por isso mesmo incapaz de chegar a uma solução definitiva da questão.

O «espírito de Rambouillet» (como se costuma designar a política argelina do marechal) renasceu — dizia a imprensa há 10 dias atrás. O presidente convidara Habib Burguiba, chefe de Estado tunisino, para uma conferência a fim de encaminhar uma solução para o problema argelino. Ela foi realizada e Burguiba atravessou o Mediterrâneo esperançoso e, aparentemente, acreditando na possibilidade de se chegar a um acordo. Conferenciou com Hassan do Marrocos e com o chefe do governo provisório argelino, Ferhat Abbas. Soube-se depois que um representante de De Gaulle também se encontrara secretamente, em território suíço, com um membro do GPRA. Desses dois encontros é que derivou a resposta argelina: «paz só com acordo político oficial».

A nova política

O general, ditador fantasiado de presidente, subiu ao poder, como se sabe, em 1958, após prolongada crise provocada pelos elementos mais reacionários e fascistas do exército francês e tem se mantido no posto graças a uma política de concessões e repressão, de promessas e advertências. Apresentando-se como verdadeiro «salvador da Pátria» ameaçada em duas frentes «pelo perigo da direita e pelo perigo da esquerda», utiliza esse argumento como manobra tática para

executar a sua política chamada centrista que, no fim de contas, tem contribuído para agravar cada vez mais a situação da França. Quase 3 anos depois a sua maior promessa ainda não foi cumprida: terminar rapidamente a guerra da Argélia. E não foi cumprida porque o general, apesar de sua pretensa boa vontade, de já ter reconhecido o direito de autodeterminação e mesmo de independência ao povo argelino, de ter começado negociações, está irremediavelmente comprometido com as forças que o guindaram ao poder, é sustentado por um exército dominado por generais fascistas e é um fiel servidor das forças econômicas depositárias de grandes interesses no território africano.

As negociações levadas a efeito até agora fracassaram inteiramente. O novo ciclo iniciado pela entrevista entre De Gaulle e Burguiba, entretanto e apesar dos primei-

ros contratempos, poderá ter um fim diferente porque corresponde a uma situação nova, surgida mesmo contra a vontade do próprio general, revelada nas gigantescas manifestações de dezembro realizadas nas grandes cidades argelinas e pelo recente referendo.

O povo diz a última palavra

De Gaulle jamais quis reconhecer na FLN e no GPRA os únicos representantes do povo argelino com os quais podia negociar. Quer fazer acreditar, objetivando levar a cabo a sua política de integração da Argélia na comunidade francesa (isto é, na execução de uma política que pudesse pôr fim à guerra sem prejuízo para os interesses franceses naquele país e sem a concessão da independência exigida pelo povo), que as populações muçulmanas dos grandes centros como Argel, Oran e outras cidades não concordavam com a ori-

entação da FLN e era favorável a uma autodeterminação supervisionada pela metrópole. Teve oportunidade de constatar pessoalmente que tais conceitos não eram verdadeiros quando, em dezembro, realizou uma viagem ao território argelino com o fito de acalmar a irritação dos «ultras» na região. As populações muçulmanas das grandes cidades, enfrentando os provocadores fascistas e a violência bárbara dos paraquedistas saíram às ruas para proclamar sua fidelidade à FLN. As bandeiras verde-brancas da Argélia livre eram empunhadas por jovens, homens e mulheres. A repressão sangrenta, a criminosa ação dos paraquedistas que assassinaram friamente, insulados pelos fascistas, mais de mil muçulmanos, foi incapaz de conter as manifestações.

Os acontecimentos abalaram de tal maneira o prestígio do general e a sua política argelina, que ele

não teve outro remédio senão o de recorrer ao referendo, manobra tática para reaver as posições perdidas e poder prosseguir na execução de uma política sem perspectiva.

O referendo confirmou os acontecimentos de dezembro. Na metrópole, apesar da confusão existente nos setores e partidos democráticos do país, onde o conceito «o melhor De Gaulle no poder do que os «ultras» e fascistas» ganhou muitos adeptos, os resultados sinalizaram uma diminuição de 15% nos votos dados a De Gaulle. Na Argélia, a abstenção atingiu o índice de 40%, assim mesmo porque a FLN orientara o povo no sentido de se abster desde que houvesse condições para tal a fim de que não se desse margem a nenhuma provocação. A posição dos dirigentes argelinos durante os dias do referendo, desbaratou uma vasta provocação montada pelos «ultras» aliados aos generais do exército, que prepararam um verdadeiro banho de sangue nas principais cidades no caso de se registrarem manifestações favoráveis à FLN.

As manifestações e os próprios resultados da consulta popular tiraram de De Gaulle os últimos trunfos que lhe restavam na partida já perdida que ele trava com o povo argelino e seus legítimos representantes.

Depois desses acontecimentos, outro caminho não lhe restava que o do reinício das negociações, desta vez, pela primeira amostra, em escala mais alta e em condições completamente diferentes.

O general, pelo que indica a marcha dos acontecimentos, tentará conciliar interesses mais uma vez. Parece que não está disposto, e isto os homens que o cercam têm deixado bem claro, a ir até o fim. O reinício das negociações, como ocorreu em relação ao encontro de Melun entre representantes do GPRA e do governo francês, aparece como uma nova manobra para enganar o povo francês já cansado da guerra e começando a desencadear das verdadeiras intuições do homem que se apresenta como «salvador da Pátria».

Até que ponto essas manobras poderão satisfazê-lo; até que ponto ele herdará as novas promessas é coisa que não se pode vaticinar. Os resultados do referendo mostram que o prestígio do general entrou em período de franco desagrado. As forças populares, apesar das incompreensões e da traição dos socialistas oficiais que alimentam uma política oportunista de apoio a De Gaulle para evitar a instauração de uma ditadura fascista (como se o governo do marechal não fosse ditatorial), reunificam seu pensamento e atacam decididamente a política francamente direitista e militarista do chefe de Estado e denunciam as suas manobras, a tática dilatória que utiliza com o objetivo de encontrar uma solução francesa para um problema que só será resolvido de acordo com os interesses e o desejo do povo argelino.

O GPRA mostrou o caminho. A França não resta outro se quiser pôr fim a uma guerra desonrada e cheia de sacrifícios. A Argélia francesa é um mito que a realidade, a cada dia que passa, se encarrega de desacreditar cada vez mais.



As «SS»

do general «Turistas» e «revolucionários» de barriga cheia

Passou pelo Brasil e esteve no Rio de Janeiro onde deu entrevista aos jornais e falou na televisão o jornalista Conte Aguiar, traidor da Revolução Cubana e hoje «turista» a serviço da contra-revolução e do Departamento de Estado. O que ele disse, não interessa. O que existe digno de registro nessa viagem, assim como na de muitos outros itinerantes, é o fato de eles poderem desenvolver sua atividade anticubana graças à «ajuda» do Departamento de Estado. Grandes verbas têm sido dotadas ultimamente para esse tipo de atividade (400 mil dólares mensais), ao mesmo tempo que outras, muito maiores, são dedicadas ao preparo e ao treinamento de forças rebeldes no próprio território dos Estados Unidos. O governo norte-americano, através da seção do seu Serviço de Inteligência que atua junto aos contra-revolucionários, tem utilizado também o recurso econômico (fornecimento de dinheiro) para submeter inteiramente esses revolucionários «de barriga-cheia» aos seus interesses, transformando-os em porta-vozes de sua política reacionária.

Pelas ruas de Argel, no mais puro estilo nazista, desfilam os famosos paraquedistas de De Gaulle, a força criada pelo governo francês para esmagar pelo terror e violência a luta de libertação do povo argelino. Sua missão fracassou. Não foram capazes de dobrar a resistência e o espírito de luta dos homens e mulheres da Casbah.

O Leão volta a «rugir»

Desdentado mesmo, como disse Kruschio durante o fracassado ataque ao Egito, o Leão britânico voltou a rugir pela boca do ministro da Defesa do governo MacMillan. O homem, falando na Câmara dos Comuns, defendeu com unhas e dentes o direito da Inglaterra intensificar a sua produção de armamentos e armas nucleares, ao mesmo tempo que procurava justificar uma cooperação (leia-se submissão) com os Estados Unidos nesse terreno. A razão do debate foi a onda de protestos que se registrou em toda a Inglaterra, e que repercutiu no Parlamento pelas vozes dos deputados da oposição, contra a cessão da base naval de Dunoon, na Escócia, aos norte-americanos, para que eles a utilizem como base para os seus submarinos portadores de foguetes «Polaris». A ação do governo inglês, favorecendo a política agressiva dos norte-americanos, provocou violentos protestos populares e as manifestações de rua que enraivecaram de tal maneira o ministro de Sua Majestade, a levá-lo ao Parlamento para dizer aquilo não devia e ouvir o que não queria.

A ação do clero em Cuba

A ação do clero em alguns países vem merecendo as mais severas críticas e, em alguns casos, até o repúdio popular. É o que está ocorrendo em Cuba atualmente. Na ilha, as autoridades eclesiásticas, a pretexto de combate ao comunismo, vem se intrometendo na política interna do país, favorecendo a ação das forças mais reacionárias e dos inimigos do povo. Bispos e padres, principalmente prelados espanhóis, têm atuado no sentido de criar as mais sérias dificuldades para o governo revolucionário, fazendo abertamente o jogo dos imperialistas norte-americanos que tentam esmagar o novo Estado cubano. Não levando em conta as atitudes do governo em relação à Igreja, incitam estudantes à greve realizam verdadeiros comícios políticos contra-revolucionários, utilizando os púlpitos. Negam-se, em sua maioria, a responder a todos os pedidos de colaboração e procuram passar por vítimas para causar impressão no exterior. Fidel já advertiu sobre o destino dos inimigos do povo. Depois, não se queixem.

Nota Internacional

"Missão de Boa Vontade"

Mister Kennedy, em sua mensagem presidencial e nas posteriores falas à imprensa, declarou que os Estados Unidos iam preparar tropas selecionadas e capacitadas a intervir, em qualquer momento, em outros países, desde que para isso houvesse uma solicitação dos respectivos governos. Agora, o Departamento de Estado anuncia o deslocamento de um grupo de unidades navais de combate que se dirigia à África do Sul, em «missão de boa-vontade», para as costas congolêsas. A comunicação foi feita pelo sr. Lincoln White, porta-voz do Departamento de Estado, que informou também ter comunicado ao secretário-geral da ONU que o batalhão de fuzileiros embarcado naqueles navios estava à disposição do organismo se os quisesse utilizar no Congo. A manobra, pelas suas características e tramada justamente às vésperas da abertura dos trabalhos da assembleia geral das Nações Unidas, dá motivo a sérias preocupações e se apresenta como um fator perigoso para o desenvolvimento da crise congolêsas.

Quando se sabe que a força naval leva um batalhão de fuzileiros e dispõe de lançadores de desembarque, essas preocupações se justificam. Além do mais, fatos como esse não são novos. O governo norte-americano tem sido uzeiro e vezeiro na aplicação de golpes desse tipo, os mais graves detes registrados contra a Coreia e o Líbano. Nesses dois países, o Departamento de Estado ordenou a agressão e depois colocou a ONU diante do fato consumado (no que se refere à questão coreana os Estados Unidos, depois de intervir unilateralmente, forçaram o organismo internacional a sancionar a aventura).

O golpe que se prepara agora em relação ao Congo tem as mesmas características, com a agravante de que os Estados Unidos pretendem reforçar uma situação já condenada por grande número de países e no momento em que a assembleia geral da ONU se reúne para decidir sobre a permanência ou não dos seus contingentes em território congolês. A ação dos norte-americanos, que ameaçam claramente intervir nos assuntos internos do Congo, levará naturalmente a um agravamento da situação naquele país, pondo em perigo a própria paz mundial, ao mesmo tempo que constitui numa violação grosseira dos direitos do povo congolês. Tal atitude contrapõe-se aos desejos da maioria dos povos africanos, dos países socialistas e neutralistas que exigem não uma nova intervenção, mas a retirada dos capacetes azuis.



GUDIN PUXA O CORDÃO

Entreguistas Pedem a Liquidação da Petrobrás

Uma nova campanha contra a Petrobrás e contra o monopólio estatal do petróleo está em curso. Os mesmos jornais, as mesmas figuras, pagos pelos mesmos cofres, mostram-se particularmente assanhados e buscam, com a subida do sr. Jânio Quadros ao governo, obter aquilo que não conseguiram nos últimos sete anos: liquidar a empresa estatal do petróleo.

Segundo tais inimigos da emancipação econômica do Brasil, a Petrobrás não somente teria fracassado, em sua missão de ampliar a produção brasileira de óleo cru, tornando o Brasil auto-suficiente, como ainda se teria transformado num péssimo mar, num trembo-lha, que reclama urgente remoção. Como sempre, na nova investida ninguém consegue superar em falta de compostura e de amor à verdade esse velho entreguista Eugênio Gudín, que se cobre com o manto de provento professor universitário para pregar, com o mais desenfreado desputador, a entrega do que é nosso aos patrões dele.

Reservas de petróleo

Em artigo publicado no «O Globo» do dia 24 do mês passado, sob o título «Petrobrás: desperdício e incapacidade», o sr. Gudín faz uma série de afirmações cheias de ma fe das pes a cabeça, para provar a tese contida no título do seu artigo. Confrontemos as afirmações do entreguista com a realidade.

Diz ele que «as pesquisas de petróleo foram infelizmente infrutíferas... «A lavra limita-se à exploração da área descoberta pelo Conselho do Petróleo». Reponhamos a verdade. Em primeiro lugar, a descoberta de petróleo na Recôncava baiana foi feita apesar do Conselho Nacional do Petróleo (preferimos-nos aos seus mentores, aos homens influentes de lá, na época). É fato histórico que a descoberta de petróleo na Bahia deveu-se à persistência e ao patriotismo de um cidadão comum, o sr. Oscar Cordeiro, que teve de colocar abaixo montanhas de pareceres «técnicos» de homens que pensam como o sr. Gudín e recebem das mesmas fontes e segundo os quais não passava de fantasia e invenção, a existência de petróleo na Bahia.

Em segundo lugar, também não é verdade que a lavra realizada pela Petrobrás na Bahia se limite à área descoberta pelo CNP. Os trabalhos de pesquisa empreendidos pela empresa estatal foram coroados com a descoberta de diversos novos campos petrolíferos, que ampliaram consideravelmente as reservas conhecidas quando o CNP transferiu para a Petrobrás — ao ser criada a empresa, em 1953 — poços descobertos. Em números, o quadro é o seguinte: quando a Petrobrás foi fundada, o CNP havia delimitado reservas recuperáveis no montante de 50 milhões de barris. Em 31 de dezembro do ano passado, isto é, em apenas sete anos de vida, a Petrobrás multiplicou essas

reservas por 14, elevando-as para 700 milhões de barris de óleo.

E, se isso não bastar ao sr. Gudín, deve ele saber que as pesquisas prosseguem e que qualquer técnica da Petrobrás poderá informá-lo que ainda não se conhecem, em toda a sua extensão, as reservas de óleo do Recôncava. Quanto ao que o sr. Gudín chama de «área descoberta» pelo CNP, convém esclarecer que se trata de um território de cerca de oito mil quilômetros quadrados — mais de seis vezes maior que a superfície do Estado da Guanabara — e que ainda há muito onde perfurar e pesquisar. Prevê a Petrobrás que em 1961, somente na Bahia, ainda que não venha a ser descoberto nenhum novo campo fr, ou em outra parte, a produção nacional de óleo cru deverá ascender a 120 mil barris diários.

Ainda outro aspecto do mesmo problema: refere-se o sr. Gudín aos elevados gastos com pesquisas feitas pela empresa estatal. Veremos, em seguida, esta questão, mas, desde já, diremos que o petróleo descoberto pela empresa na Bahia seria, apenas ele, suficiente para cobrir várias vezes tais despesas. Com efeito, estimando, por baixo, cada barril das reservas já positivadas, em 3 dólares, ou 600 cruzeiros, ao câmbio livre, teremos um valor total das jazidas baianas de petróleo de 2 bilhões e 100 milhões de dólares, ou 420 bilhões de cruzeiros.

O que daí, por certo, no sr. Gudín é o fato de que essas reservas pertencem ao Brasil, ao povo brasileiro, e não a Esso ou à Shell...

O problema da pesquisa

No mesmo tópico do mencionado artigo, apressa-se o sr. Gudín, em correr em auxílio do sabotador norte-americano Walter Link e a faz apertadamente defender as direções da empresa estatal, ao isentá-las de culpa pelos alegados insucessos nas pesquisas. De fato, há uma série de indícios de que o sr. Link cumpriu sua missão: não descobrir petróleo fora da Bahia para que os Gudíns os Glycans de Paiva, os Roberto Campos, etc., encontrassem pasto para a campanha antimonopólio estatal que ora realizam e na qual o próprio agente norte-americano se engajou abertamente, já ao fim do seu contrato, prosseguindo-a agora, nos Estados Unidos.

É esse precisamente um dos pontos em que as direções da Petrobrás mais merecem ser criticadas: a facilidade com que entregaram ao exclusivo arbítrio do sr. Walter Link (e outros geólogos americanos por ele trazidos) um setor de tão grande importância como as pesquisas. E o mais grave é que essa situação continua. Não só o sr. Link foi substituído por um geólogo que é um «verdadeiro papel carbono», o sr. Lange, como continuam nos postos diversos outros norte-americanos trazidos pelo sr. Link. Na Bahia, por exemplo, reina onipotente um certo mr. Kerr, sempre pronto a acobertar atos de des-

corada sabotagem realizados por com-patriotas seus, como a denunciada há menos de dois meses por este jornal.

Esperamos que a Comissão Parlamentar de Inquérito, ora instalada, entre a fundo na questão e influa no sentido de que o Departamento de Pesquisas da Petrobrás receba a orientação preconizada pelos patriotas e pelo bom-senso: o trabalho de equipe, a emulação entre equipes e entre escolas geológicas, de maneira a reduzir ao mínimo o muito que ainda há de aleatório nessa ciência. O difícil não é provar que existe petróleo; é provar que não existe. Quem a diz é um eminente economista, que talvez não conheça o sr. Gudín, mas que certamente o sr. Gudín conhecerá — Regina Botti, ministra da Economia de Cuba.

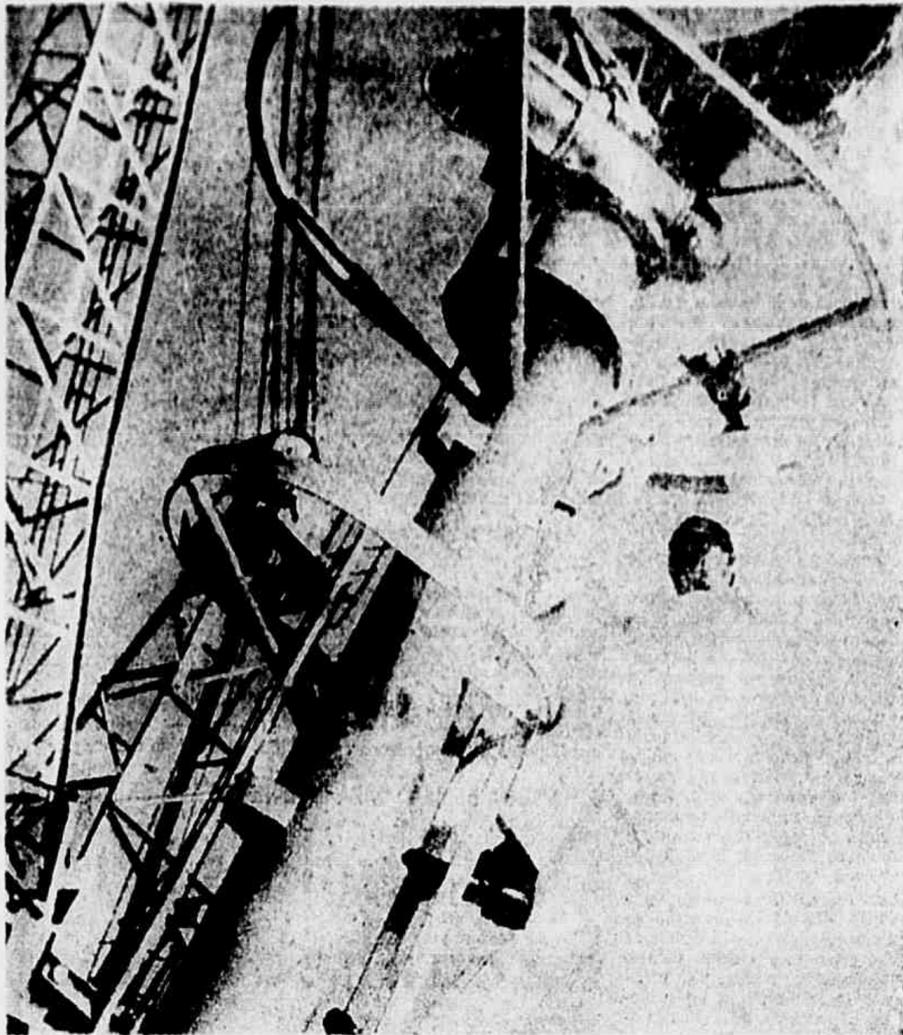
Gudín pede a liquidação

Alardeia o sr. Gudín, do mesmo modo que outros inimigos da emancipação nacional, que a Petrobrás é quase um caos administrativo, onde imperam o entreguismo, os bandalheiros, a incompetência técnica, etc. E larga isso em meio à sua objurgatória: «O povo brasileiro não pode continuar a desviar anualmente muitos dezenas de bilhões de cruzeiros indispensáveis à educação e à saúde, à habitação popular, aos transportes para os servidores das empresas estatais». Apoiando-se no sr. Glycan de Paiva que, ou é um entreguista consciente ou um geólogo de meia tijela (da contrário jamais iria o ponto de afirmar que o Brasil não possui petróleo fora da Bahia), continua o sr. Gudín insistindo nessa desmoralizada tecla, para concluir: «... então reduzamos a mais modestas proporções esse colosso para-estatal que tem quase 50 bilhões de receita anual, 19.000 empregados e que até deputados elegem». E no período final do artigo revela seu pensamento com toda clareza: «Mas, estando à vista o término da tarefa exploratória, seria um absurdo e grave erro manter uma instituição desse vulto e desse poder econômico e político para simples atividade de transporte e indústria de transformação»...

Enormes êxitos

Antes de tudo, reponhamos as coisas em seus lugares: apesar dos erros e das irregularidades cometidas — alguns dos quais incontestavelmente sérios —, apesar de haver aqui ou ali excesso de pessoal, quem quer que tenha um mínimo de conhecimento da Petrobrás sabe que em matéria de organização administrativa essa empresa estatal está em degraus acima do que de melhor já tenha sido feito no Brasil.

A Petrobrás acaba de receber nova direção, na pessoa do engenheiro Geonísio Barroso. E de esperar-se que ele tenha qualidades, disposição e esteja livre de compromissos para corrigir os falhos existentes. Se assim agir, mostrará que não faz jus aos suspeitos elo-



Petroleiros do Brasil

gios que está recebendo de jornais como «O Estado de S. Paulo», «O Globo» e outros órgãos da «Esso-Press», para não falar do próprio «New York Times».

Voltemos, porém ao sr. Gudín e as suas mentiras contra a Petrobrás. Compulse ele os relatórios da empresa dos últimos anos e, se tiver isenção para verificar os resultados, constatará o seguinte: a Petrobrás tem hoje uma capacidade de refino de 160 mil barris por dia, que passará a 250 mil, logo que entre em regime normal de operação a refinaria de Duque de Caxias, a que se espera para breve. Isto significa que somente a Petrobrás (excluídas as refinarias particulares) quase que atende a toda a demanda nacional, que anda pelos 270-280 mil barris por dia. Faça os cálculos o sr. Gudín e veja quanto o país economiza industrializando aqui mesmo o óleo cru, em vez de comprar lá fora, aos trustes, os derivados já processados.

O mesmo raciocínio é válido em relação à Frota Nacional de Petroleiros, que tem trazido ao Brasil valiosa economia de divisas.

O serviço que a empresa estatal já presta ao Brasil — economizando centenas de milhões de dólares em divisas, com as suas atividades de lavra, refino e transporte —, incorporando às riquezas nacionais um patrimônio de muitos bilhões de cruzeiros, em refinarias, petroleiros, terminais oceânicos, oleodutos e numerosas outras equipa-

Mais de 500 mil toneladas — eis a capacidade da Frota Nacional de Petroleiros, em 31 de dezembro último. Substituindo o transporte de óleo cru e derivados, antes realizado por barcos estrangeiros, a FRONAPE proporcionou ao país uma economia de divisas de dezenas de milhões de dólares. Na foto, aspecto de uma das unidades da FRONAPE.

mentos, formando milhares de engenheiros, geólogos, químicos especializados, operários de alta qualificação, etc. — só isto bastaria para deitar por terra toda a argumentação capciosa dos Gudíns, que constitui verdadeira traição ao Brasil. Compare o sr. Gudín a contribuição dada pela Petrobrás com a atuação dos trustes no Oriente Médio, por exemplo. Pode haver sequer tempo de comparação entre tudo o que faz a Petrobrás e os buracos deixados pela Esso, pela Shell, etc. naqueles infelizes países?

E preciso não ter nenhum amor ao Brasil e ser vendido de corpo e alma ao capital estrangeiro para chegar a conclusões como as expostas pelo sr. Gudín.

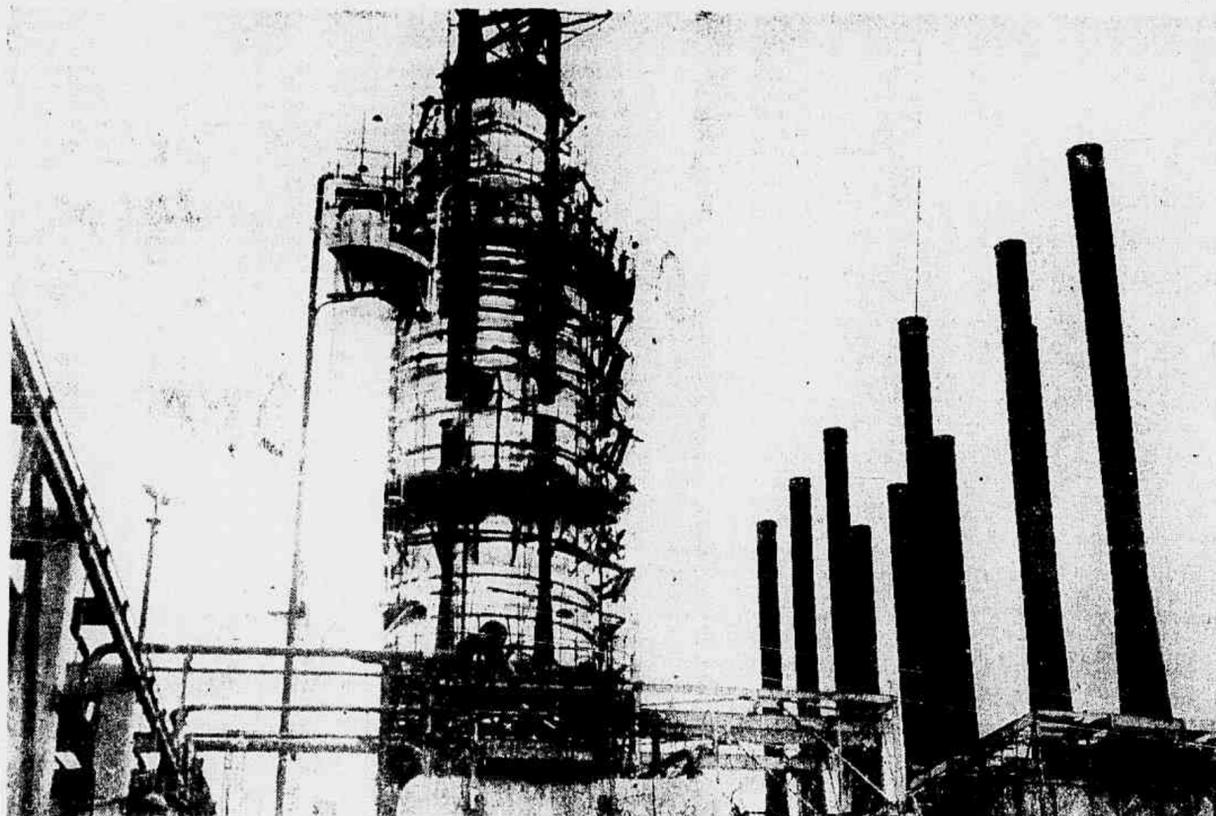
Ameaças à Petrobrás

Claro, das reais e mais sérias ameaças sobre a Petrobrás não fala o sr. Gudín. Nada diz, por exemplo, da política de estrangulamento financeiro da empresa, cópia do que foi feita na Argentina contra os Yacimientos Petrolíferos Fiscales, e que consiste no seguinte: de um lado, são negados à Petrobrás os recursos devidos pelo governo federal (participação numa série de impostos) e pelas refinarias particulares, sobretudo Capuava, a mesma que por pouco não teve o seu diretor Miguel Lins confirmado na Consultoria Geral da Re-

pública... de outro lado, enquanto sobem todos os custos para a empresa, com o processo inflacionário, permanecem congelados os preços dos seus próprios produtos. Nos últimos dois anos, somente aí, a Petrobrás teve um prejuízo de 11,5 bilhões de cruzeiros! E os preços não foram so congelados, como até rebaixados: recente portaria do Conselho Nacional do Petróleo (outubro de 1960) privou a Petrobrás de recursos da ordem de 700 milhões de cruzeiros por ano, em benefício das companhias estrangeiras distribuidoras.

Não pode ser também subestimada a sabotagem realizada por técnicos norte-americanos, como a que se passa presentemente na Bahia, em relação com a construção de uma unidade produtora de óleos lubrificantes. Desde abril de 1960 deveria estar funcionando aquela unidade, mas a companhia americana encarregada do serviço, a Kellogg, até hoje não concluiu a obra. A sabotagem é a mais ostensiva. Somente aí a Petrobrás teve um prejuízo (lucros cessantes) que alguns estimam em mais de 4 bilhões de cruzeiros!

Os trustes só renunciaram à campanha de sapa contra a Petrobrás quando foram elijados do Brasil ou quando deixaram de existir. Daí a necessidade permanente de vigilância dos nacionalistas, que agora têm seus olhos voltados para os trabalhos da Comissão Parlamentar de Inquérito.



Mais 90 mil barris por dia

Com o próximo funcionamento da refinaria de Duque de Caxias, a Petrobrás ampliará sua capacidade de refino, que já é de 160 mil barris, para 250 mil barris diários. Somente a empresa estatal ficará, assim, quase em condições de suprir toda o mercado nacional de derivados de petróleo. Em apenas sete anos de existência, é um grande êxito. Quando a refinaria de Duque de Caxias entrar em ação, o Conselho Nacional do Petróleo terá que obrigá-la a voltar aos níveis de produção constantes dos seus títulos de autorização, a fim de que a Petrobrás não fique com uma capacidade não utilizada.

NOVOS RUMOS

Viagem de Volta

No fim do dia — dia quente, trabalhoso, sem água e com vários outros problemas que se acumulam — os ônibus vão pisando no asfalto, em demanda dos subúrbios. E como vão cheios! Cheios de gente, de ensaço, de calor, de todos os problemas que se acumulam. Levam a mocinha que passou o dia, de pé, atrás do balcão, e o homem que trabalha numa obra, lá na Zona Sul, e que mora no extremo da Zona Norte. O menino que andou de um lado para outro, com os frechos de um escriptorio qualquer e, ainda, vai à escola de noite, e a dona de casa que trabalha fora, preocupadíssima com os filhos, que a estão esperando, até aquela hora, para preparar o jantar. Mas o menino não aprendeu a fazer comparações e conta orgulhoso que o pai é rico e que tem ar refrigerado na casa toda. Os patrões são assim, sempre têm a casa refrigerada e nunca andam de ônibus. Vida boa! Por isso, o operário pergunta:

— Na sua casa tem ar refrigerado?
O menino se encolhe, ainda mais, no espaço onde mal pôde entrar, e não responde logo. É que ele não tem propriamente uma casa. Mora num quarto, também, apertado, entorpecido, sem água há vários dias, em companhia de quatro pessoas da família. Vida difícil! O suor está enfiando a nuca, fazendo sulcos na pintura, mas ela nem se preocupa: está sonhando. Sonhando com as roupas bonitas que virando durante o dia. Sonhando com as roupas que nunca vestiu. E o empregado público aproveita a conversa entre o menino e o operário, para contar que na repartição, agora, todos os diários, oficiais, todos os jornais velhos estão sendo, cuidadosamente, guardados, para vender. Medida de economia. E uma senhora lamenta:

— Coitada da minha empregada! Ela vendia todos os jornais velhos, mas, com um concorrente tão forte como o governo, será que vai encontrar comprador?
Será? Ninguém responde. E outra mocinha, com o anel de professora brilhando no dedo nítido, apresenta sua queixa:
— Fui comprar um par de sapatos, pois nos proibiram de andar de sandálias...
Todos ficaram pensando o que haveria de imoral no pé da professora.

Bem, disse o operário, a senhora ainda é feliz, apenas, não prenderam os pés, mas os garais estão sendo presos como ladrões de lixo. Já viu alguém, nesse mundo, roubar lixo?
Mas existem os empelernidos, os recriantes, as emalantadas, os cegos, de quem fala o Evangelho; os pior ego é aquele que não quer ver. Por isso, não faltou quem defendesse:
As coisas melhoraram, pois já não é proibido que os cachorros andem nos transportes coletivos.
Todos olharam procurando um lugar onde bater um cachorro, mesmo um daqueles pequeninos que se encaixam no colo. Não havia lugar nem para o cachorrinho de madame. E amanhã virão outros meninos, outras moças, outras senhoras, outros, operários, para contar outras histórias, na longa viagem de volta.

Ano Montenegro

Blas Roca: Não há Fôrça Que Detenha a Revolução

ALMIR MATOS, enviado especial a Cuba
IV de uma série de cinco reportagens)

«Os cubanos são hoje livres, no verdadeiro sentido da palavra, pois já não pesa sobre a nossa Pátria a dominação semicolonial do imperialismo norte-americano nem a opressão dos latifundiários» — diz ao repórter o secretário-geral do Partido Socialista Popular de Cuba, Blas Roca.

Blas Roca, dirigente revolucionário dos mais conhecidos e respeitados na América Latina, fala serenamente, em seu gabinete na ampla sede do Partido, interrompe várias vezes a entrevista para atender a companheiros que procuram sua opinião sobre os mais diversos problemas. Aproveita a vinda do jovem fotógrafo de «Hay» para saber como estavam as coisas nas trincheiras onde, nos vésperas, tinha estado a reportagem do diário do Partido. Bem humorado, como em geral os revolucionários cubanos, Blas Roca não disfarça a satisfação com que discorre sobre a histórica reviravolta que agita e redime a ilha heróica.

«Libertamo-nos do imperialismo norte-americano, explica Blas Roca. Isso quer dizer que se abriu para o povo cubano a oportunidade de desenvolver economicamente o país, de acabar com a miséria, o desemprego, o analfabetismo e a insalubridade e, portanto, conquistar um bem-estar que irá aumentando na medida dos esforços empreendidos pelo próprio povo. A revolução permitiu ao nosso povo a oportunidade de libertar-se de toda exploração. Claro que ainda não o conseguiu totalmente, mas as bases para isso estão sólidamente lançadas: o processo está em desenvolvimento e chegará, sem nenhuma dúvida, ao seu objetivo».

Exemplo inquietante

Os vinte e cinco dias que passamos entre o povo cubano mostraram-nos, concretamente, muitos aspectos desse processo o que se refere Blas Roca: os cubanos estão construindo uma nova vida, próspera e independente. Para assegurar o seu triunfo têm, entretanto, que fazer face às ameaças que se voltam contra a revolução.

«A ameaça principal que pesa sobre a Revolução Cubana — esclarece o principal dirigente dos comunistas cubanos — é a do imperialismo norte-americano, nosso inimigo mortal. Não só pelo que os imperialistas perderam — uma fonte de matérias-primas baratas, um mercado por eles monopolizado e um voto tranqüilo na OEA e na ONU — mas, sobretudo, porque a Revolução Cubana é um exemplo para toda a América Latina, um ensinamento de profundo alcance histórico. A Revolução Cubana está mostrando que é possível vencer o imperialismo americano em nosso Continente, que é possível manter uma política exterior independente e de paz, que é possível realizar uma reforma agrária radical e acabar com os privilégios rapazes dos monopólios estrangeiros. Está provado que qualquer país do Continente pode libertar-se da dominação imperialista. Por isso, precisamente, os imperialistas nos ciaciam com tanta fúria e procuram esmagar a nossa revolução».

Os monopólios ianques e o governo norte-americano, que os representam, são, assim, a principal força contra-revolucionária. Internamente, diz Blas Roca, a contra-revolução, privada do poder econômico e de posições políticas, não se atreveria sequer a manifestar-se, se não existisse o apoio externo do imperialismo americano. Sua desmoralização é total diante dos trabalhadores e do povo.

O dirigente comunista de Cuba acrescenta:

«Apesar dessa ameaça imperialista, estamos absolutamente convencidos de que nada poderá derrotar a Revolução Cubana: o que foi conquistado não se perderá e a revolução continuará avançando no sentido de novas conquistas. Essa confiança não resulta de uma fé religiosa, mas da apreciação serena das forças que estão com a revolução: internamente, a esmagadora maioria dos cubanos e, internacionalmente, as forças que se apõem ao imperialismo e a todos os povos de nossa América Latina».

Papel dos comunistas

Em nossa «grande imprensa» tem sido sistematicamente tergiversado o papel dos comunistas cubanos na revolução que, dirigida por Fidel Castro, libertou Cuba do imperialismo e do latifúndio. Versões as mais desencontradas são urdidas: ora os comunistas não participaram da luta, ora são os comunistas que «dominam» o país. Blas Roca comenta o assunto, sem perder o bom humor:

«Veja como é contraditório o anticomunismo. Nos primeiros dias de 1959 a linha central da propaganda imperialista consistia em afirmar que os comunistas nada haviam feito pela revolução e, por isso, a revolução devia colocar-se contra os comunistas. O

aspecto americano Jules Dubois, que hoje vive espalhando calúnias pela América Latina, chegou a levar para a televisão alguns rapazes do Exército Rebelde para que eles dissessem que «não viram» os comunistas nas guerrilhas. Mas o tiro saiu pela culatra: sem ele imaginar, apareciam rebeldes que diziam ter visto comunistas e, mais, serem eles próprios comunistas. O provocador, é claro, desistiu».

Blas Roca lembra outra foto, este ligado à legendaria figura de Camilo Cienfuegos:

«Quando se deu a traição de Hubert Matos, o nosso inesquecível Camilo, falando pela televisão em Camaguey, desferiu um golpe mortal no anticomunismo. Com a sua autoridade, de chefe do Exército Rebelde disse Camilo, depois de lembrar que o traidor Hubert Matos exigia que se perseguisse os comunistas: quando cheguei com o Exército em Las Villas fui recebido precisamente pelos guerrilheiros comunistas; o seu chefe, Felix Torres, apresentou-se e me declarou: estamos às suas ordens! Agora, querem que exclamemos esses homens, que lutaram honradamente ao nosso lado. Mas nós não podemos discriminar entre os que estão com a Revolução Cubana».

E sobre a participação dos comunistas, hoje, na revolução, eis que disse Blas Roca:

«Nosso Partido participa na luta pela construção da nova Cuba, lado a lado com as demais forças revolucionárias. O líder e dirigente da revolução é Fidel Castro. Da mesma-modo que Felix Torres recebeu Camilo, entendemos que nós e todas as demais forças revolucionárias devemos marchar sob a direção de nosso líder Fidel Castro. Os comunistas estão em toda parte onde se torne necessário um esforço ou um sacrifício para assegurar a vitória».

Kennedy: os fatos mostrarão

«Cessa um governo imperialista, e um novo governo imperialista sobe ao poder» — assim resumiu Blas Roca a sua opinião sobre os possíveis resultados da ascensão de Kennedy, em relação a Cuba. Disse mais:

«É claro que há dentro do imperialismo diferentes grupos: no governo de Eisenhower predominou o mais agressivo, inimigo da coexistência pacífica e partidário da corrida armamentista. Há os que afirmam que o grupo em torno de Kennedy não tem essas mesmas características. Não podemos afirmá-lo nem negá-lo, por enquanto. Esperamos os fatos. Se há liberais no novo gabinete, nele se mantém um provocador e criminoso como Alan Dulles. Não se pode prever que tendência afinal predominará. O assessor presidencial Chester Bowles declarou publicamente que a política do governo americano quanto a Cuba deve ser reafirmada. Não esclareceu de que reafirmação se trata, mas é de esperar que se refira à renúncia à agressão, pois já está demonstrado que a política de agressão contra Cuba não dá os resultados desejados pelos imperialistas. Quanto a nós, expresso o desejo de que o governo de Kennedy se oriente pelo bom senso».

Posição de Jânio

Todos conhecem a posição assumida pelo sr. Jânio Quadros em sua visita a Cuba, no ano passado, e durante toda a sua campanha eleitoral. O atual presidente chegou a afirmar: «O Brasil não faltará a Fidel Castro». E não encontramos em Cuba uma só pessoa que não nos interpelasse: E Jânio, continua conosco? Perguntamos a Blas Roca o que esperava ele do atual governo brasileiro.

«É impossível, por enquanto, fazer afirmações concretas. O sr. Jânio Quadros esteve em Cuba e fez declarações categóricas a favor da Revolução Cubana. Se continuar nessa posição e mantiver as opiniões expendidas na campanha eleitoral, isso será muito positivo para o Brasil, pois hoje o que define os patriotas, em nosso Continente, é a posição em que se colocam diante de Cuba: para um líder latino-americano, estar contra Cuba é estar contra a independência de seu país, contra a reforma agrária, contra as relações com todos os países, contra a liquidação do analfabetismo e da miséria. Fazemos votos para que o presidente Quadros continue a ser um amigo da Revolução Cubana».

Ajuda dos países socialistas

A imensa obra de construção pacífica que está sendo levada a efeito em Cuba só pôde se tornar possível graças à solidariedade e à ajuda dada ao Governo Revolucionário de Fidel Castro pelos países socialistas, especialmente a União Soviética e a China. Essa ajuda se manifesta em todos os

aspectos. E o povo cubano revela uma ilimitada gratidão à URSS e demais nações socialistas pelo que têm feito em favor de sua revolução. O principal dirigente do Partido Socialista Popular nos disse a respeito:

«A vitória e consolidação da Revolução Cubana é um fenômeno que se explica pela atual correlação de forças no mundo. O imperialismo já não está só, nem faz o que quer. Em qualquer outra situação, o manobra de nos deixar sem petróleo teria sido uma catástrofe. Mas o fato de a URSS ter se decidido a nos mandar o seu petróleo — e que pudesse fazê-lo, apesar da enorme distância que nos separa geograficamente — permitiu que não nos faltasse o combustível. Não houve sequer necessidade de racionamento. Depois, os Estados Unidos suprimiram a quota de açúcar e proclamaram a «iminência de uma catástrofe em Cuba». E estavam certos disso, já que cerca de 85% de nossa exportação é representada pelo açúcar. Mas a URSS, a China Popular, a Tchecoslováquia, a Alemanha Oriental, todos os países socialistas enfim, compraram o nosso açúcar. Vendemos-lhes mais de 4 milhões de toneladas. E podemos anunciar que este ano será alcançada a maior safra de açúcar de toda a história de Cuba. Além disso, a advertência feita por Kruschiov de que uma intervenção militar direta dos Estados Unidos contra Cuba poderia levar a URSS a lançar mão de seus foguetes contêve e contém os que sonham com uma aventura armada contra a revolução».

A América solidária

Na cidade de Manzanillo, representantes das delegações latino-americanas às comemorações do segundo aniversário da revolução cavaram uma trincheira simbólica — a trincheira da amizade. Os cubanos têm na mais alta conta o apoio dos povos latino-americanos à revolução, e estes por sua vez consideram que a causa da revolução de Cuba é a causa de sua própria libertação. Sobre essa solidariedade disse-nos Blas Roca:

«Tem sido muito ampla e valiosa a solidariedade latino-americana à nossa revolução. Em todos os países do continente desenvolvem-se grandes lutas da classe operária, de massas camponesas e de estudantes, de todos os patriotas e democratas, em favor da Revolução Cubana. Agora mesmo acabamos de receber um trator oferecido a Cuba pelos patriotas argentinos. Os índios do Panamá comprometeram-se a atacar os americanos em caso de agressão a Cuba. Os venezuelanos ameaçaram cortar o suprimento de petróleo. E em alguns países, como o Brasil, começaram a organizar-se voluntários para virem em nossa ajuda».



A terra pertence a quem a trabalha

da no caso de agressão. Somos gratos a essa solidariedade, que reveste cada vez mais formas concretas, não se limitando apenas a um apoio moral.

Milhares de títulos de propriedade foram e estão sendo entregues pelo Governo Revolucionário aos camponeses cubanos. Acabou-se o latifúndio, não existe mais a renda agrária e os antigos parcelos, arrendatários e posseiros são os donos da terra, os donos da Nova Cuba. Uma vida livre e feliz se abriu para o povo cubano graças à revolução.

Sabemos que essa ajuda jamais nos faltará, pois a nossa revolução — liquidando o jugo imperialista e a opressão do latifúndio — encarna os grandes anseios de todos os povos latino-americanos que lutam pela Independência nacional, o progresso e a democracia».

NOVOS RUMOS

ANO II

Rio de Janeiro, semana de 10 a 16 de março de 1961

Nº 105



Amigos sinceros: ajuda da URSS não tem limite

Não conseguindo esmagar a Revolução Cubana através da ofensiva diplomática ou da ação de sua quinta-coluna, os trustes ianques decretaram contra Cuba o bloqueio econômico. Suspenderam a quota de açúcar, deixaram de fornecer petróleo e suprimiram todas as exportações. Mas o bloqueio também fracassou. A União Soviética, a República Popular da China e todos os demais países socialistas manifestaram ao povo cubano a sua decidida solidariedade, suprindo o país de tudo quanto necessitava. Na foto, um carregamento de caminhões pesados sai da URSS com destino a Cuba.

Ministro da Fazenda é Homem de Palha da Pan American

O novo ministro da Fazenda, sr. Clemente Mariani, foi acusado pelos nacionalistas de ser um testa-de-ferro ou homem de palha da Pan American. Em lugar de contestar a afirmação, o ministro, logo depois de sua posse, deu uma entrevista aos jornais na qual passou recibo à acusação: disse que cortou suas ligações com aquela empresa alguns dias antes ao saber que seria chamado a fazer parte do governo do sr. Jânio Quadros. Mas todo mundo sabe muito bem o que são tais "atafamentos". Trata-se apenas de uma transmissão formal de ações de um a outro testa-de-ferro. Foi certamente o que fez o novo ministro da Fazenda, que era e continua sendo homem de confiança de um dos maiores trustes internacionais — a Pan American World Airways.

Mesmo admitindo que o sr. Mariani não tenha mais ligação com a Pan American estaria ele em maus lençóis, pois a verdade é que se prestou a manobras para fraudar a lei brasileira, participando, juntamente com outros 10 brasileiros, de um ardid usado para a falsa nacionalização da Panair. E de acordo com um parecer do jurista Pontes de Miranda, de 14 de setembro de 1960, desde que a "empresa estrangeira simula alienar ações, para que não atinja a lei de nacionalização de empresas, ou para que não se possa dizer que o controle efetivo está em mãos de estrangeiros e cidadãos brasileiros se prestam a isso, há o crime do artigo 311 do Código Penal". Este artigo diz ser crime de falsidade "prestar-se a figurar como proprietário ou possuidor de ação, título ou valor pertencente a estrangeiro, nos casos em que a este é vedado por lei a propriedade e a posse de tais bens".

Nada impede que ao ministro seja aplicado o art. 311 do Código Penal.

Até há bem pouco tempo porém (junho de 1960), a Pan American possuía em seu próprio nome 48% das ações. Mas sempre temendo a nacionalização da empresa, principalmente depois da apresentação do projeto de Sérgio de Magalhães e ante a incansável luta travada pelo grupo de brasileiros livres acionistas da Panair, a Pan American resolveu transferir parte de suas ações para os tes-

tas-de-ferro nacionais que há cinco anos vêm dirigindo a companhia em seu nome. Para essa manobra foi constituída a sociedade civil "Planejamento e Administração Guanabara".

Com esse golpe, o poderoso truste pensa burlar a vigilância nacional, e, assim, continuar recebendo as popudadas subvenções e outras vantagens a que têm direito as companhias brasileiras de navegação aérea.

Ações da Pan American	39%
Ações de brasileiros ligados por contrato a Pan American	32,27%
Brasileiros livres	27,33%
Ausências	19,40%
	100%

Até há bem pouco tempo porém (junho de 1960), a Pan American possuía em seu próprio nome 48% das ações. Mas sempre temendo a nacionalização da empresa, principalmente depois da apresentação do projeto de Sérgio de Magalhães e ante a incansável luta travada pelo grupo de brasileiros livres acionistas da Panair, a Pan American resolveu transferir parte de suas ações para os tes-

tas-de-ferro nacionais que há cinco anos vêm dirigindo a companhia em seu nome. Para essa manobra foi constituída a sociedade civil "Planejamento e Administração Guanabara".

Com esse golpe, o poderoso truste pensa burlar a vigilância nacional, e, assim, continuar recebendo as popudadas subvenções e outras vantagens a que têm direito as companhias brasileiras de navegação aérea.

A marmelada da "Planejamento Guanabara"

Sabe-se que o grupo brasileiro possui cerca de 20% das ações da Panair. Ficcionalmente, a Pan American detinha quarenta e oito por cento. Na realidade porém sempre teve mais pois há na empresa um número de acionistas que sempre votam com os trustes. Depois da última assembleia geral ordinária, em abril de 1960, a Pan American resolveu, a 3 de junho do mesmo ano, vender a Planejamento e Administração Guanabara 79.200 ações da Panair do Brasil. A Planejamento fora constituída pouco antes, no dia 27 de maio, como sociedade civil, que encerra uma série de cláusulas bastante originais, e discutíveis, do ponto de vista do que é geralmente aceito pela tradição do direito brasileiro para tal tipo de sociedade. Mas todas essas cláusulas têm como finalidade assegurar o controle da "empresa brasileira" Panair pela Pan American. Vejamos apenas algumas dessas cláusulas mais característicos. Como um dos fins da Planejamento Guanabara é "a participação, na qualidade de acionista na Panair do Brasil S. A.", um dos parágrafos da cláusula 8 diz: "A sociedade exercerá os seus direitos de acionista da "Panair do Brasil S. A."... sempre mediante representação pelo socio gerente". E em outro parágrafo da mesma cláusula: "Fica vedado aos representantes da sociedade, a não ser por deliberação expressa, consignada em ata de reunião dos sócios, tomar parte nas votações e deliberações das Assembleias Gerais Ordinárias ou Extraordinárias da "Panair do Brasil S. A.", etc. E, para completar tudo isso, no contrato de transferência das ações da Pan American para a Planejamento Guanabara, exige-

se: "A não ser que a compradora e a vendedora (a. R. a Pan American e a Planejamento Guanabara) ajustem expressamente o contrário, por escrito, todas as ações de ambas, bem como todas as ações que pertençam individualmente aos sócios da compradora serão sempre votadas (sic), nas eleições de membros do Conselho de Administração, de modo a assegurar que este se compoña dos seguintes membros: I, um número de membros designados pela vendedora (Pan American — N. R.) que guarde, para com o número total de membros do Conselho a mesma relação existente, no caso, entre a totalidade das ações dela vendedora, e a totalidade do capital-ações da Panair do Brasil S. A.; II, os cargos dos diretores executivos e os restantes dos membros do conselho escolhido exclusivamente dentre os atuais sócios da companhia".

O que fica evidente nos pontos acima transcritos é a peia dos votos ao grupo que integra a Planejamento Guanabara pela Pan American. É evidente também que, como frisa Pontes de Miranda em seu lúcido parecer sobre o assunto, existe no caso fraude à lei brasileira a propósito da atuação de interesses estrangeiros em empresas brasileiras que devem ter percentual de capital ou administração nacionais.

Em conclusão, podemos afirmar que a organização da Planejamento Guanabara e a transferência a esta das ações da Panair pertencentes à Pan American não passam de uma chantagem. Pois bem, este novo crime praticado pelo truste norte-americano contra os interesses nacionais só foi possível por contar com a colaboração de onze maus brasileiros, entre os quais encontramos o nome do sr. Clemente Mariani. A Pan American, que tanto mal tem causado ao Brasil, em vez de ser atingida pela vassoura do sr. Jânio Quadros, pela falcatrua que praticou, foi, ao contrário, premiada: um dos seus homens de palha, o sr. Mariani, foi colocado num dos mais importantes postos da República, o Ministério da Fazenda. A vassoura do presidente tem se mostrado muito modesta: não varre sujeira de empresa monopolista estrangeira.

Diccionario Economia Natural e Economia Mercantil

A passagem gradual da renda-trabalho para a renda-produto e, depois para a renda-dinheiro foi acompanhada pelo processo de transformação da economia brasileira em economia mercantil. Denomina-se economia mercantil aquela em que os produtores, habitualmente, se absteem de que seus produtos sejam utilizados diretamente para a produção de outros produtos, recorrendo a troca com outros economistas. Cada indivíduo produz o que se consuma nas terras adjacentes e suas atividades educadas nestas terras, portanto pertencentes ao mesmo sistema, constituem uma existência econômica autônoma. Contudo, o que o senhor feudal e sua família produziam era produzido no próprio campo: alimentos, roupas, calçados, instrumentos de trabalho, material para a construção de casas, petrechos para a caça, etc. Tudo era produzido pelos camponeses servos.

Também a economia dos camponeses primitivos era natural. Ocupavam-se da agricultura e também da criação de gado, caçados, instrumentos agrícolas, etc. Assim, a agricultura combinava-se com a indústria caseira.

Havia, entretanto, certos objetos de consumo que nem sempre podiam ser produzidos no local, como os artigos de ferro, o sal e outros, que eram fornecidos nos primeiros tempos pelos comerciantes ambulantes. Mas, à medida que as cidades cresciam e, com elas, a produção dos artesãos, a divisão do trabalho e a troca entre a cidade e o campo aumentaram consideravelmente.

Já o regime escravista conheceu grandes cidades. Entretanto, com o advento do feudalismo, entraram em um prolongado período de decadência e só foram ressurgir muitos séculos depois. A princípio, os artesãos produziam artigos para vender, mas uma grande parte daquilo de que precisavam provinha de suas próprias economias. Pouco a pouco a produção dos artesãos ia ultrapasando as necessidades do senhor feudal e dos camponeses de uma só aldeia. Os artesãos começaram a estabelecer-se em torno dos castelos, junto aos mosteiros, nas grandes aldeias, etc. Assim, lentamente no longo das vias fluviais, iam crescendo as cidades.

Com a divisão do trabalho e a especialização, os artigos produzidos pelos artesãos das cidades foram aumentando sua melhor qualidade e passaram a ser preferidos pelos senhores feudais. Aquela parte do artesanato mais desenvolvida já não possuía vínculos diretos com a agricultura.

Surgiram nas terras dos senhores feudais e do clero, as cidades achavam-se também sob sua dependência. Os habitantes pagavam-lhes tributos em produtos ou em dinheiro e estavam submetidos à sua administração e à sua justiça. Desde logo, porém, começou a luta pela emancipação das cidades. E ora pela força, ora pelo resgate em dinheiro, as cidades foram conquistando o direito à autodeterminação, aos tribunais, à criação de moedas e à arrecadação de impostos.

Os habitantes acompanhavam o equipamento de artesãos e comerciantes, mas também ali se encontravam — e em número cada vez maior — a medida que o feudalismo se aproximava do fim — camponeses dependentes que fugiam dos seus senhores e buscavam asilo.

A cidade caracterizava-se como um centro da produção mercantil, diferentemente do campo, onde imperava a economia natural.

Crise do Gusa Mineiro: Paralisados 50 "Forninhos"

Em menos de três anos instalaram-se no oeste de Minas Gerais 67 pequenos fornos produtores de gusa, passando o número deles de 18, em dezembro de 1957, a 85 no segundo semestre do ano passado. A capacidade de produção de gusa da região subiu de cerca de 165 mil toneladas anuais em 1957 para 800 mil ton. em 1960. Isso significa um incremento de 385%, ou seja, uma taxa de quase 100% ao ano. Diante dessa extraordinária multiplicação de pequenos fornos, com uma capacidade média de produção que não chega a 30 toneladas diárias, houve quem falasse num desenvolvimento da siderurgia brasileira "à moda chinesa", à base de "forninhos" rudimentares, mas com uma alta taxa de expansão.

"Forninhos" apagaram

Contudo, tão depressa como se instalaram, esse "forninhos" foram obrigados a despedir seus operários e paralisar suas atividades. O repórter, visitando a região do gusa (municípios em torno de Belo Horizonte), pôde ver vários desses fornos paralisados.

Alguns deles — não chegaram sequer a entrar em funcionamento, pois a montagem de um forno pode levar um ano ou mais e, assim, o término da construção de alguns coincidiu com o início da crise do gusa mineiro. Hoje mais de 50% dos "forninhos" de gusa do oeste mineiro estão paralisados, em média há mais de 6 meses. A crise perdura, porque as usinas não conseguem vender sua produção.

Superprodução

A multiplicação dos "forninhos" explica-se pelo grande aumento da procura de gusa em fins de 1956 e em 1957, atribuída ao início das atividades do GEIA e à expansão da indústria automobilística. Os "forninhos" instalaram-se para produzir apenas para a venda, para o mercado (distinguido-se, pois, dois fornos de gusa integrados nas grandes siderúrgicas, que são apenas uma fase da produção de aço).

Com o aumento da procura e consequente aumento de preços, expandiu-se a produção de gusa muito além da capacidade de absorção do mercado. Agora há no oeste de Minas uma capacidade para produzir 67.000 toneladas mensais, mas as usinas em conjunto só encontram mercado para menos de 1/3 dessa produção. Eis a explicação da crise de superprodução do gusa, que levou o preço do produto a cair abaixo do custo de produção nas pequenas usinas mineiras e ao fechamento da maior parte dos "forninhos".

Exportação

Tentou-se resolver a crise com a exportação, mas a solução não funcionou: primeiro porque a multiplicidade dos "forninhos", cada um produzindo uma pequena quantidade de gusa de composição diferente, dificulta a colocação; além disso, a taxa do câmbio livre (que vigora também para a exportação de gusa) e a queda dos preços internacionais do produto

fazem com que a exportação não compense o custo de produção.

Por outro lado, o governo até hoje não deu qualquer resposta a uma proposta de um grupo polonês no sentido de instalar em Minas uma siderúrgica de pequeno porte, para consumir o gusa excedente, e cujo equipamento seria fornecido em troca do próprio gusa excedente.

Desperdício

Por isso, os "forninhos" continuam paralisando, alguns produtores já pensam em vender suas usinas no ferro-velho e transferir seus capitais para outro setor. Desperdiçam-se, dessa forma, capitais aplicados no setor no valor de aproximadamente 1 bilhão de cruzeiros. Num país em que tanto se fala em escassez de capitais, perde-se o correspondente a 1/4 do capital com que a Petrobrás iniciou suas atividades!

Além disso, é preciso considerar também que as pequenas usinas de gusa do oeste mineiro tinham, antes do auge da crise, aproximadamente 18.000 assalariados, o que representa uma população de cerca de 100.000 operários e suas famílias diretamente dependentes da produção de gusa. Acrescentando a este total o número de pessoas empregadas nas atividades subsidiárias à indústria de gusa, como o transporte de minérios, a mineração e particularmente a produção de carvão, teremos uma população de cerca de 200.000 pessoas direta e indiretamente dependentes desse ramo de atividade, as quais, em virtude do baixo nível de emprego da região, não encontram trabalho após o fechamento dos "forninhos".

Coordenação

Os produtores de gusa fizeram no ano passado uma intensa campanha em defesa de seus interesses, através de uma Associação dos Produtores de Gusa de Minas Gerais (GUSAMIG), fundada após o início da crise. Esses pequenos empresários ainda não obtiveram, entretanto, qualquer resultado concreto. Por enquanto ainda é possível fazer com que as pequenas usinas voltem a produzir, desde que se encontre aplicação para seu gusa, quer numa pequena siderúrgica, quer na produção de certas manufaturas, como ancinhos, martelos, arados, ou ainda, na tréfilaria. Mas se a solução demorar muito, será inútil, porque encontrará os fornos desmontados e vendidos no ferro-velho.

De qualquer modo, a crise do gusa mineiro está a mostrar a necessidade de ser criado um organismo central coordenador da política siderúrgica brasileira. Segundo o senador petebista Camilo Nogueira da Gama, que expôs esta ideia ao abordar a crise do gusa no Senado, este organismo central controlaria e disciplinaria inclusive os investimentos, financiamentos, a produção, a distribuição e os preços, em todo o setor da produção siderúrgica, nos seus diversos estágios.

Nota Econômica

Promessas Eleitorais e Política do Café

No quadro da política econômico-financeira a ser posta em prática pelo atual governo, e da qual são conhecidas apenas algumas indicações bastante imprecisas, situa-se em primeiro plano o problema do café. Do governo anterior, herdado o atual não somente um formidável estoque estimado grosso modo em 40 milhões de sacas, que custaram aos cofres públicos entre 80 e 100 bilhões de cruzeiros e para cuja conservação requerem-se novos bilhões de cruzeiros cada ano. Mas, herdou também uma política de fomento desenfreada da produção cafeeira, realizada mediante a compra maciça das safras. Seria injusta isentar-se o atual presidente da República, sr. Jânio Quadros, de responsabilidade na adoção daquela política, atribuindo-a toda à administração que findou. Como governador do Estado que detém o controle da cafeicultura nacional há mais de meio século, o sr. Jânio Quadros — tal qual o seu sucessor, sr. Carvalho Pinto — foi um ativo porta-voz dos interesses dos homens da lavoura do café e não se deve esquecer que foi entre os auxiliares do sr. Quadros que JK foi buscar, em meio de seu governo, o homem a quem confiou o leme da política do café — o sr. Renato Costa Lima.

Durante a sua campanha eleitoral, visando a atrair o apoio dos cafeicultores de S. Paulo e do Paraná, o que conseguiu, prometeu o sr. Jânio Quadros abolir o chamado confisco cambial, reivindicação que ensaiara, antes, a "marcha da produção", por trás da qual também estava o então governador e atual presidente.

Essa a história recente. Empossado no governo da República, nomeia o sr. Jânio Quadros para o IBC um homem de fora e não da lavoura — o diplomata Sérgio Frazão, que se destacou nos últimos anos por sua atuação no sentido de obter a estabilização do preço-ouro do café, mediante a conclusão do Acordo Internacional em vigor. Até aqui não se sabe claramente que diretrizes serão adotadas pelo IBC, mas existem indícios de que, sobretudo entre os latifundiários paulistas, a escolha não foi considerada das mais felizes, no Estado de S. Paulo chegou mesmo a manifestar de pública insatisfação dos círculos da cafeicultura paulista; e, nas circunstâncias atuais, não havia motivo plausível para nomear, para este importante cargo, uma personalidade que não fosse lavrador. Quebrar a praxe de indicar, para a presidência da autarquia, um lavrador, só se justificaria se não houvesse um em condições morais e técnicas de exercer essas funções". É natural que outros círculos econômicos vejam o problema de maneira diferente. Assim, sobre a mesma questão, expõe o "Correio da Manhã" seu ponto-de-vista, aplaudindo a nomeação do ministro Sérgio Frazão, sob a alegação de que o problema do café, hoje, é menos de produção do que de comercialização. E se reporta ao passado para fundamentar sua opinião: "Desde os dias do convênio de Taubaté, em 1906, a direção dos nossos negócios cafeeiros encontra-se nas mãos da lavoura paulista. Os resultados são o melhor exemplo dessa entrega, agora essa direção a um homem que não é da lavoura nem de S. Paulo".

Ninguém pôde em dúvida a complexidade da situação do problema cafeeiro. Deveria, no entanto, essencialmente, do ponto de vista econômico, nos dias que correm, se, de um lado, já perdeu sua posição de

principal atividade econômica do país (hoje em dia, pelo menos um ramo industrial, o automobilístico, apresenta um volume de vendas maior que o do café e outros andam perto ou já o superaram), de outro lado, porém, continua sendo o café o principal fornecedor de divisas ao Brasil. Como não existe, nem pode existir, uma separação estanque entre os setores interno e externo da economia, que ambos se condicionam mutuamente, qualquer medida adotada num dos planos repercute no outro.

É certo que não pode continuar indefinidamente a política de aquisição pelo governo de toda a safra do café. Essa política, verdadeira adubação dos cafeeiros com cruzeiros, responde pelas dezenas de milhões de sacas empilhadas nos armazéns do IBC. De outro lado, um total alheamento do governo em relação ao problema conduziria certamente à baixa dos preços-ouro, com a consequente diminuição da receita cambial do país.

Em declarações prestadas nos Estados Unidos, de que deram notícia os jornais do fim da semana passada, teria dito o ministro Frazão que "um plano semelhante ao adotado na Colômbia, segundo o qual os produtores se responsabilizariam pelos excedentes, seria uma das centenas de medidas que existem". De um modo geral, não se conhece a disposição do governo em relação à próxima safra do café. Nem mesmo se sabe se o sr. Jânio Quadros, atendendo aos interesses do país, deixaria de cumprir sua promessa eleitoral de eliminar o chamado confisco cambial, isto é, abolir o dólar-café. A inconveniência de uma tal medida é apontada por todos os setores não vinculados à lavoura cafeeira. Ainda há dias, num Seminário realizado em Santos, exportadores e conhecidos estudiosos do problema do café chegaram à conclusão de que não é aconselhável a liberação do câmbio do café, pois a expansão das lavouras é a melhor prova de que a atual taxa de câmbio é compensadora.

Acrece que, apesar de menor que a safra de 1959-1960, a atual, que terminará a 30 de julho, não será toda vendida. Efetivamente, nos primeiros seis meses — de julho a dezembro do ano passado — as exportações não chegaram a 9 milhões de sacas, em contraste com as do mesmo período de 1959, quando andaram em torno dos 10 milhões e meio. Quer isto dizer que o volume das exportações brasileiras de café sofrerá nova redução em 1961, como já sofreu em 1960, relativamente a 1959. Tudo indica, assim, a falta que lhe cabe ao Brasil para conseguir exportar, da safra em curso, a cota que lhe cabe pelo Acordo Internacional de 1956, o que poderá criar dificuldades ao novo país na renovação do convênio.

Haverá, pois, excedentes da safra de 1960-1961. E a safra de 1961-1962, que começará a 1.º de julho? Esta, ao que se anuncia, será novamente enorme, como a de 1959-1960. Já quem fale em 40 milhões de sacas, das quais cerca de 25 milhões encontrarão mercado. E as demais? Continuará o sr. Jânio Quadros comandando-as para dentro do país?

Haverá, pois, excedentes da safra de 1960-1961. E a safra de 1961-1962, que começará a 1.º de julho? Esta, ao que se anuncia, será novamente enorme, como a de 1959-1960. Já quem fale em 40 milhões de sacas, das quais cerca de 25 milhões encontrarão mercado. E as demais? Continuará o sr. Jânio Quadros comandando-as para dentro do país?

principal atividade econômica do país (hoje em dia, pelo menos um ramo industrial, o automobilístico, apresenta um volume de vendas maior que o do café e outros andam perto ou já o superaram), de outro lado, porém, continua sendo o café o principal fornecedor de divisas ao Brasil. Como não existe, nem pode existir, uma separação estanque entre os setores interno e externo da economia, que ambos se condicionam mutuamente, qualquer medida adotada num dos planos repercute no outro.

É certo que não pode continuar indefinidamente a política de aquisição pelo governo de toda a safra do café. Essa política, verdadeira adubação dos cafeeiros com cruzeiros, responde pelas dezenas de milhões de sacas empilhadas nos armazéns do IBC. De outro lado, um total alheamento do governo em relação ao problema conduziria certamente à baixa dos preços-ouro, com a consequente diminuição da receita cambial do país.

Em declarações prestadas nos Estados Unidos, de que deram notícia os jornais do fim da semana passada, teria dito o ministro Frazão que "um plano semelhante ao adotado na Colômbia, segundo o qual os produtores se responsabilizariam pelos excedentes, seria uma das centenas de medidas que existem". De um modo geral, não se conhece a disposição do governo em relação à próxima safra do café. Nem mesmo se sabe se o sr. Jânio Quadros, atendendo aos interesses do país, deixaria de cumprir sua promessa eleitoral de eliminar o chamado confisco cambial, isto é, abolir o dólar-café. A inconveniência de uma tal medida é apontada por todos os setores não vinculados à lavoura cafeeira. Ainda há dias, num Seminário realizado em Santos, exportadores e conhecidos estudiosos do problema do café chegaram à conclusão de que não é aconselhável a liberação do câmbio do café, pois a expansão das lavouras é a melhor prova de que a atual taxa de câmbio é compensadora.

Acrece que, apesar de menor que a safra de 1959-1960, a atual, que terminará a 30 de julho, não será toda vendida. Efetivamente, nos primeiros seis meses — de julho a dezembro do ano passado — as exportações não chegaram a 9 milhões de sacas, em contraste com as do mesmo período de 1959, quando andaram em torno dos 10 milhões e meio. Quer isto dizer que o volume das exportações brasileiras de café sofrerá nova redução em 1961, como já sofreu em 1960, relativamente a 1959. Tudo indica, assim, a falta que lhe cabe ao Brasil para conseguir exportar, da safra em curso, a cota que lhe cabe pelo Acordo Internacional de 1956, o que poderá criar dificuldades ao novo país na renovação do convênio.

Haverá, pois, excedentes da safra de 1960-1961. E a safra de 1961-1962, que começará a 1.º de julho? Esta, ao que se anuncia, será novamente enorme, como a de 1959-1960. Já quem fale em 40 milhões de sacas, das quais cerca de 25 milhões encontrarão mercado. E as demais? Continuará o sr. Jânio Quadros comandando-as para dentro do país?



NOVIDADES — livros de marcante atualidade
Você pode adquirir na

LIVRARIA DAS BANDEIRAS

A. V. Michulin — HISTORIA DA ANTIGUIDADE (reedição) 230,00
E. A. Kosminsky — HISTORIA DA IDADE MEDIA 250,00
N. Efimov — HISTORIA MODERNA 250,00

(Livros de estudos de História sob as luzes de um método mais moderno de pesquisa — o materialismo histórico.)

Rui Pacó — BRASIL SÉCULO XX 350,00

Osny Duarte Pereira — ESTUDOS NACIONALISTAS — 2 volumes (enriquecidos com dezenas de fotografias, mapas e gráficos) — o leitor encontrará estudos condensados e o que cada brasileiro deve saber sobre os mais palpitantes problemas nacionalistas, num retrospecto da vida política, econômica e social do Brasil, de 1953 a 1960 320,00

(do mesmo autor) — prefácio de Louival Pontes NÓS E A CHINA — 2 volumes 360,00

nova edição, atualizada e ampliada, com suplemento sobre "Comunismos Populares" — A Nova etapa da Revolução Chinesa e Estatuto Provisório da Comunidade Popular "Sputnik" — Por que não estudar os problemas do Oriente semelhantes aos nossos? 250,00

Paul M. Sweezy-Leo Huberman 25 JULIO — CUBA ANATOMIA DE UMA REVOLUÇÃO (2.ª edição) 250,00

... é uma análise objetiva da revolução cubana, desde as condições históricas, econômicas e sociais que a determinaram, até os últimos acontecimentos a ela ligados...

FACAM SEUS PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL A
LIVRARIA DAS BANDEIRAS
Rua Riachuelo, 342 — Loja 2 — Fone: 36-4871
A TENDAMOS PRONTAMENTE

A política

de «austeridade» e os estudantes

Na última campanha eleitoral à presidência da República os estudantes de todo o país não vacilaram como repto alinharam-se ao lado das forças nacionalistas e democráticas que se uniram em torno da candidatura Lott.

Foi esta uma posição consistente com todo o passado político e ideológico dos estudantes que sempre se colocaram ao lado das grandes causas emancipadoras e democráticas de nosso país.

Derrotado o candidato das forças nacionalistas, subiu ao poder o sr. João Goulart, cujas medidas iniciais de governo já começaram a justificar plenamente a posição que os estudantes do Brasil adotaram quando da apresentação de sua candidatura, negando-lhe o seu apoio e o seu voto.

Procurando resolver as inensas dificuldades que atualmente o país atravessa, o novo presidente pinta em tintas negras o quadro já por si escuro da nossa situação econômico-financeira. Com tal atitude procura criar um clima psicológico capaz de ajudá-lo mais suavemente a arrotar para o benefício as grandes massas trabalhadoras e populares. Porém não para aí. Passa à aplicação da sua política específica de austeridade e resistência e o seu choque violento e aberto contra os trabalhadores, os estudantes, os preguiçosos e os humildes, contra aqueles que vivem de um misterioso ou estudam em precárias condições.

O estudante brasileiro, importante parcela do nosso povo, já se encontra sob os efeitos nocivos desta política de austeridade reacionária e exploradora.

Contrariando a afirmativa do ministro da Educação em sua primeira entrevista com os estudantes que durante o seu governo «eles receberiam rigorosamente as melhores condições que têm direito», o sr. Goulart rapidamente à política de embebejar o mais possível a realidade das questões organizatórias das entidades estudantis como ora ocorre com a UME que já está enfrentando sérias dificuldades na manutenção da Policlínica e do Restaurante Central dos Estudantes. Os pretextos para esse embaraço são os mais pueris como o de que antigos diretores da UME não prestaram contas ao governo. Nota-se que se trata de um governo já passado. A idéia é clara: — que se fechem os restaurantes estudantis tirando a fome milhares de estudantes pobres em todo o país; que caia a zero a assistência já bastante precária dada pelos órgãos oficiais do governo aos ambulatórios e policlínicas que atendem os estudantes enfermos; que os estudantes brasileiros apertem patrioticamente o cinto para sobreviver e engorçam à sombra das grandes lucras as empresas iníquas, os grandes fazendeiros e grandes banqueiros, e peça que o imperialismo possa com mais calma sugar o sangue e o suor do nosso povo.

Os plenos dos estudantes brasileiros, por sua vez, ao lado de pontos de vista que manifestaram na última Assembleia da UNE realizada em Manaus, indica que os estudantes continuam firmes em sua unidade, fator necessário para que possam levar à frente seu programa de luta e de combate. Porém não é tudo. As últimas medidas de João Goulart, em relação a corte de despesas à custa das verbas das entidades de classe, atestam que, além da unidade, é preciso que o movimento estudantil brasileiro revist-se de militância e combatividade. Mais do que nunca é necessária vigilância ativa, permanente dos estudantes de Norte a Sul do país contra qualquer atentado jacobino no sentido de liquidar direitos historicamente adquiridos e consagrações.

A UNE estará

presente no campo de trabalho da COSEC

A diretoria da UNE atendida a um convite feito pela COSEC — organização internacional dos estudantes com sede na Holanda — participará de um campo de trabalho a ser realizado por esta entidade mundial em Santiago do Chile, de 15 de março a 15 de abril.

Representarão os estudantes brasileiros, naquela iniciativa, em nome da UNE, o jovem Adalberto Câmara, presidente da UEE de Alagoas, e o presidente da UEE do Rio Grande do Norte.

Recorda-se que iniciativa semelhante foi recentemente promovida em Cuba pela Federação Mundial da Juventude Democrática em colaboração com a Associação, dos Jovens Rebeldes. Nessa ocasião, 160 jovens de 37 países do mundo, entre os quais mais de 100 eram da Europa, da Ásia, África e América Latina, ajudaram a constituir a cidade escolar «Camilo Cienfuegos».

ASSEMBLEIA DA AMES:

Contra o Aumento Das Taxas e Anuidades em Defesa da Escola Pública

Realizada pela AMES, realizou-se no dia 2 da corrente na sua sede social, às 20 horas, uma assembleia secundarista para discutir os aumentos excessivos das taxas e anuidades escolares. Denunciando os presentes sobre a realização de uma campanha nacional contra os excessos que neste sentido vem se verificando nos diferentes colégios particulares da Guanabara e de outras importantes cidades do país.

Convocados pelo estudante Paulo A. Jesus, presidente em exercício da AMES, fizeram parte da reunião O secretário-geral desta entidade, Arnaldo Gomes, o secretário de Educação, estudante Diniz Cabral, o vice-presidente da AMES, Manuel Leão, Prof. Serafim Pálio, do Escolasão Pedro II, Francisco Medeiros, presidente do grêmio da Escola Cândido Mendes, deputado estadual Paulo Alberto Monteiro de Sá, e mais os representantes do Colégio Estadual do Paraíba, da União Acadêmica de estudantes de S. Paulo, do Centro Acadêmico da Faculdade de Engenharia de Fátima, da Faculdade de Engenharia Industrial da Pontifícia Universidade Católica e o presidente da União dos Estudantes Portugueses do Brasil.

UBES: Se preciso iremos à greve geral

Se for preciso iremos à greve geral para sustentar o aumento ilegal das anuidades, afirmou Diniz Cabral secretário-geral da UBES. E prosseguiu: «Mais uma vez a UBES levantou-se em luta contra a alta geral das anuidades escolares e em defesa da escola pública, ao lançar recentemente um manifesto nesse sentido. Com isso manifestamos nosso esforço no sentido de travar uma luta sem tréguas contra os mercadores de ensino». A seguir analisa a precariedade das verbas aprovadas para o ensino secundário, o que determina a «existência de um número ínfimo de unidades escolares secundaristas espalhadas pela imensidão de um Brasil, analfabeto». E concluiu calorosamente aplaudido pelos presentes. «O sr. Brígido Tinoco manifestou-se contra o aumento das anuidades escolares. Isto não basta. É preciso que os estudantes do Brasil se mobilizem e unidos conquistem o congelamento das taxas e anuidades escolares».

UNE: Reforma universitária

A UNE apoiará a luta dos estudantes secundaristas e simultaneamente

REUNIU-SE O CONSELHO DA UME

6 500 Estudantes Ameaçados de Fome Pelo M. da Educação

Reforma Universitária e Assistência Social foram os principais temas tratados na última reunião do Conselho da UME realizada dia 2 do corrente em sua sede social. A reunião foi presidida pelo estudante Carlos Heitor, presidente em exercício da UME e secretariado por José Dando Neto, secretário-geral.

Reforma universitária

Após a leitura da ata foram feitas discussões e comunicações. Entre essas destacou-se a decisão da UME de realizar na próxima quinzena de abril no Rio de Janeiro um seminário de Reforma Universitária. Combate à celeridade viciada, reforma de currículos, maior participação dos alunos nos órgãos da Universidade, serão os principais assuntos a serem ventilados durante a ampla mobilização das entidades cariocas. Para discutir e conciliar essa importante questão foi criada uma comissão que terá como objetivo desenvolver o estudante Paulo Neto, da Faculdade Nacional de Filosofia.

Verbas e Serviço Social

Verbas e serviço social foi o principal ponto da ordem-dia discutido. Em longa exposição o estudante Carlos Heitor expôs a grave situação econômica vivida pelas entidades da COSEC e aqueles que vivem de assistência médica da Policlínica em face

levantada a bandeira da Reforma Universitária que tem como essência a defesa da escola pública. Estes foram os pontos iniciais de Herman Bueti vice-presidente da UNE. Em rápidas palavras expôs a difícil situação de milhares de crianças sem escolas «que vivem como animais e como animais morrem na mais completa ignorância em todos os Estados da Federação, principalmente no interior do país. Terminou suas palavras dizendo que a UNE, UBES, AMES, UME sem terem quaisquer pressões políticas venham de onde vier se entrelaçaram cada vez mais decididamente nessa luta heróica e necessária».

Homenagem a Roberto Silveira

De pé os presentes fizeram um minuto de silêncio em homenagem ao governador Roberto Silveira, ex-líder estudantil, recentemente falecido. A homenagem foi solicitada a mesa através de um requerimento do pitoniano.

Padre mercador do ensino

Com a palavra a representante da Faculdade de Engenharia Industrial da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo informou aos presentes que os estudantes de sua escola, em face do terrível golpe que sofreram em seu bolso no início deste ano com o aumento de 100% das anuidades, decretaram o greve geral por tempo indeterminado. Estão, por essa razão, solidários com a campanha iniciada pelos secundaristas em todo o território nacional.

A greve da Faculdade de Engenharia Industrial levantou duas palavras-de-ordem: 1a. — retirada do padre José Gomes do cargo de diretor da Faculdade. 2a. — Pela não majoração de qualquer espécie de taxas e anuidades escolares.

Referindo-se ao padre José Gomes que substituiu no cargo o padre Sabóia de Medeiros, já falecido, apresentou como um explorador sem escrúpulos e sem moral que faz do ensino um mero comércio.

O orador foi vivamente aplaudido pelos presentes. Outros oradores se seguiram na tribuna todos eles unânimes num ponto: a necessidade de se unir e mobilizar em todo o país o estudante secundário a fim de fazer de cada um deles um soldado na batalha contra o aumento das taxas e anuidades escolares e em defesa da Escola Pública.



A luta constante

UBES Contra a Alta Das Anuidades Escolares

Na sede da UBES reuniram-se a semana passada diversas organizações estudantis de caráter regional entre as quais se encontravam: Centro de Estudantes da Paraíba, Pernambuco e Ceará,

Todos os anos a cena se repete. O salão da UNE abre suas portas para receber os secundaristas do Rio de Janeiro, que, liderados pela Associação Metropolitana dos Estudantes Secundaristas, reúnem-se para discutir as medidas necessárias na luta contra o aumento das anuidades escolares. Agora, mais do que nunca, a defesa da Escola Pública é um dos itens mais importantes.

à fim de tratar da organização da campanha contra o alto preço das anuidades escolares que vem sendo cobrado pelos diferentes colégios da Guanabara.

Sobre o assunto foi feita uma longa exposição pelo secretário-geral da entidade. Após os debates travados os presentes aprovaram um Manifesto aos Estudantes e ao Povo do Brasil, a ser lançado pela UBES onde é feita uma análise da questão. Diz o documento: «1961 repete os anos anteriores, quando se aborda o problema das anuidades escolares. A exploração de colégios particulares campeia, fazendo-se necessária uma posição do governo para reprimir esses abusivos aumentos. No Estado da Guanabara, o senhor Fleury Ribeiro, conhecido proprietário de colégio, é Secretário da Educação no governo privatista e ilusionista de Carlos Lacerda. Neste governo, tão confucionista quanto retrógrado, o Ensino Público é sustentado com verbas majoritárias em contraposição à escola privada, que obtém as maiores atenções. O orçamento de 1960, na Guanabara, para os estabelecimentos particulares (internamente e matrícula de excedentes) conferiu a vultosa quantia de

R\$ 440.000.000,00. A Escola Pública recebe a verba de R\$ 30.000.000,00, num flagrante atentado aos interesses do povo. Mais adiante prossegue o documento, que já foi enviada a todas as Unidades Secundaristas do Brasil: «Pelo mapa estatístico da educação no Brasil verifica-se que, neste país de milhões de analfabetos, a taxa percentual para estabelecimentos de ensino particular é de 72%, enquanto que as escolas oficiais ficam reduzidas a ordem de 27,9%, contrariando assim, dispositivos constitucionais. No ano de 1960 surgiram 288 estabelecimentos de ensino secundário. Não há equilíbrio entre as regiões. Ao Leste coube 51%; ao Nordeste 22,99%; ao Norte 9,4%; ao Centro Oeste 57%; e ao Sul 20%. Em outro trecho do manifesto, a UBES mostra a distribuição da rede escolar no país que obedece a seguinte escala: Leste Meridional 32%,

Minas Gerais (437), Esp. Santa (58), Rio de Janeiro (172), Guanabara... (217); o Sul 47,3% — S. Paulo (686), Panamá (148), Santa Catarina (54) e Rio Grande do Sul (260); Centro Oeste 3,8% — Mato Grosso (29) e Goiás (73); Nordeste-Oriental 12% — Ceará (100), Rio Grande do Norte (20), Paraíba (36), Pernambuco (136) Alagoas (38) e Fernando de Noronha (0); o Nordeste Ocidental (2) Maranhão (23), Piauí (32); o Leste Setentrional 5,4% — Sergipe (23) e Bahia (124) o finalmente o Norte 1,8% — Rondônia (3), Acre (3), Amazonas (12), Rio Branco (11), Pará (23) e Amapá (2).

Comissão nomeada

A UBES nomeou uma comissão composta dos seguintes estudantes para planejar e desenvolver a campanha contra as anuidades escolares atualmente cobradas: Raimundo Gama, Glaucio Rocha, Odacir Soares, Tomaz Meireles.

Por fim a UBES conclama a juventude estudantil secundarista a se erguer na luta contra o atraso cultural e contra a política educacional deficiente e acizantante do governo.

Autorizada a reforma da Casa do Estudante Secundarista

O diretor da Divisão de Obras telefonou a UBES convidando o presidente dessa entidade a comparecer ao seu gabinete, a fim de, junto com um engenheiro daquele departamento efetuar o levantamento das reformas que se fazem necessárias na Casa do Estudante Secundário que funciona na rua Senador Pompeu. A medida foi recomendada pelo Ministério da Educação após uma entrevista do diretor da UBES com o sr. Brígido Tinoco em que a questão foi ventilada.

Há vários meses que cerca de 18 estudantes secundaristas sem recursos resolveram ocupar aquela velha prédio da Prefeitura então desocupado, e ali se encontram até hoje, vivendo nas mais precárias condições de higiene e dormindo cerca de 5 em cada quarto.

PARA NOVAS VITÓRIAS DO MOVIMENTO COMUNISTA MUNDIAL

N. KRUSCHIOV



Prestígio do socialismo

Em seu discurso, Nikita Kruschiov faz referência ao crescimento do prestígio da União Soviética e demais países socialistas entre os povos de todo o mundo em virtude da acertada aplicação de uma política anticolonialista.

guerra lutarem decididamente contra a ameaça de guerra conseguida mediante os provocadores de conflitos bélicos e impedir uma nova catástrofe universal. É necessário cada dia atrair à luta pela paz novas camadas da população, vencendo a passividade que, lamentavelmente, se observa entre alguns setores sociais dos países burgueses. "A luta contra o perigo de uma nova guerra mundial — sublinha a Declaração — deve desenvolver-se sem esperar que comecem a cair as bombas atômicas e de hidrogênio.

Uma das principais causas da força moral do comunismo, de sua enorme influência sobre as massas, consiste em que é o porta-bandeira da luta pela paz. Precisamente a bandeira da paz nos dá a possibilidade de arregimentar em torno de nós as mais amplas massas populares. Se continuarmos empunhando a bandeira da paz, conseguiremos êxitos ainda maiores.

Os comunistas consideram seu dever sagrado aproveitar plenamente todas as possibilidades que a época atual oferece aos povos para pôr um freio às forças belicistas do imperialismo, para conjurar uma nova guerra.

A liquidação do colonialismo

Kruschiov passa em seguida a tratar dos povos que têm conquistado sua independência nacional, e que constituem hoje uma nova e poderosa força na luta pela paz e o progresso social. "A Conferência — disse — assinalou com toda a razão que o desenvolvimento do sistema de escravidão colonial, ao embate do movimento de libertação nacional, é, por sua importância histórica, o fenômeno mais transcendente depois da formação do sistema mundial do socialismo".

Os políticos burgueses e os revisionistas dizem que o movimento de libertação nacional se desenvolve independentemente da luta da classe operária pelo socialismo, independentemente do apoio dos Estados socialistas. Dizem que os colonialistas oferecem liberdade aos povos das antigas colônias. Semelhantes mentiras se propagam para afastar dos países do campo socialista os jovens Estados independentes, para demonstrar que devem desempenhar na arena internacional o papel de uma pretensa "terceira força" e não pronunciar-se contra o imperialismo. É necessário dizer-se que semelhantes raciocínios são pura charlatanice.

É um fato histórico que antes da vitória da Grande Revolução Socialista de Outubro os povos não haviam conseguido quebrar as cadeias do colonialismo. A história demonstrou que sem o triunfo do socialismo, ainda que apenas numa parte do mundo, não se poderia falar de pôr termo ao colonialismo.

As potências imperialistas, e sobretudo os Estados Unidos, estão empunhando todos os esforços para amarrar os países libertados do jugo colonial a seu sistema e reforçar assim as posições do capitalismo mundial, para injetar-lhe, como escrevem os ideólogos burgueses, sangue novo, para rejuvenescê-lo e consolidá-lo. Se encaramos de frente os fatos, devemos reconhecer que os imperialistas dispõem de fortes recursos econômicos para exercer pressão sobre os países tornados independentes. Ainda conseguem envolver nas redes da dependência econômica alguns países politicamente independentes. Agora, quando já se torna impossível instaurar regimes abertamente coloniais, os imperialistas recorrem a fofimas e pilhagem dos países libertados. Ao mesmo tempo, as potências coloniais dão toda sorte de apoio às forças reacionárias internas dos países emancipados e tentam implantar regimes ditatoriais e submissos e arrastar esses países para blocos agressivos. Embora entre os Estados imperialistas se observem condições bastante agudas, a mão atam em comum contra o movimento de libertação nacional.

Mas, se tivermos em conta todos os fatores que influem nos destinos dos povos libertados do jugo colonial, devemos tirar a conclusão de que, de maneira definitiva, prevalecerão as tendências do progresso social, opostas ao imperialismo.

No entanto, estas questões se resolvem em luta aguda dentro de cada país. A Declaração da Conferência contém importantes teses relativas às questões fundamentais da marcha do movimento de libertação nacional e aponta as tarefas para cujo cumpri-

mento lutam os partidos comunistas, assim como a posição destes em relação às diferentes classes e aos distintos grupos sociais. Expressando a unidade de opinião dos partidos marxista-leninistas, a Declaração indica que se utilizem ao máximo as possibilidades revolucionárias das diversas classes e camadas sociais, que se incorporem à luta contra o imperialismo todos os aliados, mesmo os mais inconscientes, vacilantes e mutáveis.

Os comunistas são revolucionários e procederam erroneamente se não perceberem as novas possibilidades, se não encontrarem métodos e formas novas que os conduzam melhor ao objetivo colimado. Deve destacar-se particularmente a idéia exposta na Declaração acerca da formação dos Estados de democracia nacional. Na Declaração se definem as características fundamentais dos referidos Estados e as tarefas que estão destinados a cumprir. É importante salientar que, dada a enorme diversidade de condições concretas nos países cujos povos despertaram e fazem já a história, não podem deixar de surgir múltiplas formas de solução dos problemas impostos pelo progresso social.

A aplicação justa da teoria marxista reside precisamente em levar em conta os traços específicos da vida econômica, política e cultural dos povos ao buscarem as formas de congregar todas as forças sadias da nação e assegurar a papel dirigente da classe operária na frente nacional, na luta pela extirpação decidida das raízes do imperialismo e dos restos do feudalismo, por abrir caminho para avançar, no fim de contas, para o socialismo.

Atualmente, quando a reação imperialista tenta impor aos jovens Estados libertados a política do anticomunismo, adquirir singular importância o completo esclarecimento das idéias e aspirações dos comunistas. Os comunistas apoiam as medidas de caráter democrático geral dos governos nacionais. Ao mesmo tempo, os comunistas explicam às massas que estas medidas de forma alguma são socialistas.

Questões ideológicas

Depois de historicar as medidas de caráter prático tomadas pela União Soviética, com o apoio de outros países, em favor dos povos coloniais e dependentes, Kruschiov abordou problemas ideológicos do movimento comunista, rendendo homenagem aos grandes mestres do marxismo: Marx, Engels, Lenin. E disse:

"É difícil e árduo o caminho do movimento comunista. Nenhum partido enfrentou tantas provas e sacrifícios como os comunistas. Um sem número de reacionários tentou aniquilar o comunismo. Mas o comunismo saiu fortalecido de todas as provas e passou a constituir a poderosa força de nossa época."

Depois de acentuar que existem hoje no mundo partidos comunistas e operários em 87 países com 36 milhões de membros, e que somente depois das Conferências de Moscou, em 1957, foram fundados 11 partidos comunistas, o dirigente soviético acrescentou: Para os comunistas soviéticos, filhos da Revolução de Outubro, é um axioma a necessidade da transformação revolucionária da sociedade capitalista em sociedade socialista. O caminho para o socialismo passa pela revolução proletária e pelo estabelecimento da ditadura do proletariado. Quanto às formas de transição ao socialismo, estas, como assinalou o XX Congresso do P.C.U.S., serão cada vez mais diversas e não é obrigatório que a passagem ao socialismo, em toda parte e em todos os casos, esteja vinculada à insurreição armada e à guerra civil. O marxismo-leninismo parte do pressuposto de que as formas de transição ao socialismo podem ser pacíficas e não pacíficas. A revolução por via pacífica corresponde aos interesses da classe operária e das massas populares. Mas se as classes dominantes respondem com a violência à revolução e não querem submeter-se à vontade do povo, o proletariado deve quebrar sua resistência, deve levantar-se em decidida luta armada para estaguar-las.

Estamos convencidos de que, com o aumento do poderio do sistema socialista mundial e elevar-se a organização da classe operária nos países capitalistas, criar-se-ão condições cada vez mais favoráveis às revoluções socialistas. Para a passagem ao socialismo nos países onde existem tradições parlamentares profundamente enraizadas, poderá utilizar-se também o Parlamento, e em outros países, as instituições correspondentes às suas tradições nacionais. No caso disso, não se trata da utilização do Parlamento

(Conclusão)
Agora está em curso uma guerra análoga na Argélia. Que guerra é essa? É a insurreição do povo árabe da Argélia contra os colonialistas franceses e é travada em forma de guerra de guerrilhas. Os imperialistas dos Estados Unidos e da Inglaterra ajudam com armas a seus aliados franceses. Mais tarde alguma permitiram que a França, membro da OTAN, deslocasse unidades militares da Europa para lançar a luta contra o povo argelino. Este recebe também ajuda que lhe prestam os países vizinhos e outros que simpatizam com suas aspirações de liberdade. No entanto, esta é uma guerra do povo por sua independência. É uma guerra sagrada. Nos reconhecemos tais guerras e ajudamos e ajudaremos os povos que lutam por sua libertação.

Vejamos o exemplo de Cuba. Ali também houve uma guerra. E também começou como insurreição contra o regime tirânico interno apoiado pelo imperialismo norte-americano. Batista era um testa-de-ferro dos Estados Unidos, que o ajudavam ativamente. No entanto, os Estados Unidos não intervieram diretamente nessa guerra com suas forças armadas. O povo cubano, sob a direção de Fidel Castro, triunfou.

Podem ocorrer de futuro guerras como essa? Sim, podem. Podem ter lugar insurreições como essa? Sim, podem. Mas são precisamente guerras ou insurreições populares. Podem criar-se em outros países condições nas quais o povo, esgotada a paciência, se levantará de armas nas mãos? Sim, podem criar-se. Qual a atitude dos marxistas para com essas insurreições? A mais positiva. Essas insurreições não podem ser identificadas como as guerras entre os Estados, como as guerras locais, porque nessas insurreições o povo luta para exercer seu direito a autodeterminação, por seu desenvolvimento social e nacional independente. São insurreições contra regimes reacionários apodrecidos, contra os colonialistas.

"Camaradas: a humanidade atingiu uma etapa histórica em que já está em condições para dar solução a problemas insolúveis para as gerações anteriores. Isto se refere também ao mais candente dos problemas, o problema de evitar uma guerra mundial."

A coexistência pacífica

Depois de acentuar a potência do campo socialista e das forças da paz no mundo e que a política exterior da União Soviética está orientada no sentido do fortalecimento da paz, Kruschiov mostrou quais as bases da política de coexistência pacífica pela qual a URSS tem-se batido firmemente. Disse:

"A própria vida confirma a justeza da política leninista de coexistência pacífica entre Estados de diferente regime social, consequentemente seguida pela União Soviética e pelos demais países socialistas. Nosso partido considera a política de coexistência pacífica, que nos foi legada por Lenin, como a linha geral de sua política exterior. A coexistência pacífica é o grande caminho das relações entre os países socialistas e capitalistas.

A aplicação consequente da política de coexistência pacífica fortalece as posições do sistema socialista mundial, contribui para aumentar seu poderio econômico, acrescenta seu prestígio internacional e sua influência entre as massas populares e lhe proporciona condições propícias no terreno da política exterior para a emulação pacífica com o capitalismo.

Graças à aplicação pelos países socialistas de uma política acertada, uma política de luta ativa contra os imperialistas incendiários de guerra, o prestígio da União Soviética e de todos os países socialistas atingiu um grau inulgar. É um fato que os países socialistas ocupam hoje excelentes posições internacionais. O prestígio dos partidos irmãos que atuam nos países capitalistas, em condições particularmente difíceis, também cresce dia a dia. Todo o mundo reconhece hoje que a ativa, eficaz, e influente política exterior da União Soviética e dos demais países socialistas ganha para a causa da paz e do socialismo novos e novos milhões de seres humanos.

A política de luta ativa pela paz deu força dinâmica aos atos da política exterior dos países socialistas. Nos últimos anos, a inefetiva no plano internacional pertence à União Soviética, aos países socialistas, enquanto que os Estados imperialistas e seus governos passaram a uma defensiva cerrada. Seu prestígio e a cotação de suas ações em política exterior caíram mais baixo do que nunca.

A política de coexistência pacífica contribui para o desenvolvimento das forças do progresso e das forças que lutam pelo socialismo, e nos países capitalistas facilita a atividade dos partidos comunistas e de outras organizações progressistas da classe operária, favorece a luta dos povos contra os blocos militares agressivos e contra as bases militares estrangeiras e concorre para os êxitos do movimento de libertação nacional.

Deste modo, a política de coexistência pacífica, por seu conteúdo social, é uma das formas da intensa luta econômica, política e ideológica do proletariado contra as forças agressivas do imperialismo na arena internacional.

A luta contra o imperialismo só pode ter sucesso com a condição de que de uma réplica contundente a seus atos agressivos. Com imprecações verbais não se pode pôr freio aos aventureiros imperialistas. Só existe um caminho para deter o imperialismo: o fortalecimento constante do poderio econômico, político e militar dos Estados socialistas, a máxima coesão e o máximo fortalecimento do movimento revolucionário mundial e a mobilização das grandes massas populares para a luta destinada a conjurar o perigo de guerra.

Uma vez que os imperialistas prosseguem na corrida armamentista, o Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética e o governo soviético persistirão em seus esforços e farão o possível para aumentar a capacidade combativa de nosso país.

Ao responder aos atos agressivos do imperialismo, nosso Partido e nosso governo dão constantes provas de firmeza e serenidade. Procuramos sempre imprimir ao desenvolvimento dos acontecimentos um curso tal que permita, ao mesmo tempo que defender os interesses do campo socialista, impedir que os provocadores imperialistas desencadeem uma nova guerra mundial."

O desarmamento

Depois de denunciar os preparativos de guerra efetuados pelos imperialistas em diversas partes do mundo mas particularmente na Alemanha Ocidental, Kruschiov prosseguiu: "Camaradas! Se a questão-chave de nossa época consiste em evitar uma nova guerra, o caminho mais radical para isto é o desarmamento. A Conferência de representantes dos partidos marxista-leninistas afirmou que a realização do programa do desarmamento geral e completo, proposto pela União Soviética, teria uma importância histórica para os destinos da humanidade.

Nossa luta pelo desarmamento não é um recurso tático. Aspiramos sinceramente ao desarmamento. E não nos baseamos inteiramente nas posições doutrinárias do marxismo-leninismo. Já Engels assinalava, em fins do século passado, que o desarmamento foi apresentado pela primeira vez como tarefa prática por Lenin, e as primeiras propostas soviéticas de desarmamento geral — ou parcial, se os capitalistas não aceitavam o desarmamento total — foram apresentadas já na Conferência de Gênova.

A luta pelo desarmamento é um importantíssimo fator para impedir a guerra, é uma luta eficaz contra o imperialismo. Nela o campo socialista conta com o apoio da maioria da humanidade.

Os ideais da paz e do progresso são nossos mais santos ideais. No Manifesto inaugural da Primeira Internacional, redigido por Marx, proclamava-se já a "revindicação que as simples leis da moral e da justiça, que devem presidir as relações entre os indivíduos, sejam as leis supremas das relações entre as nações" (K. Marx e F. Engels, Obras, t. XVI, p. 11).

Quando lançamos a palavra-de-ordem de luta por um mundo sem armas e sem guerras, não esqueçamos, é claro, que nas circunstâncias atuais, dada a existência de dois sistemas mundiais diferentes, há ainda no campo imperialista forças bastante consideráveis que, longe de apoiar esta palavra-de-ordem, combatem-na.

A luta pelo comunismo é um problema de classe. Mas a luta pela paz é um problema para cuja solução podem unir-se não só as forças da classe operária, dos camponeses e da pequena burguesia, mas também parte da burguesia, que percebe o perigo real de uma guerra termonuclear.

Por conseguinte, a palavra-de-ordem de luta pela paz não está em contradição com a palavra-de-ordem de luta pelo comunismo. Ambas as palavras-de-ordem se conjugam porque, para as grandes massas populares, o comunismo representa uma força capaz de salvar a humanidade dos horrores de uma aniquiladora guerra nuclear, com o emprego de foguetes, enquanto que na consciência das massas o imperialismo se associa cada vez mais à guerra, como um regime que gera conflitos bélicos. Por isso, a palavra-de-ordem de luta pela paz é como um satélite da palavra-de-ordem de luta pelo comunismo."

"A luta pelo desarmamento — acrescentou o primeiro-secretário do C.C. do P.C.U.S. — é uma luta ativa contra o imperialismo, pela diminuição de suas possibilidades de fazer a guerra. Os povos devem fazer tudo para conseguir que se probam e se destruam as armas atômicas e os demais tipos de armas de extermínio em massa. Então a paz estará garantida e ante os povos se abrirão as mais favoráveis perspectivas para organizar sua vida de acordo com seus anseios e interesses.

A condição precípua para alcançar progresso no desarmamento é a mobilização das amplas massas populares, sua pressão cada vez maior sobre os governos imperialistas.

Na política do campo capitalista em relação aos países socialistas destacam-se duas tendências: uma belicosa e agressiva e outra moderada e lucida. Lenin assinalava a necessidade de estabelecer contactos com os círculos da burguesia que tendem para o pacifismo, "embora este seja o mais mediocre" (Obras, t. XXXIII, p. 236). E acrescentava que na luta pela manutenção da paz devemos utilizar também os representantes sensatos da burguesia.

A justeza dessas palavras é confirmada também pelos acontecimentos de nossa época. Entre as classes dominantes do campo imperialista domina o temor pelo futuro do capitalismo. Os círculos mais reacionários dão mostras de um nervosismo crescente e tendem ao aventureirismo e à agressão, com a ajuda dos quais esperam regularizar seus desordenados negócios. Ao mesmo tempo, nos meios governamentais desses países existem também forças que compreendem o perigo que uma nova guerra acarretaria ao próprio capitalismo. Daí as duas tendências: uma orientada para a guerra e outra para aceitar, desta ou daquela forma, a idéia da coexistência pacífica.

Em sua política os Estados socialistas tomam em consideração ambas as tendências, tratam de manter conversações e concluir acordos com os países capitalistas à base de propostas construtivas, procuram desenvolver os contactos pessoais entre os estudantes dos países socialistas e dos capitalistas. Deve-se continuar aproveitando toda possibilidade de desmascarar os partidários da guerra fria, os partidários da corrida armamentista; deve-se mostrar às massas populares que os tais socialistas lutam sinceramente por manter a paz no mundo.

Na consciência de todos os povos força-se a convicção de que precisamente os comunistas propugnam por relações entre os Estados baseadas nos princípios da coexistência pacífica e são eles os mais ardorosos e consequentes lutadores pela paz. Podemos orgulhar-nos de que na mente dos povos a paz e o comunismo se fundem cada dia mais num todo único.

Os comunistas consideram que se todas as forças progressistas e pacíficas de nossa época — os países do sistema socialista, a classe operária internacional, o movimento de libertação nacional, os jovens Estados nacionais, todos os países contrários a

decididamente em duas frentes: contra o revisionismo, que continua sendo o perigo principal, e contra o dogmatismo e o sectarismo. O dogmatismo e o sectarismo, se não movermos contra eles uma luta consequente, também podem converter-se no perigo principal nesta ou naquela etapa do desenvolvimento de alguns partidos.

Os partidos comunistas e operários consideram seu dever internacional empuñar a bandeira do marxismo-leninismo criador, condição decisiva de todas as nossas futuras vitórias."

A unidade do movimento comunista

Kruschiov continua: "Camaradas: A luta entre as forças comunistas e todas as forças populares, de um lado, e as do imperialismo, do outro, entra numa nova etapa. Nestas condições, a coesão das fileiras do campo socialista e de todo o movimento comunista internacional adquire uma importância de primeira ordem. Nossa unidade, à base dos princípios do marxismo-leninismo, do internacionalismo proletário, constitui, a condição primordial para que a classe operária alcance a vitória sobre o imperialismo. É para nós sagrado o ensinamento do grande Lenin: Marchar adiante, as mãos firmemente unidas. A unidade de nossas fileiras duplica as forças do comunismo. Unidade, unidade, uma vez mais unidade — esta é a lei do movimento comunista internacional.

Da essência mesma do leninismo se conclui que nenhum partido marxista-leninista pode admitir não somente em suas fileiras, mas tampouco no movimento comunista internacional, nada que possa minar a unidade e a coesão deste movimento."

A seguir, Kruschiov citou um trecho da Declaração em que se diz: "A defesa da unidade do movimento comunista internacional à base dos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário é a inadmissibilidade de qualquer ato que possa abalar esta unidade, constituem condição necessária para a vitória da luta pela independência nacional, a democracia e a paz, para resolver com êxito as tarefas da revolução socialista e da construção do socialismo e do comunismo. A violação destes princípios debilitaria as forças do comunismo."

"Deve-se assinalar que a delegação do P.C.U.S. expôs na Conferência seu ponto-de-vista a respeito da formulação de que a União Soviética marcha na vanguarda do campo socialista e do P.C.U.S. e a cabeça do movimento comunista. Nossa delegação declarou que nessa formulação víamos, antes de tudo, uma elevada apreciação dos méritos de nosso partido, fundado por Lenin, e expressou seu cordial agradecimento a todos os partidos irmãos. Nosso partido, educado por Lenin, sempre considerou seu dever primordial o cumprimento de suas obrigações internacionais perante a classe operária mundial. A delegação assegurou aos participantes da Conferência que nosso partido continuará empunhando a bandeira do internacionalismo proletário e não poupará forças para cumprir seus deveres internacionais.

Ao mesmo tempo, a delegação do P.C.U.S. propôs que não se incluisse esta formulação na Declaração nem em outros documentos do movimento comunista.

No que se refere aos princípios em que devem basear-se as relações entre os partidos irmãos, o P.C.U.S. expôs com toda a clareza em seu XXI Congresso a posição que mantém quanto a este problema. Da tribuna do Congresso declaramos perante o mundo que no movimento comunista, da mesma forma que no campo socialista, existiriam a plena igualdade de direitos e a solidariedade de todos os partidos comunistas e operários e dos países socialistas. O Partido Comunista da União Soviética não dirige os demais partidos. No movimento comunista não existem partidos "superiores" e "subalternos". Todos os partidos comunistas são iguais e independentes, sobre todos eles recaí a responsabilidade pelos destinos do movimento comunista, suas vitórias e seus reveses. Cada partido comunista e operário é responsável perante a classe operária e os trabalhadores de seu país, perante todo o movimento comunista e operário internacional.

A importância da União Soviética não se deve a que dirija os demais países socialistas, mas a que foi a primeira a trilhar o caminho do socialismo, a que o país mais poderoso do sistema socialista mundial, acumulou uma enorme experiência positiva na luta pela construção do socialismo e ingressou primeiro na etapa da construção do comunismo. Na Declaração destaca-se que a vanguarda, por todos reconhecida, do movimento comunista mundial é e continuará sendo o Partido Comunista da União Soviética, o deslocamento de maior experiência e o mais temperado do movimento comunista internacional.

Atualmente, quando existe um bom número de países socialistas, cada um com suas próprias tarefas; quando existem 87 partidos comunistas e operários, cada um dos quais tem também suas tarefas específicas, é impossível dirigir de qualquer centro os países socialistas e os partidos comunistas. É impossível e, além disso, desnecessário. Nos partidos comunistas se formaram quadros experimentados de marxistas-leninistas capazes de dirigir seus próprios partidos e seus próprios países.

Além disso, como se sabe, o P.C.U.S. não dá diretiva alguma aos outros partidos. Chamar-nos "cabeça" não nos traz nenhuma vantagem, nem ao nosso partido nem aos demais partidos. Ao contrário, só cria dificuldades.

O texto da Declaração evidencia que os partidos irmãos concordaram com os argumentos de nossa delegação. Pode-se perguntar: não se vê a debilitada nossa coesão internacional pelo fato de que na Declaração não figure a mencionada tese? Não, não se verá debilitada. Atualmente não existem estatutos que regulem as relações entre os partidos, mas em troca temos ideologia marxista-leninista que nos é comum, e a fidelidade a esta ideologia é a condição principal de nossa solidariedade e de nossa unidade. É preciso lutar-se de modo consequente pela doutrina de Marx, Engels e Lenin, aplicar firmemente os princípios do marxismo-leninismo, e então se reforçará sem cessar a ação internacional do movimento comunista."



O Brasil presente

JORNAIS IUGOSLAVOS CALUNIAM A REVOLUÇÃO CUBANA

Pequim — (Agência Sinhá) — O jornal "Zvezda" (Diário do Povo) publicou uma reportagem sobre as calúnias que os jornais de Tito têm levantado contra a Revolução Cubana.

Recentemente, a imprensa iugoslava publicou uma série de artigos acusando a verdade sobre a situação em Cuba, chamando a política do governo cubano, mantendo o que qualifica de "excessiva levandade" da política do governo cubano e acrescentando que esta política começou a produzir uma "atmosfera de descontentamento que é pouco favorável à manutenção da unidade da maioria do povo, como se pode continuamente em Cuba. Esse artigo procura exagerar as dificuldades econômicas que o bloqueio norte-americano ocasiona a Cuba.

Um artigo intitulado "Uma fase de paz e segurança em Cuba", publicado pelo jornal "Borba", utiliza os mesmos termos caluniosos, atacando o

Com uma delegação chefiada pelo deputado Domingos Velasco (foto), o Brasil compareceu ao importante conclave realizado na Cidade do México levando o pensamento do nosso povo com relação aos problemas discutidos.

CONFERENCIA LATINO-AMERICANA PELA SOBERANIA NACIONAL, A EMANCIPAÇÃO ECONOMICA E A PAZ

Representantes Das Américas Condenam o Imperialismo e Apóiam Luta do Povo Cubano

Dos 200 milhões de latino-americanos, 70% são analfabetos, 120 milhões estão subalimentados e 100 milhões sofrem de enfermidades infecciosas. O índice de mortalidade infantil atinge, como é o caso do Haiti, a 90%. A renda média anual "per capita" nos países do centro e sul do continente, é de 300 dólares, o que equivale à dos Estados Unidos em 1850.

Por outro lado, o mercado latino-americano é um campo altamente frutífero para o capital estrangeiro explorador, cujos lucros, extraídos da exploração cada vez maior da miséria dos povos, são cada vez mais altos. No Brasil, por exemplo, entre 1955 e 1958 as inversões estrangeiras somaram a um bilhão e 95 milhões de dólares, enquanto que os lucros exportados alcançaram a cifra de dois bilhões e 22 milhões de dólares.

Para tratar dessas questões e, relacionados com elas, do magno problema da conquista da emancipação econômica e política dos povos latino-americanos, condição essencial para a libertação da miséria e do atraso em que vivem, foi convocada a "Conferência Latino-Americana pela Soberania Nacional, a Emancipação Econômica e a Paz", que se realizou na Cidade do México de 5 a 9 do corrente, e da qual participaram destacadas figuras da vida

política, economistas, dirigentes sindicais e estudantes e intelectuais da América Latina.

Convocação e Temário

Sob o patrocínio do Conselho Mundial da Paz, a conferência foi convocada pelos representantes da sua Presidência na América Latina, o general Lázaro Cárdenas, ex-presidente do México, o deputado Domingos Velasco, presidente do Partido Socialista Brasileiro, e o engenheiro Alberto T. Castell, representante da Argentina. Em seu manifesto de convocação, a comissão organizadora da manifestação afirma, entre outras coisas: «A legítima aspiração dos povos de decidir seus próprios destinos, não pode ser exercida plenamente nas condições imperantes atualmente em alguns dos nossos países. As suas mais sentidas aspirações, se respondida com uma política que condiciona o exercício da soberania, restringe as liberdades, viola direitos, obstrui a emancipação econômica, sufoca as expressões culturais nacionais, devia recursos imensos para os despesas militares e isola os nossos povos entre si e do resto do mundo.»

Estabelecendo como objetivo a formulação de uma política comum que leve os povos da América Latina a desenvolver, para si e para a humanidade, o papel que lhes corresponde na presente situação mundial, o temário apresentado proporcionou a discussão das seguintes questões: soberania nacional, compreendendo os problemas da igualdade jurídica, os princípios da autodeterminação dos povos e da não intervenção e os tratados, acordos e convenções que violam esses princípios, assim como os relacionados com a libertação dos territórios coloniais e o desaparcimento das diferentes formas de dependência colonial e semicolonial, existentes na América Latina, as intervenções imperialistas no Continente, a agressão contra Cuba, a necessidade de uma política exterior independente e de relações com todos os países do mundo, e a situação da América Latina na OEA, na Junta Interamericana de Defesa, na Organização das Nações Unidas e em outros organismos internacionais.

No que se refere aos problemas da Emancipação Econômica, outro ponto do temário, foram discutidos os seguintes

«História do Movimento Operário»

Em virtude de dificuldades que, até agora, não conseguimos superar, somos obrigados a suspender por tempo indeterminado a publicação da seção «História do Movimento Operário», que estava a cargo do companheiro Ivan Rabinovitch, e que tanto interesse vinha despertando entre os nossos leitores. Assim que nos for possível, aquela seção voltará a ocupar o rodapé desta página com a mesma regularidade com que a mantivemos por mais de um ano e meio. Por essa suspensão temporária, pedimos desculpas aos nossos leitores.

questões: a exploração estrangeira e o subdesenvolvimento na América Latina, a fome e a miséria, os problemas da saúde e da moradia, o desemprego e o analfabetismo, os problemas da criança, da juventude, da mulher e da velhice, orçamentos militares e outros. O problema da Reforma Agrária relacionada com o desenvolvimento econômico na América Latina também foi objeto de discussão, assim como os direitos dos trabalhadores, liberdade, autonomia e democracia sindicais. A questão do domínio inalienável sobre as reservas petrolíferas e demais recursos naturais, o direito a sua exploração direta por parte do Estado e as nacionalizações, também foram objeto de debates.

Os problemas da paz

A questão da paz e o papel dos países latino-americanos em relação ao problema também foram objeto de discussão. Dentre os temas debatidos figuraram: os efeitos da guerra fria na América Latina, contribuição dos países latino-americanos para o desarmamento geral e a coexistência pacífica, a

defesa de Cuba como condição da paz mundial, os fatores de perturbação da paz na América Latina e no mundo (tensões, discriminação racial, propagação de guerra) e necessidade da defesa dos direitos humanos e de seu livre exercício.

A organização de um vasto movimento de solidariedade a Cuba, de iniciativas comuns das forças da paz, do apoio mútuo entre os povos da América Latina em suas lutas pela liberdade e a colaboração com todos os homens e mulheres do mundo que lutam por aspirações semelhantes, foram apresentadas como pontos para ação imediata.

Delegações

Delegações de todos os países latino-americanos participaram da Conferência, figurando nelas elementos de destaque na vida política desses países. A delegação do Brasil que participou dos trabalhos foi presidida pelo deputado Domingos Velasco e dela participaram o deputado federal Celso Brandi, o dr. Valério Kander e o advogado Carlos Maura Ronquete.

Teoria e Prática A Teoria Marxista da Luta de Classes

(Resposta ao leitor Nestor de Carvalho, de Itajubá, Estado de Minas Gerais)

Há 109 anos, em março de 1852, Marx definiu, numa pequena carta a Weydemeyer, os três traços essenciais de sua teoria da luta de classes: as classes não existem sempre — e têm caráter histórico; a luta de classes leva, necessariamente, à ditadura do proletariado; a ditadura do proletariado visa à abolição das classes e à construção da sociedade sem classes — o comunismo.

Marx marcava, assim, à base das lutas e da experiência já acumulada pelo proletariado, a importância decisiva da forma política da luta de classes e da conquista revolucionária do Poder do Estado — e a necessidade objetiva do país, como ensina Lenin, o primeiro traço, o traço fundamental de uma revolução é a passagem do Poder do Estado das mãos de uma classe para as mãos de outra classe.

É claro que a teoria de Marx não caiu do céu. O proletariado começava a atingir, nessa época, sua maturidade de classe independente, portadora de missão e de interesses próprios. Faltavam-lhe, porém, para cumprir essa missão e defender consequentemente esses interesses, uma doutrina social, um programa político e uma vanguarda consciente. Como combatentes do proletariado, Marx e Engels iniciavam a sistematização das experiências da luta de classes e das conclusões de suas pesquisas científicas. Com o Manifesto do Partido Comunista e com a Liga dos Comunistas, surgiam a análise materialista e dialética da evolução da sociedade em geral, e da sociedade capitalista em particular; o programa revolucionário da classe operária para todo o povo; e o esboço concreto de uma organização de vanguarda, com sua tática e seus princípios.

Arrava-se, assim, o proletariado para a luta de classe em todas as suas formas: econômica, política e ideológica. Até então, ele se limitara, com suas forças próprias, à luta pelas reivindicações econômicas; e definiu e criou, para ela, as bases de sua organização sindical, voltada para a defesa de sua própria sobrevivência, como primeira escola de sua luta de classe. Fizera-o, porém, sem consciência ainda de sua missão renovadora e da necessidade e possibilidade de transformar o regime capitalista. E isso era inevitável. A classe operária está chamada, objetivamente, a transformar a sociedade moderna; mas é fruto da luta, da experiência — e também da educação. Criada — como uma classe — pela propaganda, pela ideologia e pela opressão capitalista, a classe operária não alcança, por suas próprias forças, a compreensão de que a luta assalariada; que é necessário estender seu combate — do patrão isolado — ao conjunto dos patrões, como classes, e ao Estado e às instituições que servem às classes exploradoras. Daí, a necessidade de acrescentar ao que há de espontâneo em sua luta de classe — e que a limita à forma econômica e à organização sindical — o elemento consciente, isto é, a consciência da necessidade dos objetivos e dos caminhos do socialismo. O que distingue o marxismo — dizia Lenin — é que ele estende a luta de classes até a ditadura do proletariado, para renegar a classe e o povo até esse objetivo político, o indispensável o estado-maior, a vanguarda capaz de definir, em bases científicas, a política justa que deve levar à transformação ulterior desse Poder.

Lenin resume esses ensinamentos numa definição simples, profunda e, ainda hoje, cheia de atualidade: o Partido é a fusão da consciência socialista e do movimento operário. Com isso, resultava que uma política revolucionária se faz com o apoio na teoria e nas massas. A primeira deve trazer-lhes o reflexo justo da realidade, a consciência científica e a segurança de sua ação renovadora, e o sentido objetivo do desenvolvimento social; a segunda traz-lhe, como elemento decisivo, a força material que encontram, na vida, esse desenvolvimento e essa renovação.

que qualifica de "excessiva levandade" da política do governo cubano e acrescentando que esta política começou a produzir uma "atmosfera de descontentamento que é pouco favorável à manutenção da unidade da maioria do povo, como se pode continuamente em Cuba. Esse artigo procura exagerar as dificuldades econômicas que o bloqueio norte-americano ocasiona a Cuba. O articulista exagera também as atividades traidoras das contra-revoluções cubanas, pintando um quadro de caos e descontentamento em Cuba, o qual, segundo ele, não se oferece "nem paz nem segurança" ao povo.

Uma reportagem sobre Cuba publicada no mesmo diário iugoslavo repete o refrão do ano norte-americano, assegurando que se Cuba perder a "ajuda dos Estados Unidos" se defrontará com "maiores dificuldades ainda", acrescentando que a situação é extremamente séria. A reportagem acrescenta que o governo cubano adotou certas medidas para aliviar o bloqueio econômico mediante importações de outros países, mas, apesar disso, não pode evitar as dificuldades. Afirmam, sem base alguma, que "os cubanos não sabem que não poderão solucionar completamente seus problemas, dependendo das importações dos países que ofereceram seus próprios mercados para substituir o mercado norte-americano". Terça ainda levar os leitores à conclusão de que não existe outra saída para o povo cubano a não ser a submissão à pressão econômica dos Estados Unidos.

Uma reportagem procedente do Brasil, divulgada em "Borba", ameaça o povo cubano de outro ânulo, alegando que um setor do povo brasileiro que pode considerar-se a camada social majoritária, "não está satisfeita com a política de nacionalização

de Cuba. Afirmam que não era necessário que Castro se alistasse dos demais países da América Latina. Também o acusam de agravar desnecessariamente as relações com os Estados Unidos". Mas o autor da reportagem se vem obrigado a admitir que a intenção dos Estados Unidos de "isolar" Cuba não teve êxito. Lamentava o fato de que as medidas de "alta pressão" tomadas pelos Estados Unidos contra Cuba tivessem provocado dúvidas sobre a política norte-americana e aumentaram o sentimento de aberta "oposição aos lançamentos". Um artigo intitulado "Cuba sob o embargo dos Estados Unidos", publicado em "Mejdanorodno Politika", a 1º de novembro, desmascara o fracasso da política norte-americana ao lamentar que as medidas de bloqueio impostas pelos Estados Unidos lhes tenham feito perder terreno, em vez de ganhá-lo, e que o bloqueio inevitavelmente obrigarão Cuba a estabelecer laços econômicos mais firmes com o Leste". Ao mesmo tempo, procura maliciosamente semear a discórdia nas relações entre Cuba e os países socialistas, alegando que o desenvolvimento das relações amistosas com os países socialistas é contrário aos interesses e à vontade de Cuba, e atacava Cuba por se haver transformado em "objeto da política de blocos, provocando toda sorte de desastrosas consequências".

NOTA DA REDAÇÃO — As opiniões do correspondente iugoslavo no Brasil, a que se refere este comentário, atribuídas a uma "camada social majoritária" do povo brasileiro, foram uma verdade emitidas por jornais como o "Correio da Manhã" cujo raciocínio e hostilidade aberta à Revolução Cubana São por demais conhecidos.

ELIAS LAFERTTE

Com o mais profundo sentimento de pesar anunciamos o falecimento do camarada Elias Laferte, presidente do Partido Comunista do Chile. Já heitando os 75 anos, o grande e querido dirigente comunista chileno desapareceu depois de longa enfermidade, que o havia afastado de toda atividade prática, sem contudo quebrar-lhe o ânimo de velho e devoto servidor do seu povo, da sua classe e do seu Partido. Servir — eis o verbo que resume o princípio, o meio e o fim da vida de sua nobre e fecunda existência.

A vida de Elias Laferte se confundiu com a própria história da classe operária chilena durante mais de meio século — e é um exemplo de coragem, firmeza, dedicação. Filho de trabalhadores, desde menino teve de empregar-se em duros trabalhos para ajudar a família pobríssima. Suas escolhas foram principalmente a necessidade e o batente: «O que aprendi, à margem das escolas, escrevi no próprio, em seu livro de memória, — foi-me ensinado pela própria vida, às vezes com bastante brutalidade».

Trabalhador da «pampa» salitrreira, aí nasceu, cresceu, fez-se homem, e aí forjou suas melhores qualidades de combatente operário. A primeira grande batalha em que se viu envolvido foi a da greve nas oficinas da salitre, pertencentes a firmas ianques, em 1907. Assistiu então ao espantoso massacre dos grevistas por forças do governo a serviço dos patrões. A palavra exata é mesmo essa: massacre, do que resultaram 2.000 operários mortos e milhares de outros feridos. É com horror que ainda hoje, passados mais de

cinquenta anos, tomamos conhecimento de tamanha carnificina, página das mais negras de toda a história da dominação imperialista em terras da América Latina.

O encontro com Luís Emilio Recabarren, em 1911, assinalou verdadeira virada na vida, de Laferte. Com Recabarren o jovem Elias ganhou plena consciência daquilo que era até então obra do instinto de classe. Ele compreendeu que o caminho de lutas da classe operária chilena era o seu próprio caminho.

Luís Emilio Recabarren era em verdade um líder proletário de envergadura nacional, fundador do Partido Operário Socialista, mais tarde (1921) transformado em Partido Comunista do Chile. Era um orador de massa, um propagandista político, que infundia confiança, despertava otimismo e com isso a vontade de lutar. Desconhecido prematuramente, deixou todavia a sua marca no movimento operário chileno, que não esquece a sua memória e os seus ensinamentos. Entre seus melhores discípulos e continuadores contava-se precisamente Elias Laferte.

Acompanhar a vida de Elias Laferte, desde a greve de 1907, é acompanhar a ascensão difícil, dolorosa, porém inexorável do movimento operário e socialista do Chile, assinalada por etapas de grandes lutas populares, grandes greves, grandes batalhas políticas, a estrondosa vitória da Frente Popular encabeçada pelo Partido Comunista em 1937, a unidade da organização sindical na Central Única, a frente única política nas últimas eleições presidenciais.

Em 1937, exilado no México, recebeu Elias Laferte a notícia de sua

eleição para senador: era a sua anistia decretada pelas massas populares. Um novo capítulo abria-se em sua vida e nesse pósto se manteve por dezesseis anos de profícuo labor parlamentar a serviço da classe operária e do povo.

A atividade de um militante revolucionário é sempre um rosário de perseguições, e Laferte conheceu toda a sorte de perseguições: prisões e processos sem conta, calúnias e brutais torturas, confinamentos, desteiros, exílios, e no meio, largos períodos de clandestinidade. Ao crescer, em suas memórias, os instantes em que se viu alijado das paradas no Pacífico, Laferte nos transmite uma série de quadros de estúpida e perversa desumanidade — coisas no entanto anormais nos métodos aplicados pela feroz reação policial.

Em mais de meio século de ativa participação nas lutas sindicais e políticas do proletariado chileno, Laferte, com a experiência que acumulou e com o prestígio que o levava aos postos de comando do movimento operário e comunista, atingiu o ponto máximo de presidente do Partido Comunista do Chile.

Por fim, combatido pelos anos e pelas duros provas de toda uma vida de lutas, afetado por grave enfermidade, o indefeso batalhador teve de conformar-se com a quietação física, mas o espírito ardendo como sempre, inquieto, polémico, indomável. Entregou-se então à redação de um livro de memórias — A Vida de um Comunista, páginas autobiográficas escritas com saborosa simplicidade, de maneira direta, clara, franca, em que nos conta o que viu e ouviu, relata as lutas e agitações de que participou, falando dos homens com quem

lidou, amigos e inimigos, rememorando episódios e fatos da política chilena contemporânea — um verdadeiro resumo da história social de sua pátria na primeira metade deste século.

Ao chegar à última página de suas

memórias, Elias Laferte deixou estampadas estas serenas e fortes palavras:

«Agora espero. Que espero? A morte? Não, nada disso. A morte virá o seu tempo, mas eu não perco o meu a aguardá-la. Não, o que es-

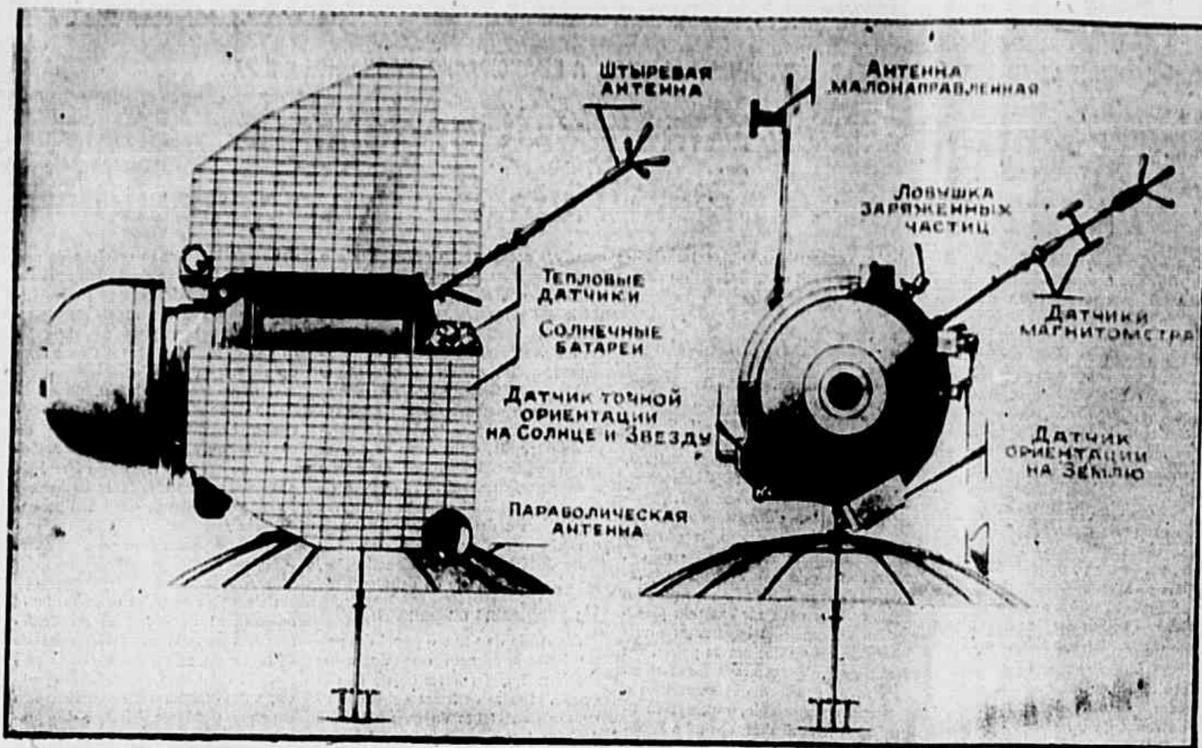
pero é o triunfo final dos trabalhadores na luta que sustentam e em que me coube participar, como um soldado a mais, durante cinquenta anos de minha vida».

Grande vida e grande luta. Elias Laferte.

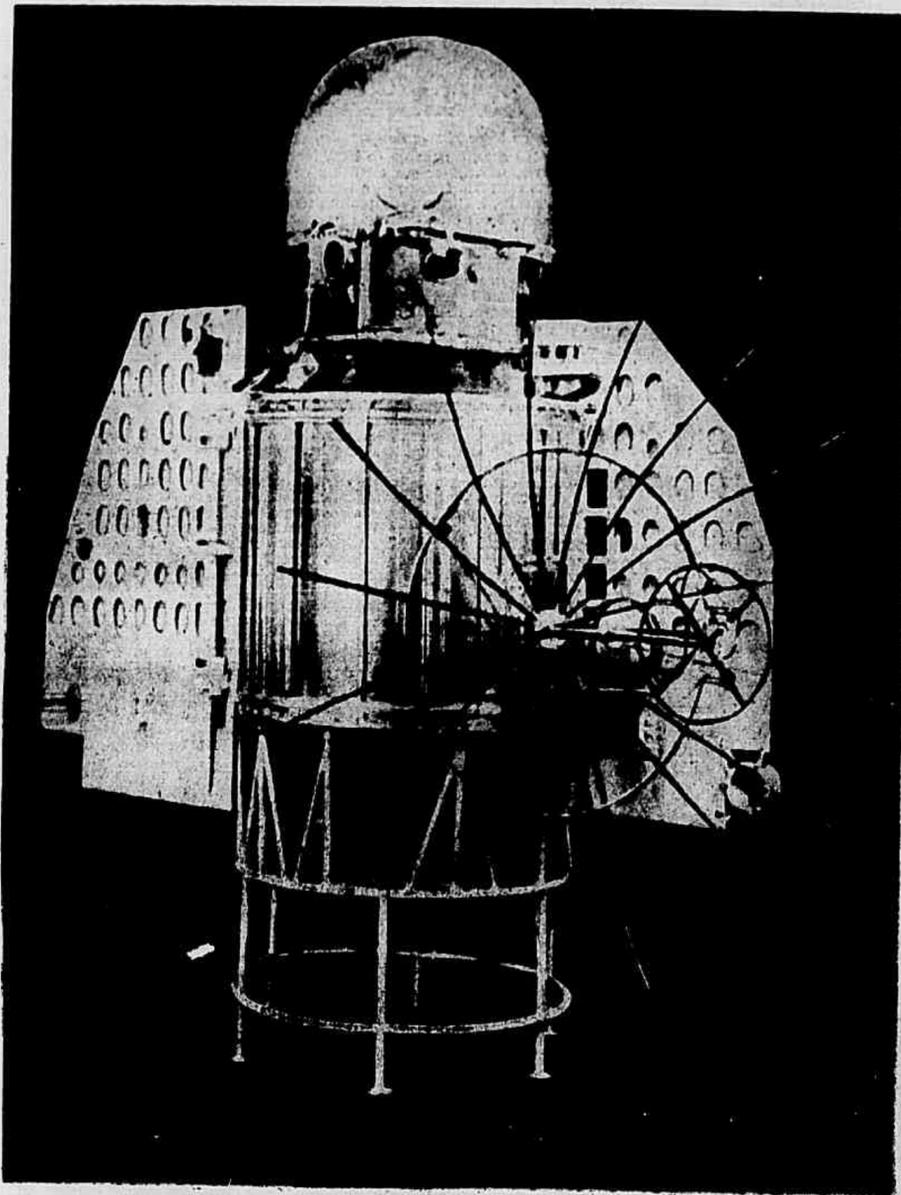


Um destacado dirigente operário

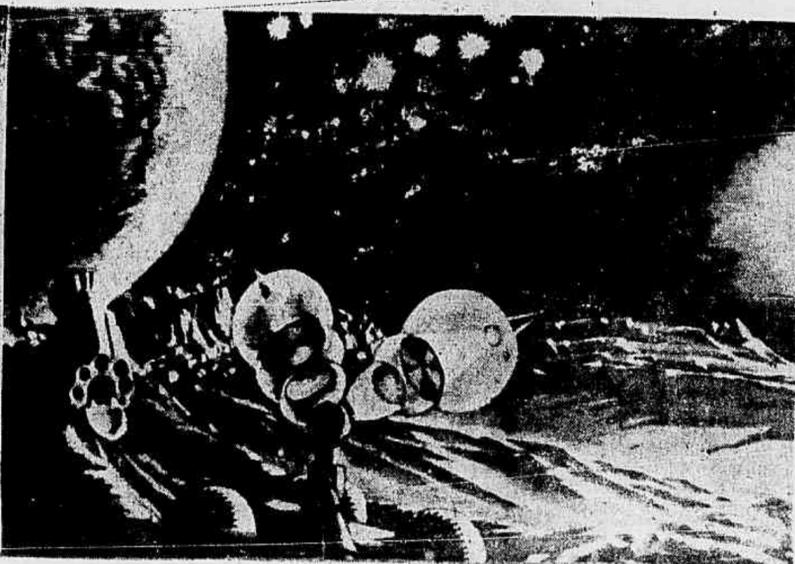
Com cerca de 75 anos de idade, dedicados à luta da classe operária chilena, recebeu a presidente do Partido Comunista do Chile. A foto nos mostra o dedicado dirigente Elias Laferte, por ocasião de sua visita à RDA, quando entrevistou-se com Walter Ulbricht, 1º secretário do PC da Alemanha Democrática. Os dois primeiros, à contar da esquerda, são Ulbricht e Laferte.



"Venusik" (em Silêncio) Continua Seu Caminho



NOVOS RUMOS



EM TODOS os cantos da Terra o voo do «Venusik» estava sendo acompanhado com enorme interesse. Era o primeiro contacto com um planeta de nosso sistema solar. Desde o dia 12 de fevereiro as atenções — dos astrônomos ao homem comum das ruas — voltavam-se para a viagem maravilhosa. Agora, perdido o contacto (talvez apenas provisoriamente) resta a certeza de que a experiência, qualquer que seja o seu resultado, foi mais um significativo passo para a conquista do espaço cósmico.

A bordo da estação automática interplanetária lançada do satélite artificial da Terra foram colocados aparelhos científicos destinados a investigações da irradiação cósmica, dos campos magnéticos, da matéria interplanetária e ao registro dos choques com micrometeoritos. Foi também montado, no interior da estação, um sistema radiotécnico com a função de medir os parâmetros do movimento da estação em relação à Terra, transmitir os resultados das medições realizadas a bordo pelos aparelhos científicos e comunicar os dados a respeito do regime de trabalho das

instalações colocadas a bordo.

O desenho do alto da página é o esquema da estação, com seus dispositivos assinalados.

A foto logo abaixo do desenho, à esquerda, mostra-nos a estação já pronta, na sua plataforma de montagem.

Qualquer lançamento soviético desperta grande interesse popular na URSS, quando todos desejam conhecer os mínimos pormenores do feito. Reúnem-se multidões para ouvir as comunicações da TASS, anchem-se as salas dos observatórios. A ilustração acima, à direita, é um flagrante tomado no Planetário de Moscou, quando o povo atento ouvia explicações sobre os movimentos da estação automática.

Logo que partem da Terra as naves cósmicas, a imaginação dos homens começa a representar gráficamente o que um dia será visto. A foto da esquerda mostra-nos o professor Georgi Poltrovsky, renomado cientista soviético, que, além de suas atividades estímatamente científicas, costuma fazer desenhos que são freqüentemente publicados nos revistas de ciência popular.